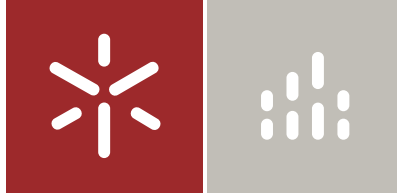


Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Juliana Filipa Pereira Bento

(Re)conhecimento e Interpretação
da Cerca do Mosteiro de Arouca



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Juliana Filipa Pereira Bento

(Re)conhecimento e Interpretação
da Cerca do Mosteiro de Arouca

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Área de Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
Arquiteto João Paulo Cabeleira Marques Coelho

DECLARAÇÃO

Nome: Juliana Filipa Pereira Bento

Endereço eletrónico: julianabento7@hotmail.com Telefone: 912 197 145

Número do Bilhete de Identidade: 14004433

Título da dissertação de mestrado:

(Re)conhecimento e Interpretação da Cerca do Mosteiro de Arouca

Orientadores:

João Paulo Cabeleira Marques Coelho

Ano de Conclusão: 2016

Designação da Área de Mestrado: Cultura Arquitetónica

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO,
MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: Juliana Filipa Pereira Bento

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Ao Professor Cabeleira, pela dedicação e orientação fundamentais à concretização deste projeto de investigação.

À Escola de Arquitetura da Universidade do Minho e todos os professores que se cruzaram comigo durante o meu percurso académico, pela partilha de conhecimentos e fascínio pelo mundo da arquitetura.

À Direção Regional da Cultura Norte, em especial à Arquiteta Ângela Melo, pela cedência de toda a informação possível.

Ao Sr. Matos, pela paciência e disponibilidade ao longo deste trabalho e, sobretudo, por me transmitir sábios conhecimentos e paixão por esta terra.

A todos os meus amigos e colegas que, direta ou indiretamente, estiveram presentes nesta caminhada e fizeram destes últimos anos especialmente memoráveis.

Aos meus pais, que foram sempre o meu pilar de apoio. Obrigada por me deixarem acreditar e seguir os meus sonhos.

À restante família, pelo apoio e preocupação.

A todas as entidades de Arouca que me proporcionaram a ajuda e o auxílio necessário no decorrer da dissertação, partilhando interesse e informação sobre este maravilhoso território.

A todos, obrigada.

RESUMO

A presente investigação tem como objeto de estudo a Cerca de clausura do Mosteiro de Arouca, o qual deverá ter sido fundado em meados do séc.X e alcançado bastante notoriedade com o padroado de D.Mafalda de Portugal.

Passando por várias fases, o objeto em causa começou por pertencer à Ordem Beneditina, filiando-se mais tarde à Ordem de Cister. Porém, com a extinção das Ordens Religiosas, o complexo monástico e todo o seu património passaram a pertencer ao Estado Português. A partir daqui, os bens do cenóbio ficaram sobre posse da Fazenda Pública, sendo todo o espólio artístico recolhido no Museu de Arte Sacra, entretanto instalado no próprio edifício.

O Mosteiro tem vindo a sofrer pequenas obras de recuperação e restauro, mas a Cerca mantém-se sob poucas intervenções. Dotada de vários objetos religiosos, como capelas onde outrora a classe alta se recolhia em momentos de reflexão, percursos, linhas de água e fontes, jardins, zonas de mata e produção, este elemento exterior ao complexo monástico foi entrando em desuso ao longo dos tempos.

Reconhece-se que existiam várias tipologias de Cercas nos Mosteiros desta época. Contudo, verifica-se que o objeto que se pretende estudar tinha como característica o encerramento propício ao voto de clausura feito pelas freiras que ali circulavam. Assim, compreende-se que a Cerca de clausura seria o único espaço cercado monástico que estabelecia contacto direto com o interior do Mosteiro.

Desta forma, o princípio condutor da investigação passará pela vontade de reconhecer, interpretar e analisar a Cerca de clausura do Mosteiro, visto ser um espaço enriquecido de elementos e momentos que entraram em esquecimento, tornando-se mesmo desconhecidos para a população de Arouca.

ABSTRACT

This research has as study object the closing fence of Arouca's Monastery, which might have been founded in the middle of the X century and achieved enough notoriety under the patronage D.Mafalda of Portugal.

Passing through several phases, the object in question initially belonged to the Benedictine Order, having become affiliated to the Cistercian Order later. However, with the extinction of the religious orders, the monastery complex and all its assets belonged to the Portuguese State. However, it remained the right of the nuns remaining in the convent to reside there until the death of the latter, which occurred in 1886. From here on, the monastery's assets became the ownership of the Treasury, and all the artistic treasures collected at the Art Sacra Museum, in the meantime installed in the building.

The Monastery has been undergoing minor refurbishment and restoration, but the Fence has had few interventions. Endowed with various religious objects, such as chapels where once the upper class gathered in moments of reflection, paths, waterways and fountains, gardens, forest areas and production, this composing element of the monastic complex was discontinued over time .

It is recognized that there were several types of fences in the Monasteries of this time. However, it appears that the object to be studied was to feature the closure conducive to cloistered vow made by the nuns there circulating. Thus, it is understood that the closing fence is the only closed monastic space which established direct contact with the inside of the Monastery.

Thus, the guiding principle of the research will include the desire to recognize, interpret and analyze the Arouca Monastery Fence, since it is a space enriched with elements and moments that went into oblivion, becoming even unknown to the population of Arouca.

ÍNDICE

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
CAPÍTULO I Introdução	3
1.1 Caso de estudo	5
1.2 Objetivos	7
1.3 Metodologia	9
1.4 Estrutura da tese	11
CAPÍTULO II Enquadramento do caso de estudo	13
2.1 Fundação do Mosteiro	14
2.2 Rainha Santa Mafalda e as suas intervenções	24
2.3 Ordem de Cister	26
2.4 Renovações e transformações no Mosteiro	32
2.5 O Mosteiro feminino	36
2.6 A Cerca Monástica	38
2.7 O pós-extinção das Ordens Religiosas	40
CAPÍTULO III Análise da Cerca	45
3.1 A implantação	46
3.2 O sistema hídrico e os seus equipamentos	50
3.3 A vegetação e o sistema produtivo	66
3.4 A acessibilidade e os percursos	70
3.5 As marcas	74
3.6 Os limites da Cerca	86

CAPÍTULO IV A Cerca	91
4.1 Interpretação	92
4.2 Comparação com outras estruturas monásticas	102
4.2.1 Mosteiro de Lorvão	102
4.2.2. Mosteiro de Celas	108
CAPÍTULO V Conclusão	113
BIBLIOGRAFIA	123
ÍNDICE DE FIGURAS	129
ANEXOS	132



100m





<< Figura 1

Ortofotomapa de Arouca

Escala 1.10 000

2016

Figura 2 >

Fotografia da Cerca . 1967

in Sistema de Informação para

o Património Arquitetónico

<http://www.monumentos.pt/>

CAPÍTULO I | Introdução



1.1 | Caso de Estudo

A presente dissertação tem como objeto de investigação a Cerca de clausura do Mosteiro de Arouca, a qual se constituía parte determinante do microcosmos habitado pelas freiras de clausura e que, por sua vez era, juntamente com a massa construída do cenóbio, o cerne de todo o conjunto monástico.

O Mosteiro situa-se no vale arouquense e é um dos pontos de referência da Vila gerada sob sua influência, devido à importância que adquiriu em tempos passados, demarcando-se no país.

Com a sua implantação estratégica, o cenóbio tira proveito das características do território, vasto em cursos de água e propício à prática da agricultura, atividade que ainda hoje assenta parte da vida local.

*‘Arouca, terra de vales profundos e férteis, profusamente irrigados por inúmeros cursos de água e encaixados em protetoras e altas serras (...)’.*¹

Compreende-se que nos séculos de esplendor do Mosteiro, todas as regiões vizinhas deveriam ser atraídas para a Vila, acarretando o desenvolvimento desta, assim como o enriquecimento do cenóbio.

Deste modo, surge um interesse pessoal em obter mais informação e conhecimento sobre este marco na paisagem arouquense, por ser um espaço que conheço desde criança e que sempre me despertou curiosidade e fascínio. O facto de existirem lugares e momentos para além do edifício monástico, que enriqueciam e abasteciam o cenóbio e que também eram parte integrante dos ritos de trabalho e oração, revelou ser um tema de pouco conhecimento, servindo de impulso para a realização deste trabalho.

1 COELHO, Maria Helena [et al], 2003, p.9

1.2 | Objetivos

Com esta investigação pretende-se conhecer a Cerca de clausura, realizando uma aproximação a atividades e rituais praticados neste sistema singular que se encontrava diretamente ligado ao Mosteiro, assim como o seu desenvolvimento ao longo dos tempos. Para tal recorre-se à análise e interpretação deste espaço, de modo a que seja possível perceber as várias transformações que ocorreram no Mosteiro e Cerca. Assim, será apresentado um estudo cronológico do conjunto com o intuito de compreender o seu desenvolvimento.

De forma a consolidar o conhecimento acerca desta instituição monástica, o objeto de estudo será confrontado com outros conjuntos tipologicamente e geograficamente próximos, os quais permitam enquadrar, identificar e, porventura, vislumbrar características do Mosteiro de Arouca. Assim, sob esta fórmula poderemos compreender e propor a organização e real dimensão física, funcional e simbólica da Cerca.

Com isto, através desta procura pretende-se contribuir para um maior conhecimento acerca do património de Portugal, mostrando sobretudo à população arouquense um espaço que durante os vários séculos de existência do cenóbio permaneceu oculto, entre muros, ora pelo voto de clausura a que estava sujeito, ora pela decadência e abandono que se manifestaram após a extinção das Ordens.



< Figura 3
 Quadro de registo do
 levantamento
 (em diferentes fases
 do trabalho)



1.3 | Metodologia

Para a realização da dissertação foram adotados três procedimentos que, em certas alturas, se complementaram ou intersetaram, apoiando os objetivos de trabalho finais.

Por um lado, procedeu-se à recolha de material bibliográfico, sobretudo monografias presentes na Biblioteca Municipal de Arouca, de modo a obter informação acerca do Mosteiro e da Vila em que se insere. Elementos como cartografia militar, ficheiros digitais, fotografias² e imagens recolhidas em livros e plataformas online, tornaram possível ampliar a documentação escrita e gráfica de suporte a uma aproximação aos primórdios da Vila e Mosteiro, assim como a especulação do seu desenvolvimento ao longo dos séculos.

Deste modo, os recursos cedidos por entidades como a Direção Regional da Cultura Norte, Câmara Municipal e Biblioteca de Arouca, tornaram-se a base fundamental ao desenvolvimento deste projeto de investigação.

Em paralelo, recorreu-se a uma aproximação à amostra. Assim, foi possível proceder ao levantamento de alguns elementos, ao mesmo tempo que a experiência direta do lugar e a reflexão sobre as marcas aí presentes permitiram avançar na identificação e especulação da Cerca de clausura. Aqui, recolheu-se bastante material fotográfico³ correspondente ao aspeto atual do Mosteiro e Cerca, reconhecendo algumas marcas que denunciam equipamentos, rituais e mecanismos existentes noutros tempos. Este levantamento foi registado num quadro (figura 3) que auxiliou a compreensão deste espaço, assim como o cruzamento da informação encontrada ao longo da investigação.

Por fim, procedeu-se à interpretação dos dados históricos recolhidos, para que fosse possível compreender o funcionamento e origens da Cerca do Mosteiro de Arouca, passando por processos de sintetização e interpretação da vasta informação, fundamentados nos desenhos apresentados ao longo do trabalho.

² A maior parte das fotografias antigas apresentadas na presente dissertação foram recolhidas numa plataforma digital que tem como objetivo reunir o maior número possível de imagens, de modo a criar um Arquivo Fotográfico de Arouca. Esta plataforma é denominada como *Contributo para o futuro arquivo de Arouca*.

³ As fotografias e imagens da autoria da aluna apresentadas ao longo do trabalho serão assinaladas com a nomenclatura JB. É de referir que foram várias as visitas feitas ao local e, por isso, o levantamento fotográfico não se realizou numa data exclusiva.

1.4 | Estrutura da tese

Apesar de apresentar cinco capítulos, o núcleo central da dissertação encontra-se dividido em quatro partes distintas, mas complementares: o **enquadramento** a nível histórico e físico da implantação do Mosteiro e as suas principais características; a **análise** do caso de estudo selecionado; a **interpretação** da informação recolhida a nível bibliográfico e *in situ*; e, por fim, a **conclusão** que se retira, consequente das fases anteriores, clarificando o desenvolvimento e funcionamento da Cerca de clausura do Mosteiro de Arouca.

Deste modo, o primeiro capítulo representa uma pequena introdução, na qual se apresenta o objeto de estudo da dissertação, assim como as motivações e objetivos que levaram à realização deste trabalho.

O segundo capítulo, referente ao enquadramento do objeto de estudo, tem como objetivo perceber qual o contexto histórico que se vivia em Portugal aquando da construção da primeira ermida, assim como perceber as características inerentes ao complexo monástico. Aqui, acompanha-se o desenvolvimento da Vila de Arouca e os principais acontecimentos ligados ao seu Mosteiro, a nível construtivo e organizacional.

O terceiro capítulo apresenta a análise do objeto, realizada através do levantamento e informação recolhida por várias entidades. Nesta fase, percebe-se as características físicas do vale onde o Mosteiro foi implantado, os sistemas hídricos e produtivos presentes na Cerca, assim como as marcas encontradas de equipamentos que outrora existiram neste vasto território adjacente ao Mosteiro. Este capítulo tem como função registar o que existe atualmente, com o intuito de alcançar uma aproximação, mesmo que especulativa, à restituição da Cerca anterior à extinção das Ordens religiosas.

Por sua vez, o quarto capítulo diz respeito à interpretação da informação recolhida nos capítulos anteriores, explorando o material encontrado no local e em monografias. Aqui é feito o cruzamento de informação e características do Mosteiro de Arouca com outras instituições religiosas.

Por último, o quinto capítulo representa a conclusão e reflexão obtidas sobre a Cerca do Mosteiro de Arouca.

Figura 4 >

Fotografia da Cerca. 1959
in Sistema de Informação para
o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

CAPÍTULO II | Enquadramento do Caso de Estudo



2.1 | Fundação do Mosteiro

De forma a ser compreendida a fundação e desenvolvimento do Mosteiro de Santa Maria de Arouca, torna-se necessária a perceção e contextualização histórica do território onde se insere o complexo monástico. Assim, imprescindivelmente retorna-se à época da Reconquista Cristã da Península Ibérica.

Sucintamente, por volta do séc. VIII a Península Ibérica encontrava-se sob o domínio dos muçulmanos, que conquistaram toda a região, com exceção do Norte da Península, a partir de onde se impulsiona a movimentação de recuperação do território por parte dos cristãos.

Assim, a reconquista cristã avança e atinge a linha do rio Douro por volta dos séculos VIII/IX. Com o avanço militar, os cristãos começaram a repovoar terras e, para tal, construíam Mosteiros em locais estratégicos, que marcavam o domínio desta comunidade no território, ao mesmo tempo que se organizava o seu povoamento e ativação agrícola.

“As instituições religiosas eram altamente vantajosas nesta época, dado que promoviam o repovoamento e a colonização da terra conquistada e desenvolviam a agricultura, obstando os problemas da miséria e da fome e sendo porto seguro para tempos tão incertos.”⁴

Por volta do séc. X, quando a Reconquista se movimentava em direção a Sul, o vale de Arouca tendeu a normalizar-se e aparecem as primeiras referências ao Mosteiro, possivelmente sob a forma primitiva de uma ermida⁵. No entanto, o território arouquense absorveu as várias invasões que sofreu e apenas atingiu alguma estabilidade com a conquista de Coimbra em 1064, fase em que os cristãos recuperam o território até à linha do Rio Mondego, nos sécs. X/XI⁶.

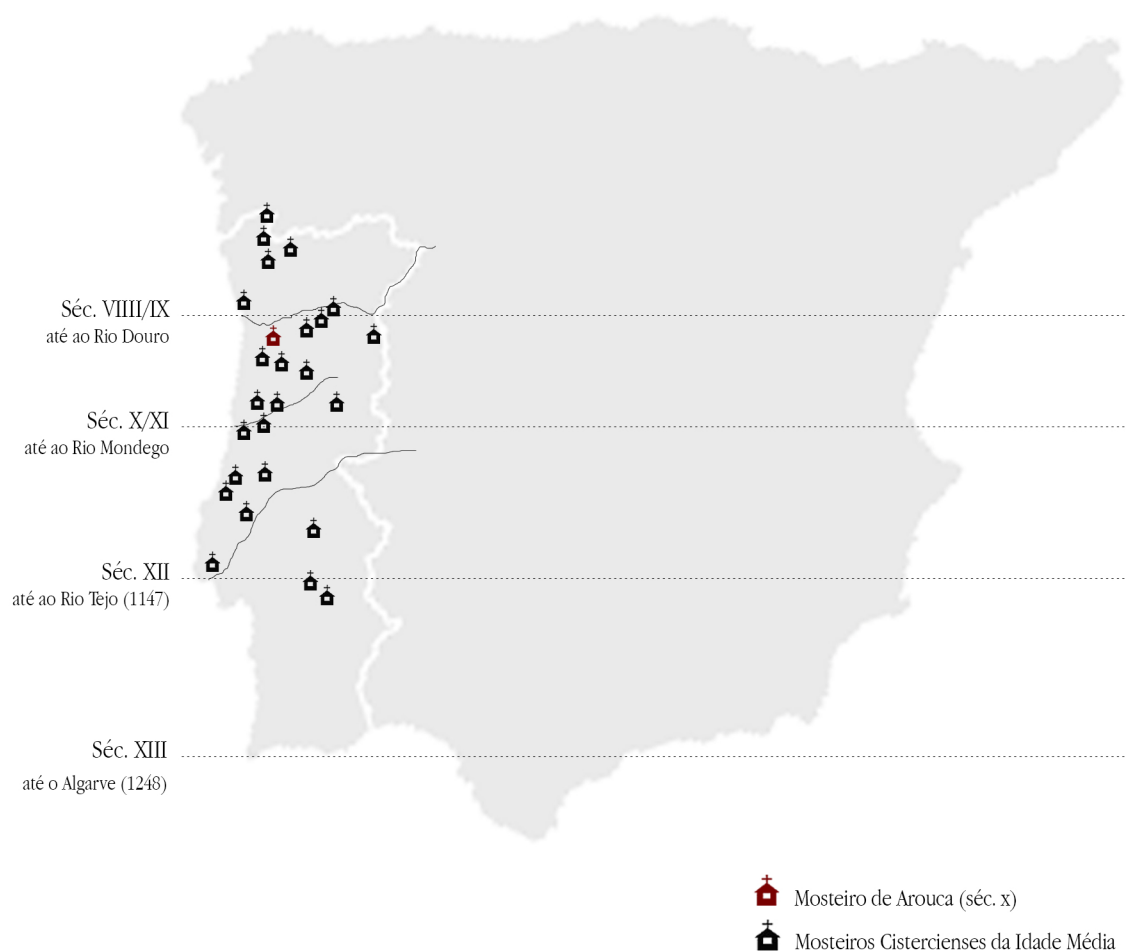
A reconquista cristã teve fim, em Portugal, em 1248 com a chegada ao território algarvio.

Figura 5 >
Mapa da Reconquista Cristã da Península Ibérica com localização dos Mosteiros Cistercienses da Idade Média JB.

⁴ COELHO, Maria Helena da Cruz, 1988, p.21

⁵ Idem, p.22

⁶ RIBEIRO, Ângelo, 2004, p.43



O isolamento e a certeza de que a terra e as águas do território arouquense seriam a garantia do seu sustento, fizeram deste vale um local propício à implantação de um Mosteiro.

Fundado por Loderigo e Vandilo⁷ entre 915 e 925, a inicial ermida passa a agregar novas terras e bens, na segunda metade do séc. XI, após ter sido vendida pelos descendentes dos fundadores. Aqui passou de um pequeno cenóbio, ornado com pobreza, para um Mosteiro de maior escala. Contudo, não se sabe se este novo Mosteiro resulta de uma ampliação da primitiva construção ou se corresponderia a uma nova edificação⁸.

Consagrado pelos Bispos de Coimbra e Lugo, a pedido de D. Arsur (proprietário do Mosteiro após a morte dos fundadores), o complexo monástico inicialmente ficou sob a invocação de São Pedro, São Paulo, São Cosme e São Damião até cerca de 1087. A partir do século XII, passaram a ser invocados os cultos de Santa Maria, São Paulo e São Pedro.

No entanto, permanece oculto o lugar original da pequena ermida. Alguns historiadores defendem que o local coincidiria com o atual, enquanto outros estudiosos intercedem por uma localização distinta, tal como Pedro Dias que aponta para uma localização ligeiramente mais abaixo da atual Igreja⁹.

Por volta do século XII foram vários os casos de Mosteiros que procuraram os vales como local de implantação, alterando a sua localização original. Talvez estas modificações de localização de conjuntos monásticos estejam relacionadas com a procura de um melhor aproveitamento das terras e dos seus recursos.

Deste modo, pensa-se que o mesmo terá sucedido em Arouca. Assim, o novo Mosteiro, que surge integrado no processo de Reconquista cristã da Península Ibérica, terá aproveitado a fertilidade do vale, retirando vantagem da proximidade do rio Arda e dos seus afluentes para seu próprio usufruto.

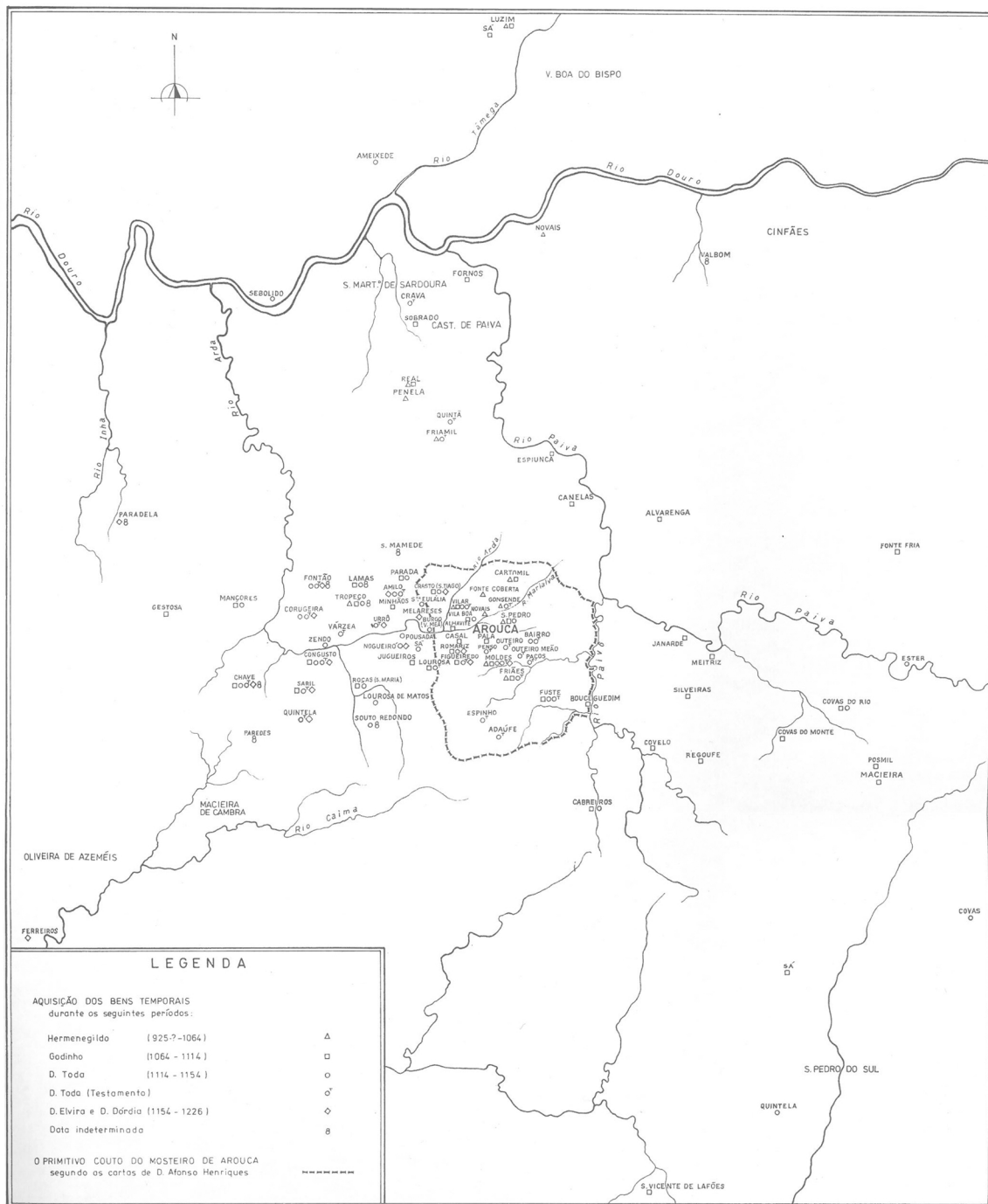
Figura 6 >
O primitivo couto do
Mosteiro de Arouca
in COELHO, Maria Helena, O
Mosteiro de Arouca: do séc.X
ao séc. XIII, 1998.

7 COELHO, Maria Helena da Cruz, 1988, p.22

Dois irmãos herdaram uma contenda com o bispo de Lamego sobre algumas propriedades. Para resolver a discordância estabeleceram um acordo que delegava as ditas propriedades à Igreja, na condição de ser fundado um Mosteiro.

8 PINHO, Arnaldo, COELHO, Maria Helena da Cruz [et al], 2003, p. 9-10

9 DIAS, Pedro, 1980, p.13



Mosteiro de Arouca — Aquisição do Património

Como referido, os Mosteiros promoviam o repovoamento nas terras onde se inseriam. Assim sendo, vários autores defendem que é a partir da implantação da ermida primitiva que o núcleo da Vila de Arouca se começa a desenvolver, em meados do séc. X¹⁰. Efetivamente, percebe-se que o que veio a ser mais tarde um Mosteiro demonstrou ser um precioso impulsionador do desenvolvimento e crescimento de Arouca.

Deste modo, torna-se pertinente perceber o desenvolvimento da Vila a nível morfológico, visto estar estreitamente relacionado com a fundação do conjunto monástico.

Como se pode verificar na figura 7, os principais caminhos que aqui se cruzavam nos séculos X/XI ligavam a instituição religiosa ao exterior¹¹, a localidades vizinhas, como Castelo de Paiva, Cinfães, Oliveira de Azeméis, entre outras. É a partir deles que se começam a implantar as primeiras habitações, conformando um núcleo central.

É de referir a relevância da Rua Darca, uma das mais documentadas da Vila¹², a qual tinha início no núcleo primário e prosseguia em direção a norte. Esta rua será marcada pela consolidação de um aglomerado de habitações, que contribuiu para a expansão de Arouca. Este crescimento da Vila deverá ter ocorrido entre os sécs. XV/XVI, uma vez que por esta altura já se faz referência à existência da Rua Darca¹³. Contudo, após a construção do Calvário, no séc. XVII, a Rua Darca terá acarretado uma maior fixação de habitações.

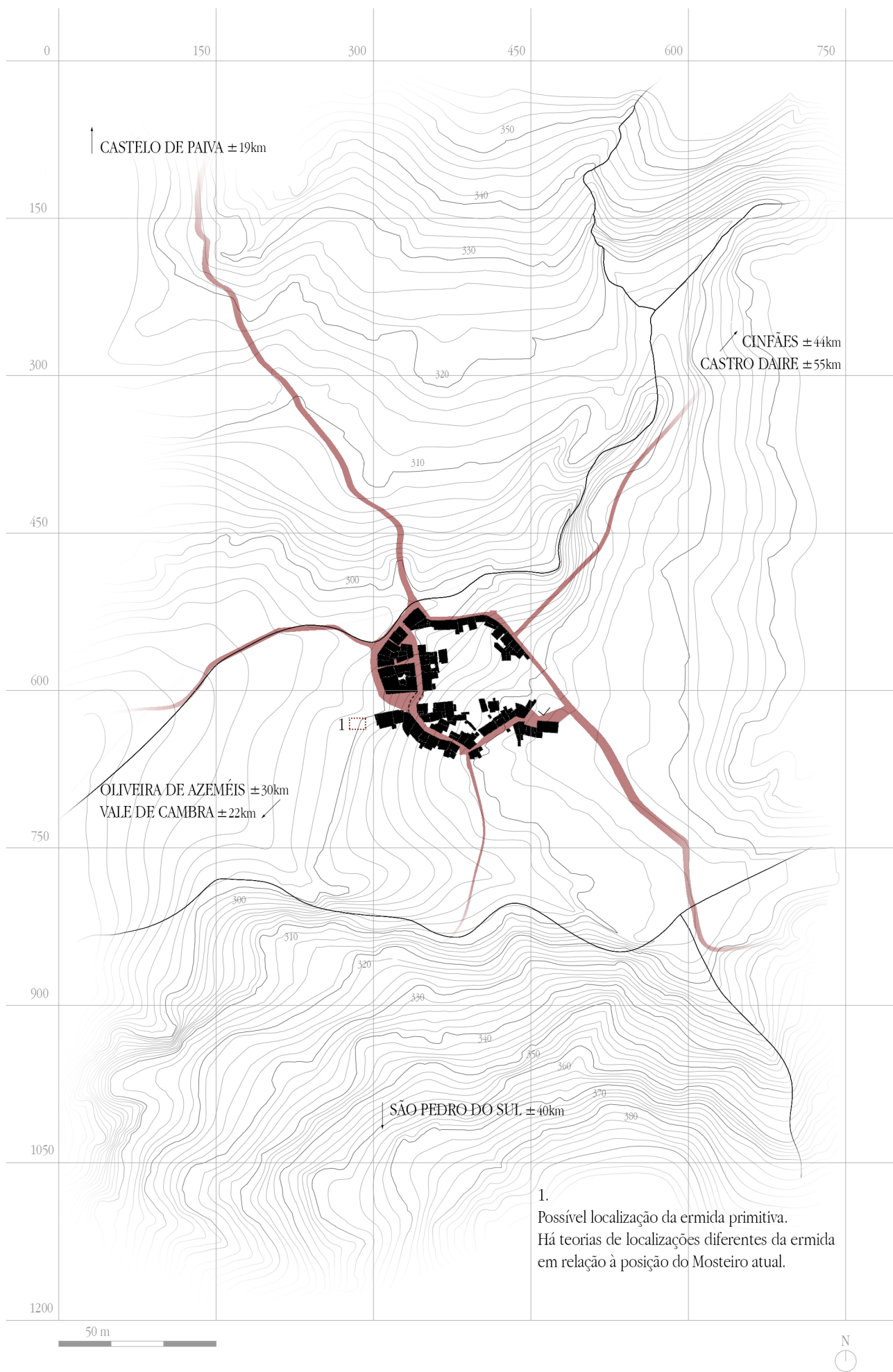
Figura 7 >
Planta do desenvolvimento da
Vila do séc. X/XI
Escala 1:5000
JB.

10 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.228
Imagem representativa do núcleo urbano gerador da vila de Arouca (séculos X/XI), segundo o autor

11 Idem, p.230

12 SILVA, Filomeno Amaro Soares da, 1993, p. 24-25

13 Idem, p. 24



1.
Possível localização da ermida primitiva.
Há teorias de localizações diferentes da ermida
em relação à posição do Mosteiro atual.

Os séculos XVII/XVIII trouxeram grandes transformações ao Mosteiro e, por sua vez, à Vila de Arouca. Como se pode verificar na figura 8, e como já foi referido, a Rua Darca começa a representar alguma notoriedade no território arouquense, sobretudo após a construção do Calvário.

Assim, o afloramento granítico, ao qual se sobrepôs várias cruzes e um púlpito, servia de palco a celebrações quaresmais¹⁴. Ao longo do itinerário, a procissão passava por vários marcos religiosos, assim como algumas cruzes que marcavam o percurso do calvário.

Por volta do séc. XVIII, o aglomerado urbano existente apresentava cerca de cento e setenta fogos¹⁵. No entanto, foram várias as estruturas religiosas e dependências do Mosteiro construídos ao longo deste século.

No que diz respeito a construções religiosas por onde passava a dita procissão e como se pode observar na figura 5, a Vila foi enriquecida pela construção da Capela de São Gonçalo (4), Capela de Santo António (5) e Capela do Espírito Santo (7).

Segundo Manuel Moreira da Rocha, a configuração da Vila do séc. XVIII já compreendia a existência de alguns espaços livres, como o Terreiro de Fora (A), a Praça da Vila (B) e a Praça de Cima (C).

Por sua vez, o Mosteiro que demonstrava ser por esta época um conjunto complexo e organizado, possuía construções que não só apoiavam o seu funcionamento, como traziam algum desenvolvimento e fluxo de pessoas na Vila. São exemplo a Hospedaria dos Padres (2) e Hospedaria de fora (3), nas quais se alojavam os religiosos visitantes e outras entidades.

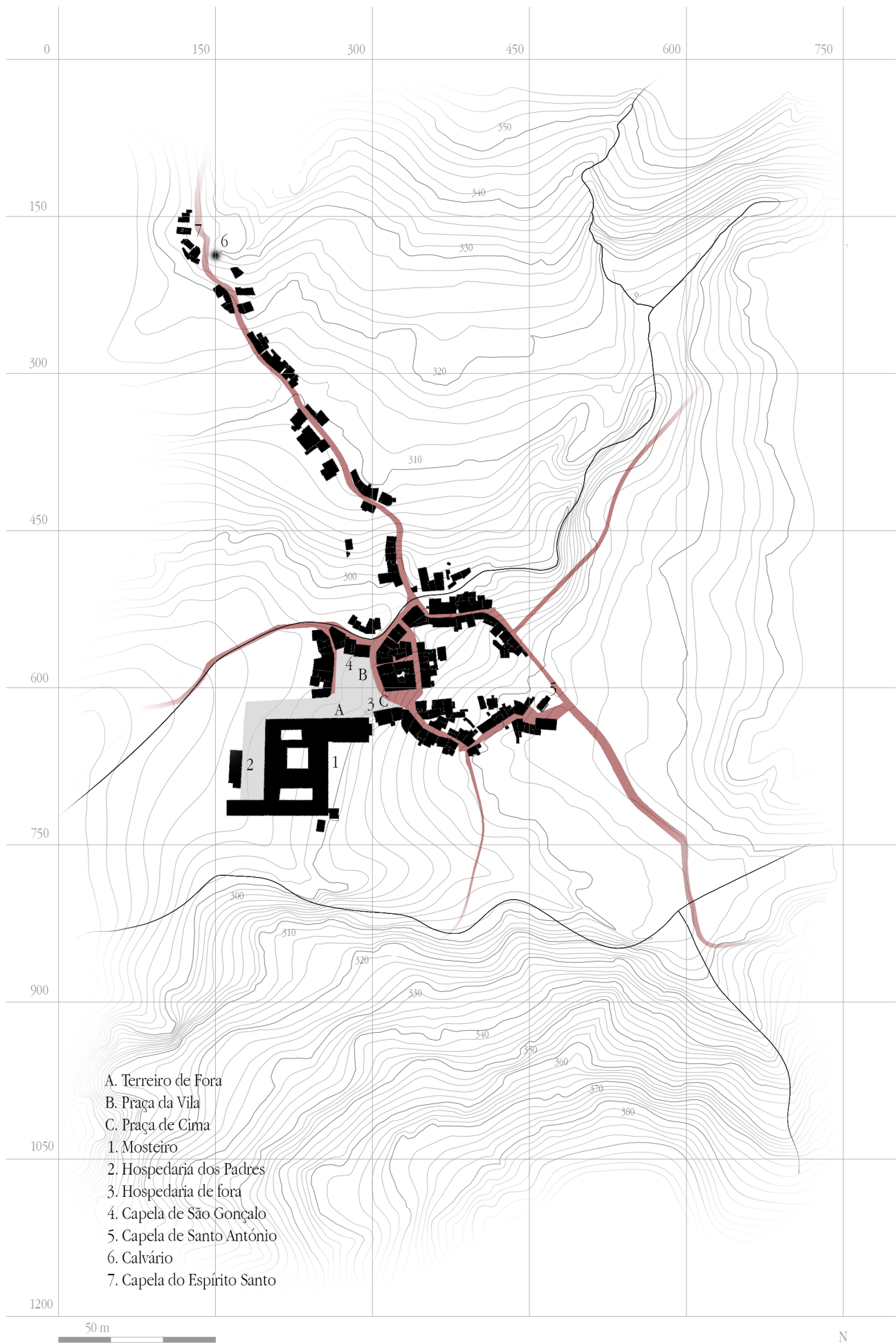
Apesar das novas construções, Arouca era, no fim do séc. XVIII, uma pequena e isolada vila que vivia, sobretudo, sob a ascendência do Mosteiro.

Figura 8 >
Planta do desenvolvimento da
Vila do séc. XVII/XVIII
Escala 1.5000
JB.

O Calvário marca o fim do percurso da Via-Sacra, no qual o itinerário tinha início na Igreja do Mosteiro, (1), prosseguindo para a Capela de Santo António (5). De seguida, dirigia-se para a Rua Darca, terminando no Calvário (6) e Capela do Espírito Santo (7).

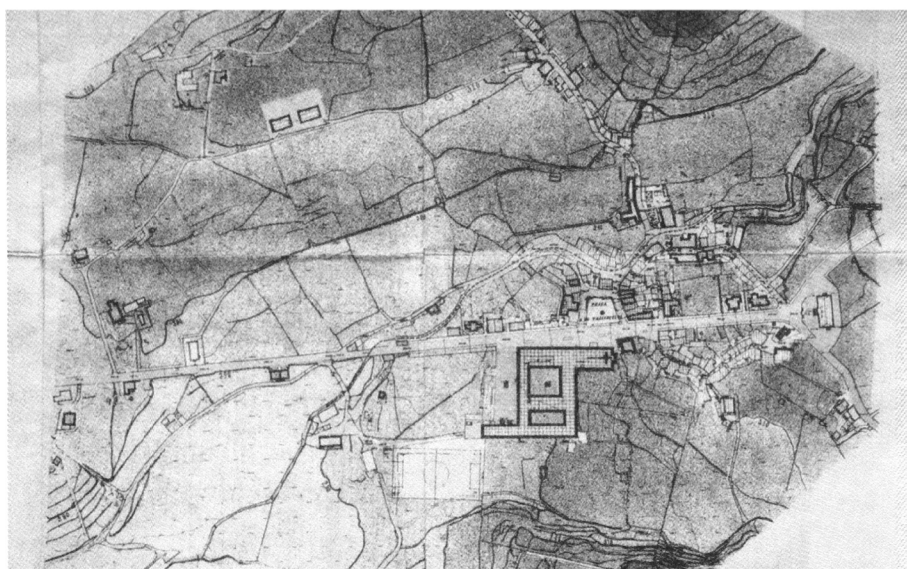
¹⁴ ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.230

¹⁵ Idem, p.227



Efetivamente, até ao final do séc. XIX a Vila dividia-se em dois núcleos, tendo como referência o Mosteiro: um que se desenvolvia na parte nascente do cenóbio e que terminava na Capela de Santo António (representada na imagem da página anterior); e outro que se estende para norte, conformando a Rua Darca. Contudo, era neste segundo núcleo que se encontravam os edifícios mais representativos da Vila, assim como outros equipamentos relevantes à organização e administração de Arouca¹⁶.

No entanto, a imagem da Vila modifica-se um pouco no final do séc. XIX com a construção de uma rua que hoje se apresenta como avenida principal de Arouca. Esta rasga o núcleo primitivo, avançando paralelamente ao alçado norte do Mosteiro, o qual também deverá ter sofrido algumas alterações com esta construção.



É de salientar que esta rua passou por várias etapas de construção. Pensa-se que inicialmente se restringia a ligar o Mosteiro ao núcleo primitivo da Vila. Posteriormente terá sido expandida um pouco para poente, cruzando com uma outra rua que nascia junto à Rua Darca.

Contudo, em 1933 foi expandida para nascente quando se construiu a nova Câmara Municipal e a partir de 1945 terá crescido novamente no sentido poente, ligando a outras terras vizinhas.

Assim, percebe-se que ao longo dos séculos a Vila e o Mosteiro sofreram um grande desenvolvimento.

Figura 9 >

Planta do desenvolvimento da
Vila do séc. XXI
Escala 1:5000
JB.

< Figura 10

Projeto do Plano Regulador
em meados do séc. XX
in ROCHA, Manuel Moreira
da, A Memória de um Mosteiro,
2011.

¹⁶ ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.232



2.2 | Rainha Santa Mafalda e as suas intervenções

O complexo monástico, que inicialmente seria propriedade de particulares, passou posteriormente a pertencer à coroa, uma vez que D. Sancho legou-o a D. Mafalda, em testamento. A ligação da nobreza a este tipo de estrutura religiosa não se prendia apenas com o interesse por lugares de culto, como vantajoso, na medida em que esta recebia generosos rendimentos, assim como outros benefícios, entre os quais a proteção do túmulo da Infanta.

*‘Arouca e o seu Mosteiro ficaram, sem dúvida, imortalizados no tempo devido às influências, às doações, à proteção e ao carinho que a Rainha Mafalda lhe dedicará (...)’.*¹⁷

A Infanta optou por se recolher e dedicar a sua vida ao Mosteiro de Arouca após a dissolução do seu matrimónio com Henrique I de Castela, devido a um impedimento de parentesco e morte prematura. Contudo, tendo encontrado o conjunto monástico em fracas condições económicas e espirituais, D. Mafalda protagonizou uma reestruturação do complexo religioso.

Interessada na valorização do Mosteiro, D. Mafalda não só dinamizou as aquisições da instituição, como promoveu a filiação deste à Ordem de Cister. Assim, substituiu-se o traje negro Beneditino, pelas vestes brancas Cistercienses.

A nível social, a associação da Rainha Mafalda imprimiu alguma importância e notoriedade ao cenóbio, bem como a presença de damas da mais alta linhagem em Portugal.

D. Mafalda morre em 1256, sendo sepultada no Mosteiro de Arouca. Como demonstração do seu carinho pela casa que a acolheu e a sua comunidade, a Rainha deixa em testamento parte dos seus bens e imóveis ao cenóbio.

Figura 11 >
Rainha D. Mafalda de Giovanni
Odazzi - finais do séc. XVIII
Óleo sobre tela
in PINHO, Arnaldo, O Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca: História e Arte, 2003

17 SIIVA, Filomeno, 1993, p.9



2.3 | Ordem de Cister

O Mosteiro de Santa Maria de Arouca esteve sob o domínio de várias ordens religiosas¹⁸, sobretudo nos primórdios da sua existência, mas é geralmente identificado como cisterciense, uma vez que a sua comunidade viveu sob esta Ordem do século XIII até à sua extinção, no século XIX.

Nos inícios do séc. XIII, o clima de deterioração espiritual e material tornava-se cada vez mais significativo, de modo a que D. Mafalda sentiu a necessidade de reformar o complexo monástico, iniciando este processo de renovação pelo interior.

A partir daqui, o Mosteiro passa a estar sob orientação da Ordem de Cister¹⁹, adotando as normas aprovadas nos Capítulos Gerais. Compreende-se que esta Ordem não constitui uma inovação face à estrutura monástica herdada da Ordem Beneditina, mas trata-se de uma reforma da Regra de S. Bento, revendo o modo de aplicação desta. A vida cenobita passará a ser mais rigorosa e em concordância com o que era exigido no tempo do fundador, recuperando o espírito beneditino original que se perdera ao longo dos tempos.

É de referir que a maioria dos Mosteiros que adoptam a nova observância, no séc. XIII, são femininos, à semelhança da instituição religiosa de Arouca²⁰.

Com o intuito de criar um “novo homem”, os cistercienses acreditavam que seria necessário restringirem-se ao interior do Mosteiro, dedicando-se à liturgia e ao trabalho. Assim, percebe-se que a reforma da Ordem Beneditina acredita que a vida monástica deveria ser solitária, austera, despojada de luxos e materialmente simples.

Figura 12 >
Instituições monásticas
cistercienses femininas em
Portugal
JB.

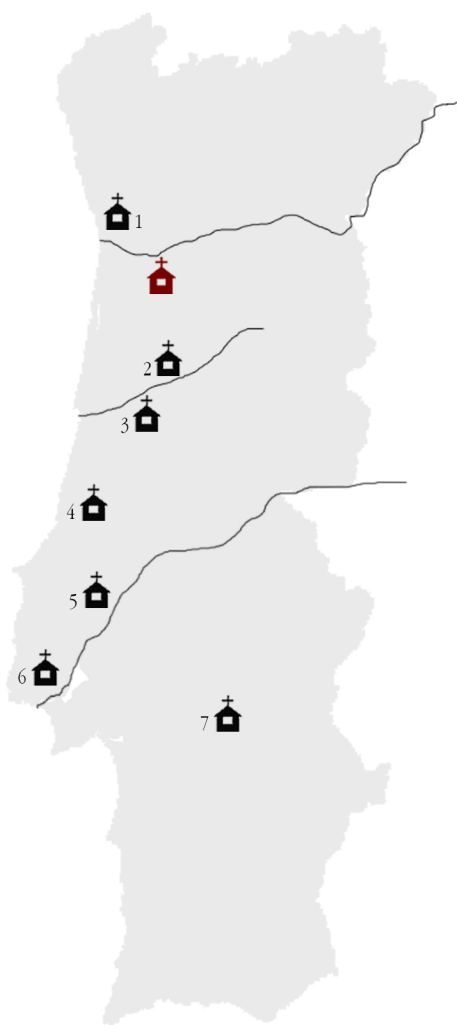
18 COELHO, Maria Helena da Cruz, 1988, p.54



Uma das Ordens Religiosas mais documentada trata-se da Ordem de S.Bento, a qual acredita-se ter apresentado uma significativa duração nos primeiros séculos do Mosteiro de Arouca.

19 AFONSO, José Ferrão [et al], 2003, p.33

O Papa Honório III aprovou a filiação da Ordem de Cister no Mosteiro de Arouca em 1226.

20 MARQUES, Maria Alegria, 1998, p.18-19



-  Mosteiro de Arouca (séc. x)
-  Mosteiros Cistercienses Femininos

1. Mosteiro de Bouças
2. Mosteiro de Lorvão
3. Mosteiro de Celas
4. Mosteiro de Cós
5. Mosteiro de Almoester
6. Mosteiro de Odivelas
7. Mosteiro de Castris

Desta forma, as religiosas arouquenses passaram a viver num ambiente de clausura total, longe de interferências vindas do exterior. Para tal, torna-se premissa fundamental ao funcionamento do Mosteiro cisterciense que este seja auto-sustentável. Compreende-se que seja essencial que tenha no seu interior tudo aquilo que a vida monástica necessita no seu quotidiano.

*“Se possível for, deve o mosteiro ser construído de forma a ter de portas a dentro tudo o necessário, a saber: água, moinho, horta, oficinas onde exerçam os diversos ofícios, a fim de que os monges não tenham necessidade de andar lá por fora, o que não é nada conveniente para as suas almas.”*²¹

Para que a comunidade religiosa não contactasse com o exterior, o complexo encontrava-se, na maioria dos casos, cercado, assim como acontece no Mosteiro de Arouca. Concentrava no seu interior as oficinas e a produção necessária para manter o cenóbio, sem necessitar de qualquer dependência exterior. A reforma cisterciense entendia, portanto, que o contacto com o mundo seria prejudicial para quem habitava o Mosteiro.

Assim, percebe-se que a própria construção tem a preocupação de proteger a comunidade monástica das possíveis influências que podiam provir do contacto com o exterior do complexo edificado.

É de referir que, antes de se instalarem num determinado lugar, os Cistercienses necessitavam ter conhecimento do espaço que iriam ocupar. Por isso, pensa-se que o processo de reconhecimento do local deverá ter ocorrido na instalação desta ordem religiosa no Mosteiro de Arouca, aquando das alterações de D. Mafalda.

*“A escolha do genius loci cisterciense, que radicava na exegese absoluta da legislação beneditina, constituiu uma preocupação deveras exemplar [...], que exigia locais recônditos florestados e abundantes em água, propícios à experiência mística e ao trabalho [...].”*²²

21 Regra de S.Bento cit MORGADO, Duarte Nuno, 2013, p.50

22 JORGE, V.F., *Mosteiros Cistercienses Femininos em Portugal* cit MORGADO, Duarte Nuno, 2013, p.59

De acordo com os critérios estabelecidos pela Regra de S. Bento, os Cistercienses procuravam lugares naturais para se instalarem, de modo a que a vida monástica refletisse o que os rodeava. Seria importante o afastamento do convívio com os homens, uma vez que o mundo poderia acarretar más influências. Assim, quanto mais inacessível fosse, mais apropriado se tornava o lugar.

Os Mosteiros não só deveriam ser afastados das cidades, como implantados em territórios férteis e sobretudo ricos em água, devido ao carácter essencial deste elemento. Deste modo, a água torna-se uma componente necessária e imprescindível à vida comunitária cisterciense. A partir dela as diferentes dependências do complexo monástico poderiam funcionar, nomeadamente a cozinha e oficinas, assim como a agricultura e criação de animais.

*“A presença da água nos mosteiros da Ordem de Cister era obrigatória, primeiro que tudo, pelo seu simbolismo batismal e purificador, mas a sua função prática também nunca foi posta de parte, pois a água era um elemento indispensável à vida monástica. De tal modo, que os monges desenvolveram em grande medida os conhecimentos de hidráulica, tornando-se mestres (também) nesta arte.”*²³

Segundo a Regra de S. Bento e como se veio a verificar no Mosteiro de Arouca, seria necessário incluir alguns equipamentos na estrutura edificada, de modo a que a premissa de isolamento do mundo exterior se viesse a verificar.

Assim, faz-se referência ao celeiro, que seria o local onde se resguardavam as provisões alimentares que serviam a comunidade monástica, recolhidos da horta/o campo. A cozinha e a padaria representam também espaços de importante atividade no Mosteiro.

De modo a cuidar dos mais frágeis e débeis sem que estes se afastassem das instalações monásticas, os cistercienses percebiam a necessidade de existir uma enfermaria, local que designavam como “o lugar dos enfermos”²⁴. Aqui, os doentes eram tratados de forma mais segura e digna, dentro do próprio Mosteiro.

²³ CUNHA, J. A. da, *Multidisciplinaridade na arquitetura cisterciense* cit MORGADO, Duarte Nuno, 2013, p.67

²⁴ MORGADO, Duarte Nuno, 2013, p.56

É de referir que a reforma cisterciense insere a enfermaria como um novo elemento na organização do Mosteiro.

Assim como os Beneditinos, os Cistercienses preocupavam-se com o acolhimento de religiosos que se encontrassem de passagem ou visita, assim como os peregrinos e, para tal, projetavam hospedarias. Em Arouca, existem registos de duas hospedarias: uma junto ao Terreiro e outra perto da Igreja, mas numa área já exterior. Provavelmente a primeira albergaria os padres e a segunda estaria destinada ao possíveis peregrinos que estivessem de passagem. A localização destas estruturas era relevante na medida em que era necessário salvaguardar o silêncio e a oração da comunidade monástica.

A Regra de S. Bento delega ainda alguma importância à portaria do Mosteiro. Desta forma, compreende-se que este seria um espaço relevante do cenóbio, no qual deveria estar presente um monge ou uma freira (no caso de Arouca), para que atendesse os que procuravam a estrutura religiosa. Desta maneira, seria possível exercer alguma supervisão naqueles que visitavam o edifício, protegendo o interior do complexo monástico.

Inevitavelmente, percebe-se que a imposição da Ordem de Cister no Mosteiro de Arouca através das reivindicações de D. Mafalda veio trazer algumas alterações ao complexo religioso, não só na organização construtiva, como nas atividades que se praticavam no Mosteiro.

É de referir que as comunidades femininas cistercienses portuguesas da Idade Média, foram fundadas ao longo do séc. XIII²⁵ e dizem respeito aos Mosteiros de Lorvão, Celas, Arouca, Cós, Cástris, Almoester e Odivelas.

Assim, as primeiras instituições cistercienses de Portugal surgiram por iniciativa das filhas de D. Sancho I: D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda, as quais reformaram ou fundaram o Mosteiro de Lorvão, Mosteiro de Celas e Mosteiro de Arouca, respetivamente.

*“Estas fundações, em especial a de D. Mafalda em Arouca e a de D. Teresa em Lorvão, conduziram a que a nobreza, em especial a alta nobreza, optasse por estes mosteiros, não tanto por opção religiosa mas procurando ligações a um mosteiro prestigiado.”*²⁶

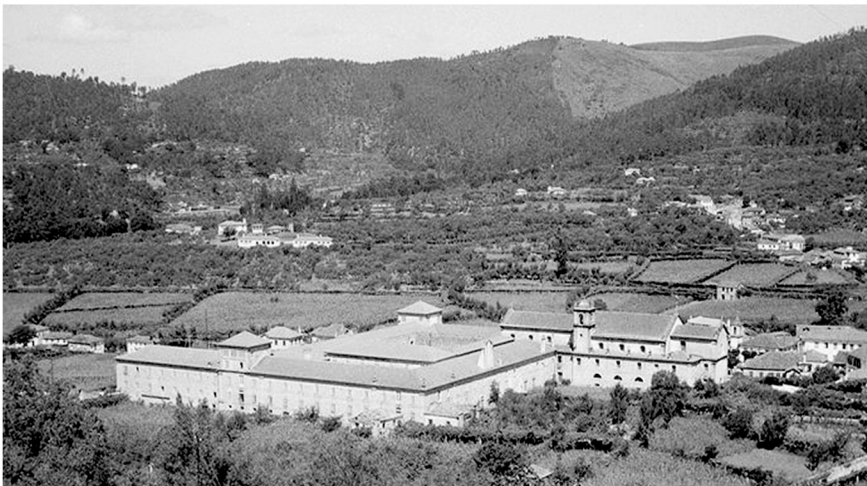
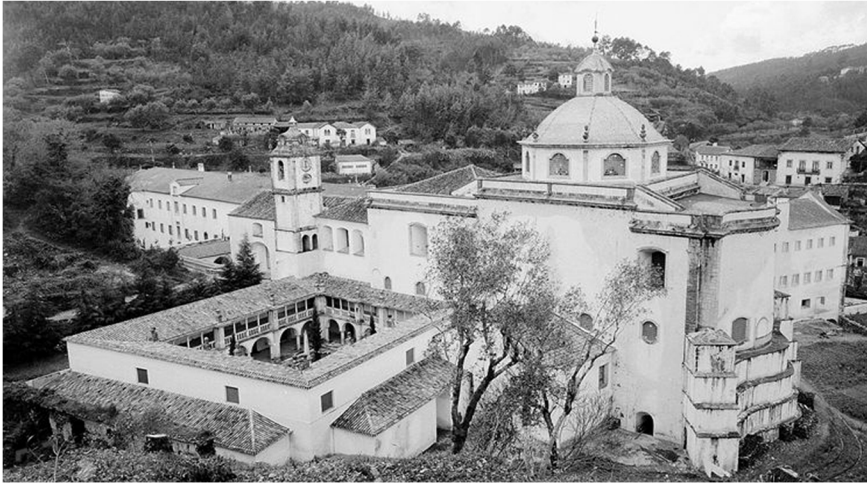
Figura 13 >
Fotografia do Mosteiro de Lorvão
in Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Figura 14 >
Fotografia do Mosteiro de Celas
in Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Figura 15 >
Fotografia do Mosteiro de Arouca
in Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

25 RÊPAS, LUÍS MIGUE, 2005, p. 64

26 TEIXEIRA, Francisco Correia, 2007, p.56



2.4 | Renovações e transformações no Mosteiro

Relativamente à forma do Mosteiro, esta sofreu várias alterações ao longo dos séculos, quer por expansão de espaços, quer pela ocorrência de acidentes, como incêndios. Exemplo destes incidentes é um incêndio ocorrido em 1725, onde “(...) *parte do Mosteiro foi devorado pelas chamas, sem se poder determinar com precisão a extensão da catástrofe.*”²⁷

Verifica-se que dos primeiros séculos de vida do cenóbio não existem praticamente vestígios materiais, devido às profundas transformações realizadas posteriormente. Contudo, segundo Manuel Moreira da Rocha e como se verifica na figura 16 é possível observar a localização de algumas construções antigas. No entanto, sabe-se que nos séculos XVII e XVIII, o Mosteiro foi reconstruído e ampliado, definindo o aspeto que apresenta atualmente. Esta fase de renovações no complexo monástico marcou-se, sobretudo, em três tempos.

Numa primeira fase, concluiu-se uma nova Igreja, projetada pelo Arquiteto Carlos Gimac. Esta construção teve início em 1703 e foi inaugurada em 1718. É de referir que esta é provavelmente a obra mais emblemática do Mosteiro, devido às suas especiais características e notoriedade adquirida. Também desenhada por Gimac, eleva-se o coro em 1743.

“O conjunto do coro, nave e capela-mor profunda dispõem-se de forma axial, com uma forte orientação perspética para esta última.(...) A impressão causada pela observação a partir do coro, separado da nave por um belo arco abatido, é de uma elevada concentração, só possível através de um projeto único, baseado num sistema proporcional muito elaborado (...)”.²⁸

A segunda fase de obras de renovação do Mosteiro é marcada pela construção do chamado “corredor”²⁹ onde se localizavam maioritariamente celas, correspondentes aos aposentos das freiras.

Figura 16 >
Planta de localização de edifícios anteriores sobre a planta atual - planta base in ROCHA, Manuel Moreira da, A Memória de um Mosteiro, 2011. JB.

27 ROCHA, Manuel Moreira da, 2011, p. 270

28 PINHO, Arnaldo, AFONSO, José Ferrão [et al], 2003, p.50

29 Esta área do Mosteiro de Arouca localiza-se a Sul do Terreiro de Dona Mafalda e demarca-se na fachada pela presença de uma escadaria em dois lances, com portal a meio.Como curiosidade, aponta-se para o facto desta obra ter sido elaborada por artífices vindos do Convento de Mafra.



Por fim, a terceira fase deste ciclo de renovações e ampliações do cenóbio arouquense baseia-se na demolição do antigo claustro e início da construção de um novo, que só foi concluído no séc. XX. É ainda erguida uma nova sala do capítulo, em 1780.

Dos espaços que adquiriram uma função ou forma diferente durante a vida do cenóbio, sabe-se que o terreiro, atualmente denominado como Terreiro de Dona Mafalda, não era de acesso público como nos dias de hoje. Conformando um espaço privado do Mosteiro, apresentava-se separado da rua pública através de um muro e um portal.

A ponte do terreiro localizava-se a Residência dos Padres, que hospedava não só os que exerciam no Mosteiro, como os visitantes. Este talvez será a construção que mais programas apresentou ao longo dos anos. Por volta do séc. XV/XVI foi instalado nesta construção o Hospital da Misericórdia e entre 1960 e 1975, o Centro Paroquial. No entanto, a Biblioteca Municipal localiza-se neste edifício desde 1991, ano em que foi inaugurada.

É de referir que, em determinados períodos da existência do complexo monástico, existiram utilizações muito diversificadas do edifício, sobretudo nos tempos mais controversos, como após a morte da última freira (1886). Depois do sucedido e com a extinção das Ordens Religiosas (1834), os bens pertencentes ao cenóbio transitaram para a Fazenda Pública. No entanto, sabe-se que neste momento o Mosteiro foi habitado por diversas pessoas da comunidade, uma vez que se encontrava em estado de abandono e declínio.

Assim, cria-se por esta altura a Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, com o intuito de preservar o culto a esta e, sobretudo, evitar maiores delapidações e invasões no Mosteiro.

Por último, o espaço onde atualmente se encontra instalado o Museu de Arte Sacra de Arouca³⁰, a Sul do terreiro, servia anteriormente as funções públicas do complexo monástico.

Desta forma, percebe-se que ao longo dos vários séculos o Mosteiro de Santa Maria de Arouca foi sofrendo várias alterações e ampliações até obter o aspeto que apresenta atualmente.

Figura 17 >
Fotografia do Terreiro de
D. Mafalda
2016
JB.

>

Figura 18
Fotografia do Terreiro de
D. Mafalda
2016
JB.

³⁰ O Museu de Arte Sacra foi inaugurado em 1933 pela Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda com o intuito de recolher e salvaguardar parte do espólio do Mosteiro de Arouca. Aqui reúnem-se peças que habitaram e enriqueceram o cenóbio desde o séc. XII até ao séc. XVIII.



2.5 | O Mosteiro feminino

Se os Mosteiros cistercienses viviam sob a premissa de uma vida monástica solitária e austera, os que viviam sob o domínio feminino mais exigentes eram acerca do sistema de clausura.

Assim, o Mosteiro de Arouca, que passou a ser exclusivamente feminino em 1154, vivia sob algumas advertências relacionadas sobretudo com a reclusão das religiosas no Convento.

Desta maneira, as freiras tinham regras muito sóbrias relativamente ao contacto com o exterior. A única forma de comunicarem com familiares ou receberem outro tipo de visitas era através dos locutórios. Estes espaços correspondiam a pequenos compartimentos divididos por grades, nos quais as freiras mantinham algum tipo de comunicação com as visitas que se encontravam do outro lado das austeras grades. Os locutórios localizavam-se no alçado poente do Mosteiro, permitindo que as visitas entrassem pelo Terreiro de D. Mafalda. Por sua vez, as freiras tinham acesso a estes compartimentos pelo interior no Convento.

Contudo, para o seu normal funcionamento, o Mosteiro necessitava de receber algumas pessoas extrínsecas ao cenóbio, nomeadamente serviços e oficiais, que representavam o poder monárquico no conjunto religioso; os artistas, que coordenavam e elaboravam as obras de renovação e pequenas intervenções no Mosteiro; os técnicos de saúde, que se responsabilizava pelos cuidados médicos das freiras; os serventes externos que tratavam da manutenção da Cerca e o mar-chante, que tinha como função cuidar do gado do Mosteiro.³¹

No entanto, devido ao estatuto de mulher e ao seu voto de clausura, existiam algumas atividades religiosas e administrativas que requeriam imprescindivelmente a presença de figuras masculinas no Mosteiro. Porém, a comunidade masculina do cenóbio vivia separada das religiosas, de maneira que se encontrava alojada na antiga Hospedaria dos Padres, onde atualmente se localiza a Biblioteca Municipal.

Figura 19 >
Planta de localização dos
locutórios e galerias
do Mosteiro
JB.

31 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p. 158-159

Relativamente à Igreja, espaço religioso que recebia a comunidade arouquense, esta encontrava-se dividida de modo a que as freiras não violassem o seu voto de clausura. Assim, esta dependência do Mosteiro possuía uma separação, que permitia que as freiras assistissem às celebrações religiosas sem serem vistas. Para se deslocarem à capela-mor no momento eucarístico, as religiosas arouquenses percorriam galerias existentes no perímetro da Igreja, de modo a que não fossem vistas pela comunidade geral.

[illegible]

2.6 | A Cerca Monástica

Como referido no sub-capítulo referente à implantação da Ordem de Cister no Mosteiro de Arouca, a Cerca detinha um papel muito significativo no quotidiano do complexo monástico. Isolado da Vila por altos muros, este espaço complementava a cidade monástica através da vegetação, produção agrícola e espaços de recreação e contemplação.

Aqui, as religiosas podiam obter contacto direto com espaços verdes, assim como dedicar-se à meditação e oração através do silêncio e serenidade que as capelas inseridas nos recantos da Cerca lhes ofereciam.

A produção agrícola era um dos elementos dominantes destas estruturas, pois era daqui que se extraía grande parte dos alimentos consumidos pela comunidade religiosa. Assim, por entre ruas e caminhos marcados por ramadas (vinha), existiam os espaços de horta. Verifica-se a produção de ervas aromáticas e plantas medicinais, utilizadas na Enfermaria e Botica, também inseridas na Cerca.

Comum à sobrevivência de todas estas atividades, destaca-se a presença da água. Este bem essencial provinha do curso que atravessava a Cerca, a Ribeira de Silvares, e manifestava-se sobre diversas formas. Ora com o intuito de regar e nutrir a vegetação e produção, ora com a funcionalidade de contemplação, a água aparecia na Cerca do Mosteiro de Arouca como um elemento fundamental ao seu funcionamento. Assim, ao longo da vasta área verde podiam-se encontrar minas de água, tanques e fontes.

No entanto, apesar de toda a cumplicidade existente entre o Mosteiro e o espaço que o envolvia, após a extinção das Ordens Religiosas, não só o edifício sofreu um declínio, como a área exterior do conjunto monástico foi abandonada.

Consequentemente, no capítulo seguinte será feito um levantamento e aproximação à Cerca do Mosteiro de Arouca, registando as marcas que existem atualmente neste espaço que ficou no esquecimento dos arouquenses.

Figura 20 >
Fotografia do lado norte e poente do Convento (início do séc. XX)
in Contributo para o futuro arquivo de Arouca

Figura 21 >
Fotografia do lado sul e nascente do Convento (início do séc. XX)
in Contributo para o futuro arquivo de Arouca



2.7 | O pós-extinção das Ordens Religiosas

Em 1834, aquando da extinção das Ordens Religiosas, o Mosteiro de Arouca e todo o seu património passa a pertencer ao Estado Português. No entanto, foi autorizada a permanência das freiras no Convento até ao falecimento da última, acontecimento que ocorre em 1886. A partir deste momento não era permitida a integração de novas freiras.

Esta mudança veio trazer a decadência total do cenóbio. Se poucos antes da extinção das Ordens o Mosteiro encomendava peças de arte e fazia renovações no edifício, o cenário desta época muito se tinha alterado.

Nos tempos após extinção, as freiras confrontavam-se com um clima de declínio do Mosteiro, o qual as obrigava a vender património artístico como forma de sobrevivência. As obras que ainda não tinham fim à vista, como a construção do claustro, deixaram de ser prioridade. Neste tempo, a preocupação das religiosas focava-se nos bens básicos para a sua subsistência e havia apenas alguma preocupação relativamente a obras de conservação, de modo a que o próprio edifício não desmoronasse.

Assim, as poucas intervenções realizadas no complexo monástico diziam respeito a arranjos de ordem quotidiana, como pequenas reparações nas estruturas de madeira e telhados.

Como a entrada de novas freiras deixou de ser permitida, a população interna do Mosteiro tornava-se cada vez mais velha e débil. Imprescindivelmente, a presença de médicos especializados era cada vez mais frequente no cenóbio.

*“...o envelhecimento dessas senhoras ia-se refletindo na deterioração do edifício (...).”*³²

Desta forma, a extinção das Ordens Religiosas marca um período de grande perda e decadência no Mosteiro de Arouca, sobretudo a nível de património edificado e artístico.




Figura 22 >
Fotografia do Mosteiro de Arouca: vista parcial
in Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Figura 23 >
Fotografia do Mosteiro de Arouca: pormenor das coberturas
in Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

>>
Figura 24
Cronologia do Mosteiro e Cerca de Arouca
JB.

32 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.287



			
	<p>séc. IX/X - possível fundação de uma ermida - construção primitiva do Mosteiro</p> <p>1154 - o Mosteiro passou a ser exclusivamente feminino</p>	<p>Rainha D. Mafalda</p> <p>1218 ----- 1256</p> <p>1226 - filiação da Ordem de Cister no Mosteiro</p> <p>1256 - morte de D. Mafalda</p>	<p>séc. XV/XVI - foi instalado o Hospital da Misericórdia na antiga Hospedaria dos Padres</p> <p>1636 - obras no refeitório</p> <p>1648 - intervenções nos espaços nobres do Mosteiro - Igreja, Antecoro e Sala do capítulo</p> <p>1692 - data do lintel da portaria principal</p>
MOSTEIRO	séc.X	séc.XIII	séc.XVI/XVII
CERCA			<p>1635 - construção da Capela de São João Baptista (primeira capela documentada)</p>



1725 - incêndio que destruiu parte do Mosteiro

séc. XVIII - obras de renovação que definiram o aspeto atual:
- 1ª Fase - concluiu-se a Igreja
- 2ª Fase - construção do “corredor”
- 3ª Fase - iniciou-se o claustro e uma nova Sala do Capítulo (1780)

1792 - beatificação de D. Mafalda

1808 - as tropas francesas chegaram a Arouca e invadiram o equipamento monástico

1834 - extinção das Ordens Religiosas - o Mosteiro passa a pertencer ao Estado Português

1886 - morte da última freira
- fundação da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda

séc.XVIII

séc.XIX

1801/1802 - construção da Capela de São Domingos

1804 - 1807 - construção de um novo sistema de água e muros da Cerca



1910 - classificação como Monumento Nacional

1933 - fundação do Museu de Arte Sacra

1960 - finalização do claustro

1960 - 1975 - a antiga Hospedaria dos Padres passa a ser Centro Paroquial

1991 - de Centro Paroquial, a antiga Hospedaria passa a ser a Biblioteca Municipal

séc.XX

Figura 25 >

Fotografia da Cerca:porta
do boticário
in Sistema de Informação para
o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

CAPÍTULO III | Análise da Cerca



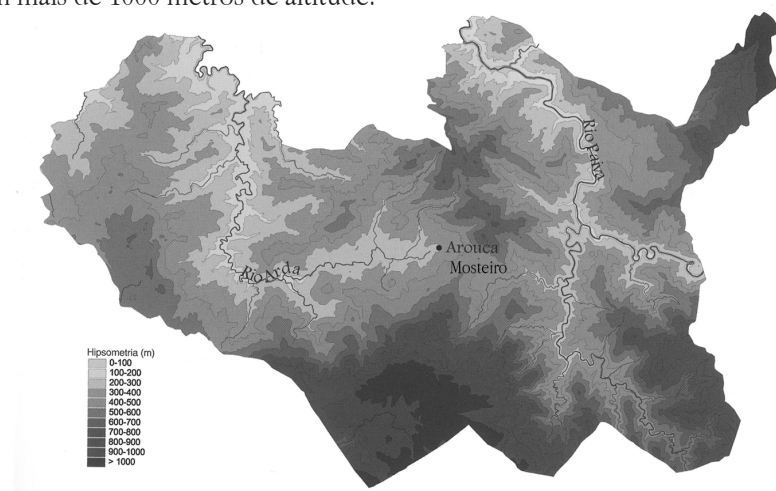
3.1 | A implantação

Como referido em capítulos anteriores, os Mosteiros apresentavam um especial cuidado na sua fixação, procurando terras abonadas de bens essenciais, como a água e os terrenos férteis.

Assim, salvaguardando a premissa de se manter auto-sustentável, o Mosteiro de Arouca ergue-se numa zona de bons terrenos agrícolas, implantando-se junto de linhas de água cruciais ao abastecimento quotidiano do complexo monástico e às atividades agrícolas praticadas neste.

Percebe-se que a implantação de um cenóbio num determinado local torna-se importante para a região em questão, uma vez que este tipo de estrutura proporciona a fixação de povos e o desenvolvimento das terras que o rodeiam.

Deste modo, o Mosteiro de Arouca localiza-se estrategicamente num vale fértil, circundado por uma topografia bastante acidentada. Ergue-se entre as serras da Freita, S. Macário e Arada, a sul, e as de Gamarrão e Mó, a norte. A envolvente genericamente montanhosa e de cobertura florestal apresenta altitudes entre os 200 e 600 metros, com exceção da Serra da Freita, onde se podem encontrar zonas com mais de 1000 metros de altitude.



A região onde se insere o Mosteiro, apresenta uma zona de declive mais acentuado, mas a instituição religiosa localiza-se a uma altitude mais regular.

Efetivamente, o vale de Arouca permite que o complexo monástico esteja protegido de influências exteriores e qualquer contacto que perturbe o clima sereno e privado da comunidade monástica.

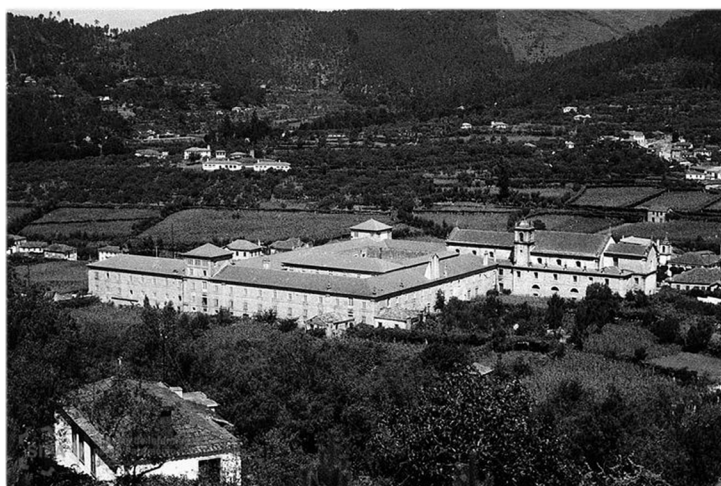
Figura 26 >
Planta de implantação
do Mosteiro
Escala 1:10 000
JB.

Figura 21 >
Fotografia da vista geral
de Arouca
2016
JB.

< Figura 28
Altimetria do Concelho
de Arouca
in SILVA, António Manuel S.P.,
Memórias da Terra, 2004.



Fotografias antigas



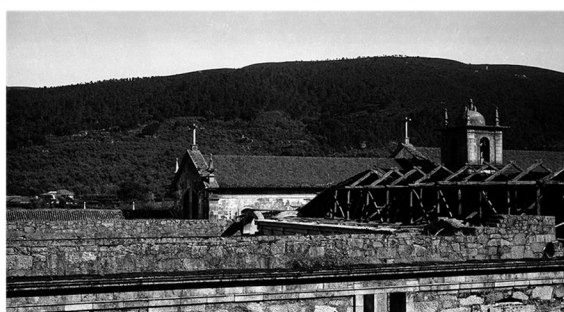
< Figura 29

Conjunto de fotografias
antigas referentes à
implantação do Mosteiro

Fontes:

Sistema de Informação para o
Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Contributo para o futuro
arquivo de Arouca



Levantamento fotográfico

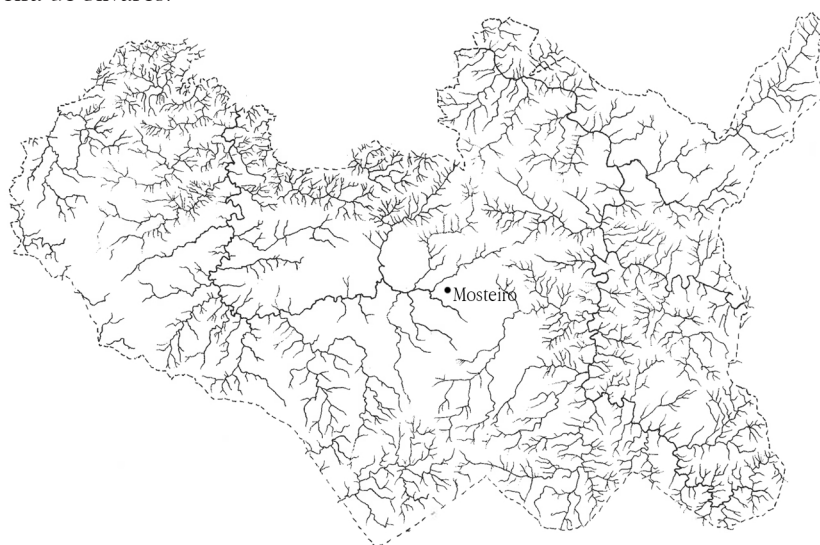
Figura 30 >
Conjunto de fotografias
de levantamento referentes
à implantação do Mosteiro
2016
JB.



3.2 | O sistema hídrico e os seus equipamentos

Os principais cursos de água que atravessam o vale são o Rio Paiva e o Rio Arda. O primeiro nasce e desagua noutros concelhos, cumprindo apenas uma parte do seu longo trajeto em terras arouquenses. Por sua vez, o Rio Arda é formado na veiga de Arouca e deve a sua presença neste território a outros cursos de água que convergem em determinados locais reunindo-se num só, como o Rio Marialva e a Ribeira de Silvaes.

Figura 31 >
Planta do sistema hídrico
da Vila
Escala 1:10 000
JB.



< Figura 32
Rede hidrográfica do concelho
in SILVA, António Manuel S.P.,
Memórias da Terra, 2004.

Nascendo nas zonas montanhosas a Nordeste do Mosteiro, o Rio Marialva foi outrora presença notória junto ao núcleo primitivo da Vila. Era aqui que as mulheres lavavam as suas roupas e de onde retiravam água para se abastecerem. No entanto, devido a sucessivas cheias, o Rio Marialva acabou por ser encanado (representado a tracejado na figura 31) entre 1945 e 1949³³.

Convergente a este e com especial utilização, aparece a Ribeira de Silvaes que atravessa a Sul o Mosteiro de Arouca. Como se pode observar na planta ao lado, onde este curso de água aparece representado a cor encarnada, percebe-se que ao longo do tempo a Ribeira deverá ter sofrido algumas alterações com a evolução urbana da Vila, uma vez que atualmente uma porção deste curso se encontra encanado.

33 SILVA, Filomeno Amaro Soares da, 1993, p.27



Dentro do limites da Cerca conhecidos e definidos atualmente, a Ribeira de Silves é um elemento muito presente e perceptível na área exterior do Mosteiro.

Atravessando quintas vizinhas do complexo monástico, que outrora deveriam pertencer a esta instituição, a Ribeira chega ao cenóbio através das aberturas rasgadas nos espessos muros de pedra que definem o perímetro da Cerca. No seu interior, assim como no restante trajeto, o curso de água acompanha naturalmente a sinuosidade da topografia irregular.

Embora noutros tempos se tenha apresentado com maior pujança, atualmente a Ribeira de Silves mostra um caudal pouco significativo, com uma média de 30 a 40 cm de profundidade. Ao longo do seu percurso, o leito apresenta em média 2 metros de largura, sendo praticamente constante nos terrenos monásticos.

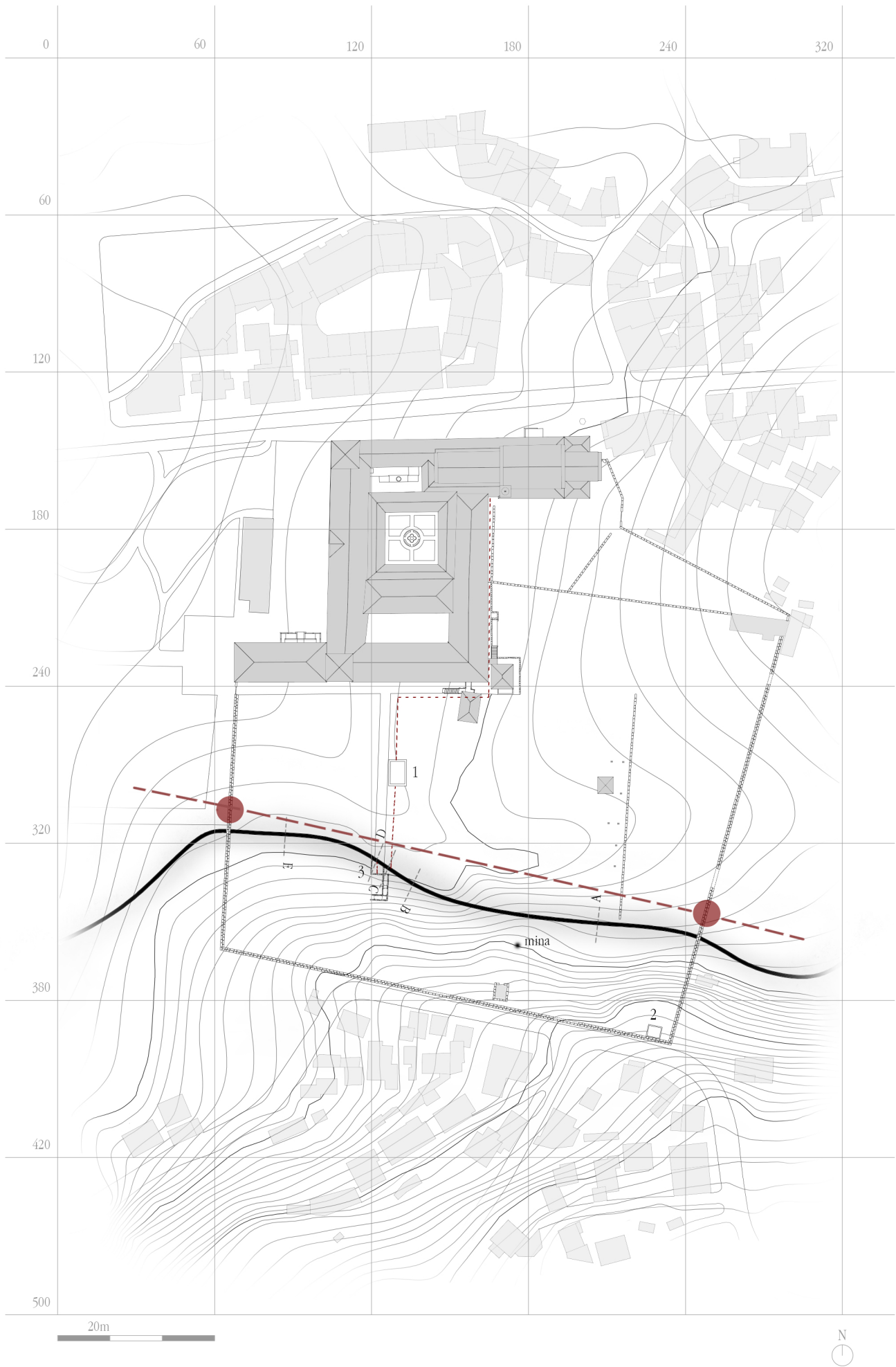
Acredita-se que o caudal deste curso de água tenha sido mais abundante na época em que o Mosteiro estava em funcionamento, uma vez que a prática agrícola era uma das principais atividades do cenóbio, como era característico nos conjuntos monásticos cistercienses. Para tal, a água tornava-se um bem essencial à rega e, por isso, um curso de água abundante seria uma premissa para esta prática.

Inevitavelmente, também foi detetada a presença de minas de água na Cerca, de onde também poderia ser requisitada água para o interior do Mosteiro, uma vez que existem alguns equipamentos que necessitam deste elemento, como uma fonte existente no Terreiro de D. Mafalda, o obelisco³⁴ do claustro, a cozinha e outras estruturas religiosas.

Na planta ao lado registou-se a localização da Ribeira de Silves, assim como algumas estruturas encontradas na Cerca monástica, como tanques (1 e 2) e uma fonte (3). No entanto, devido às várias transformações deste lugar, algumas marcas que testemunhariam estruturas existentes noutra época podem ter desaparecido, visto que os limites da área exterior do Mosteiro poderiam ser diferentes dos atuais.

Figura 33 >
Planta do sistema hídrico do
Mosteiro
Escala 1:2000
JB.

³⁴ obelisco: “símbolo cósmico por excelência cuja função encontra-se já definida no Egipto Antigo, um poço, ou uma fonte, como em Arouca, assinalam esse ponto de junção do homem com o cosmos e com Deus, a reunião dos tempos, a intemporalidade, o infinito.” in ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.172



Ao longo da porção da Ribeira de Silvaes que atravessa atualmente a Cerca monástica, é possível encontrar algumas passagens que devem corresponder às primitivas. Feitas de madeira ou pedra, estas passagens sob o curso de água permitiam às freiras aceder a uma zona de encosta, caracterizada por uma vegetação mais densa.

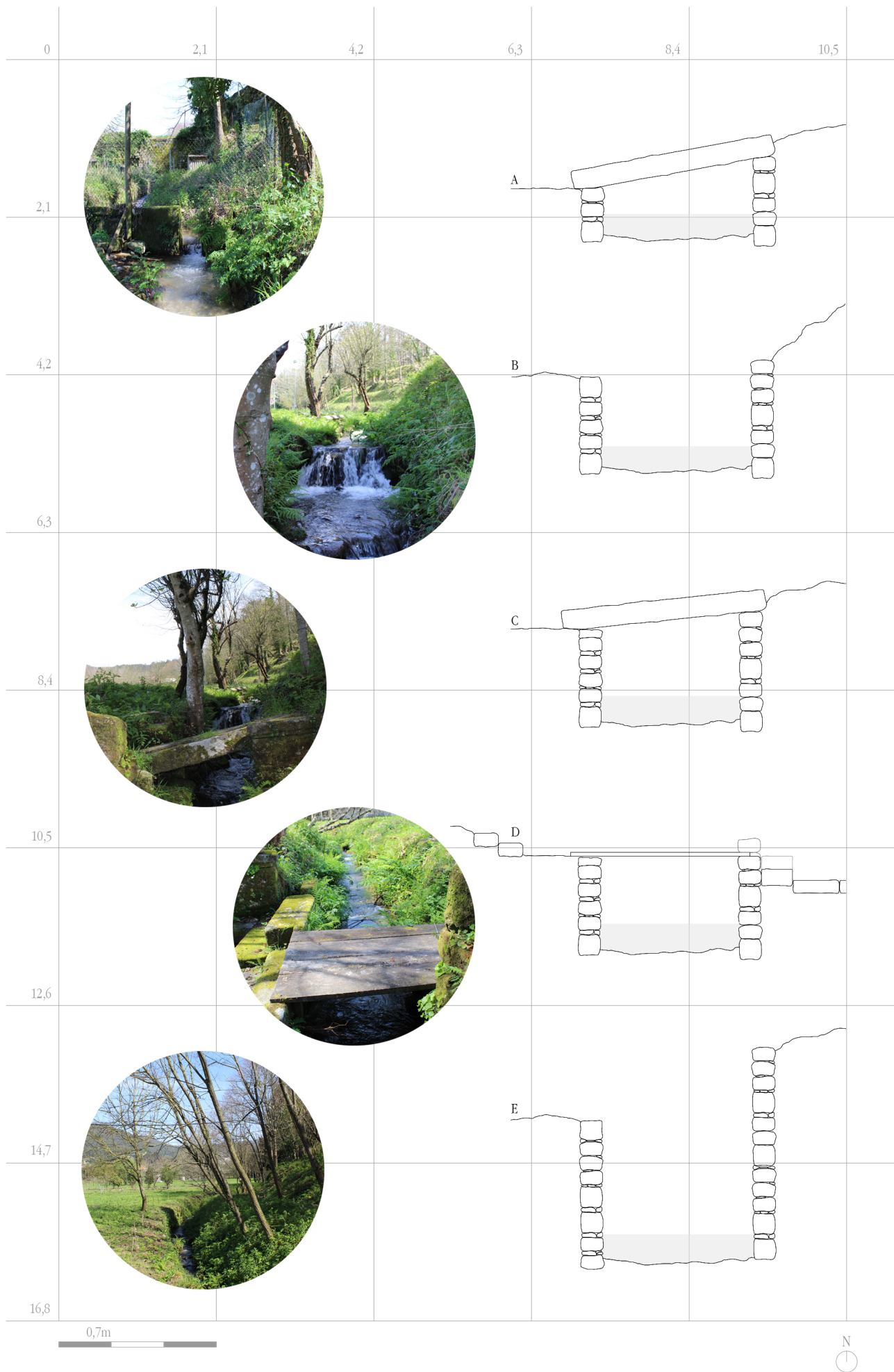
No entanto, estas passagens não exibem propriamente um grande engenho, uma vez que a cota das duas margens não apresenta diferenças muito significativas. Apesar disto, a margem norte da Ribeira encontra-se a uma cota mais baixa e plana que a margem sul, mais alta e irregular.

É de referir que algumas destas passagens também podem ter desaparecido à medida que o abandono se apoderava do conjunto monástico e os limites da Cerca se modificavam.

Relativamente ao suporte do curso de água principal, este é apoiado por muros de pedra que acompanham a Ribeira em praticamente todo o percurso realizado dentro da Cerca. Mesmo coberto por vegetação e, por vezes, sem grande perceção deste elemento, a altura dos muros que definem os limites da linha de água difere consoante o declive desta.

Como se pode observar nos cortes registados ao lado, a Ribeira de Silvaes desce de nascente para poente e, desta forma, os muros que acompanham a topografia dos terrenos monásticos vão aumentando de altura.

Figura 34 >
Cortes da Ribeira de Silvaes
Escala 1:70
JB.



Como se encontra localizado na figura 33, foi detetada a presença de uma fonte (3) implantada perpendicularmente à Ribeira de Silvaes.

No entanto, não foram encontrados registos deste equipamento mas pensa-se que poderá ter sido construído por volta do séc. XVIII/XIX, uma vez que foram apontadas diversas transformações no Mosteiro nesta altura. Também o facto de ter sido construída uma Capela na Cerca no início do séc. XIX e outras intervenções a nível do sistema hídrico, apoia a possível construção de uma fonte nestes séculos.

Assim sendo, verifica-se que a estrutura encontrada deveria representar um espaço de contemplação e devoção, uma vez que se verifica a existência de um nicho no qual poderia estar inserida uma imagem religiosa. Contudo, atualmente esse espaço encontra-se vazio, o que poderá justificar-se por uma venda ou furto nos tempos mais conturbados do cenóbio.

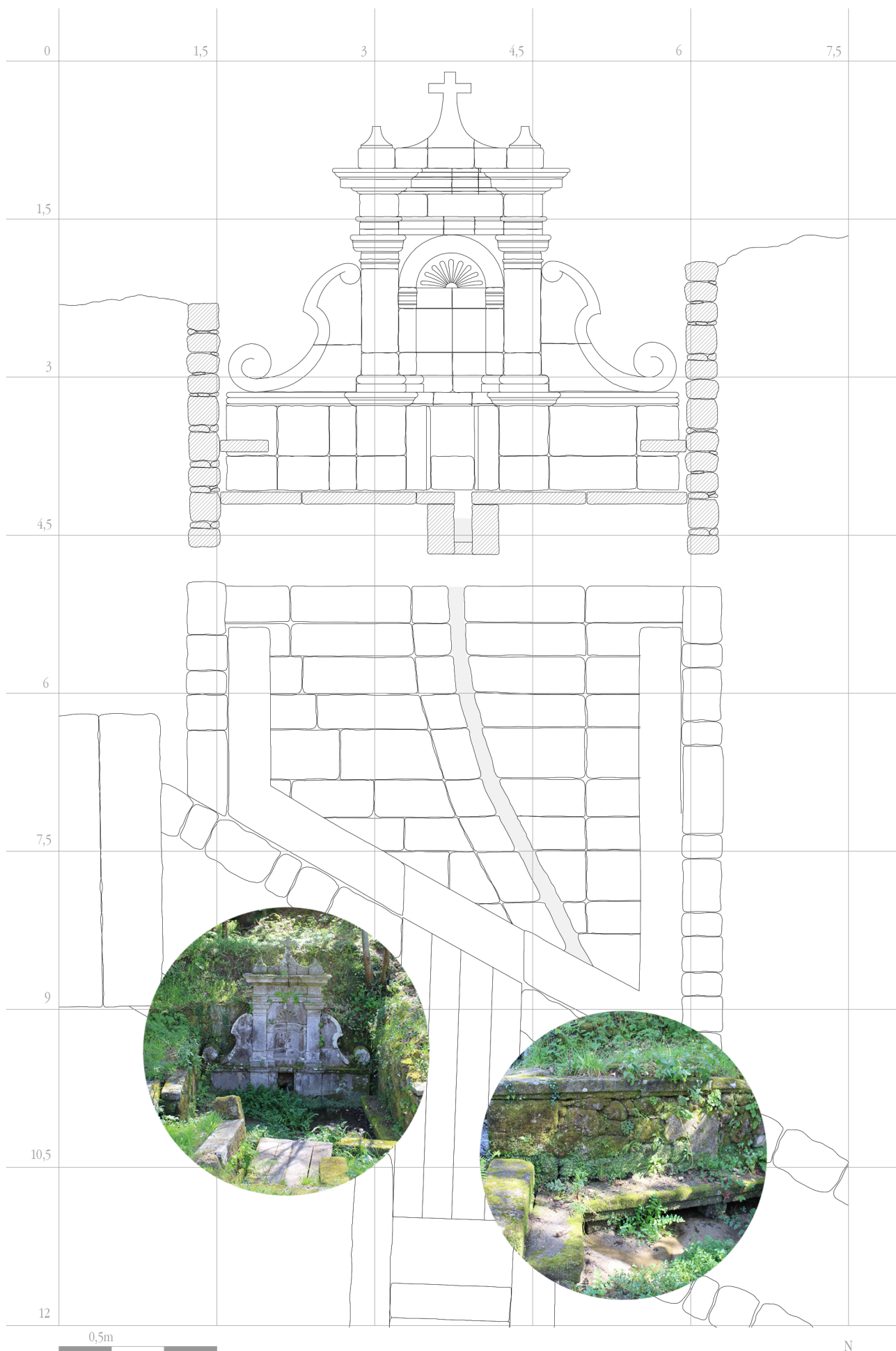
O facto de existir uma área em frente à fonte contornada por dois bancos corridos, também acentua esta função de devoção e meditação. Provavelmente, as freiras deveriam utilizar este espaço para se recolherem e orarem no meio da Natureza.

É de referir que a água é um elemento essencial numa instituição monástica, não só pela sua função prática mas pelo “simbolismo batismal e purificador” que possui. Tal facto deveria atrair as religiosas para este lugar, simbolizando um local de rejuvenescimento espiritual.

Assim, a estrutura em pedra de granito apresenta uma nascente de água a partir da qual se rasga, no chão, um percurso que conduz este elemento até à Ribeira.

Inevitavelmente, para acederem a este espaço, as freiras utilizavam uma pequena ponte que atravessava o curso de água principal.

Figura 35 >
Planta, corte e alçado da fonte
Escala 1:50
JB.



Tal como a fonte, o registo de tanques na Cerca não aparece mencionado nas bases bibliográficas pesquisadas. Tratam-se de dois tanques, um localizado relativamente perto do alçado Sul do Mosteiro e outro junto ao muro que limita a Cerca, a sudeste (figura 33 - marcação 1 e 2).

Embora não tenham sido encontrados registos de tanques, é possível que a Cerca primitiva possuísse mais elementos deste género, uma vez que estas estruturas estão associadas à agricultura, atividade que deveria existir nas quintas que pertenciam ao Mosteiro.

Assim, os tanques de proporções distintas, apresentam também diferentes formas e funções associadas.

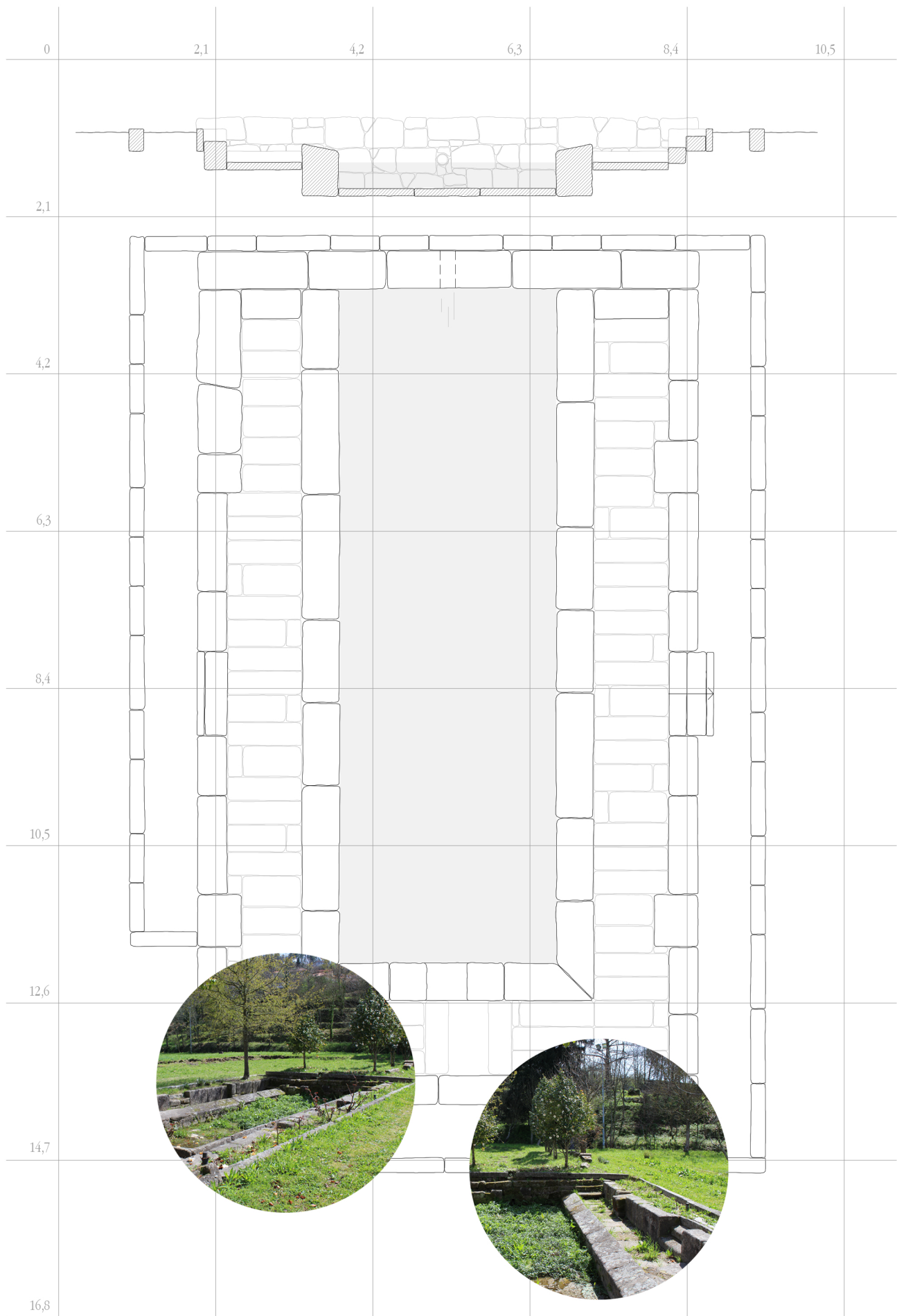
O tanque 1 revela uma arquitetura mais cuidada, associando-se pela forma a diferentes funções. Para além de servir de reservatório de água, esta estrutura tem um género de fonte incluída, apresentando um pequeno aqueduto no alçado sul. Também a partir daqui nasce um percurso de água encanada que, provavelmente, segue para o interior do Mosteiro ou para a enfermaria e botica que se encontram próximas.

Porém, a função de meditação e contemplação também deveria estar associada a este equipamento, visto que apresenta pequenos bancos no seu perímetro, nos quais as freiras se poderiam refrescar junto da água ou meditar em serenidade.

O tanque 2, que se localiza no topo da encosta, aparenta ser apenas um depósito de água, provavelmente de apoio à rega, uma vez que se encontra numa zona caracterizada pela densa vegetação. Por sua vez, esta estrutura mais simples e tradicional que o tanque 1, poderá ter sido construída posteriormente, uma vez que se localiza junto a um dos muros que delimita a Cerca. Visto que estes limites sofreram algumas alterações ao longo dos séculos, esta estrutura pode ter sido construída quando se definiu o perímetro da Cerca atual.

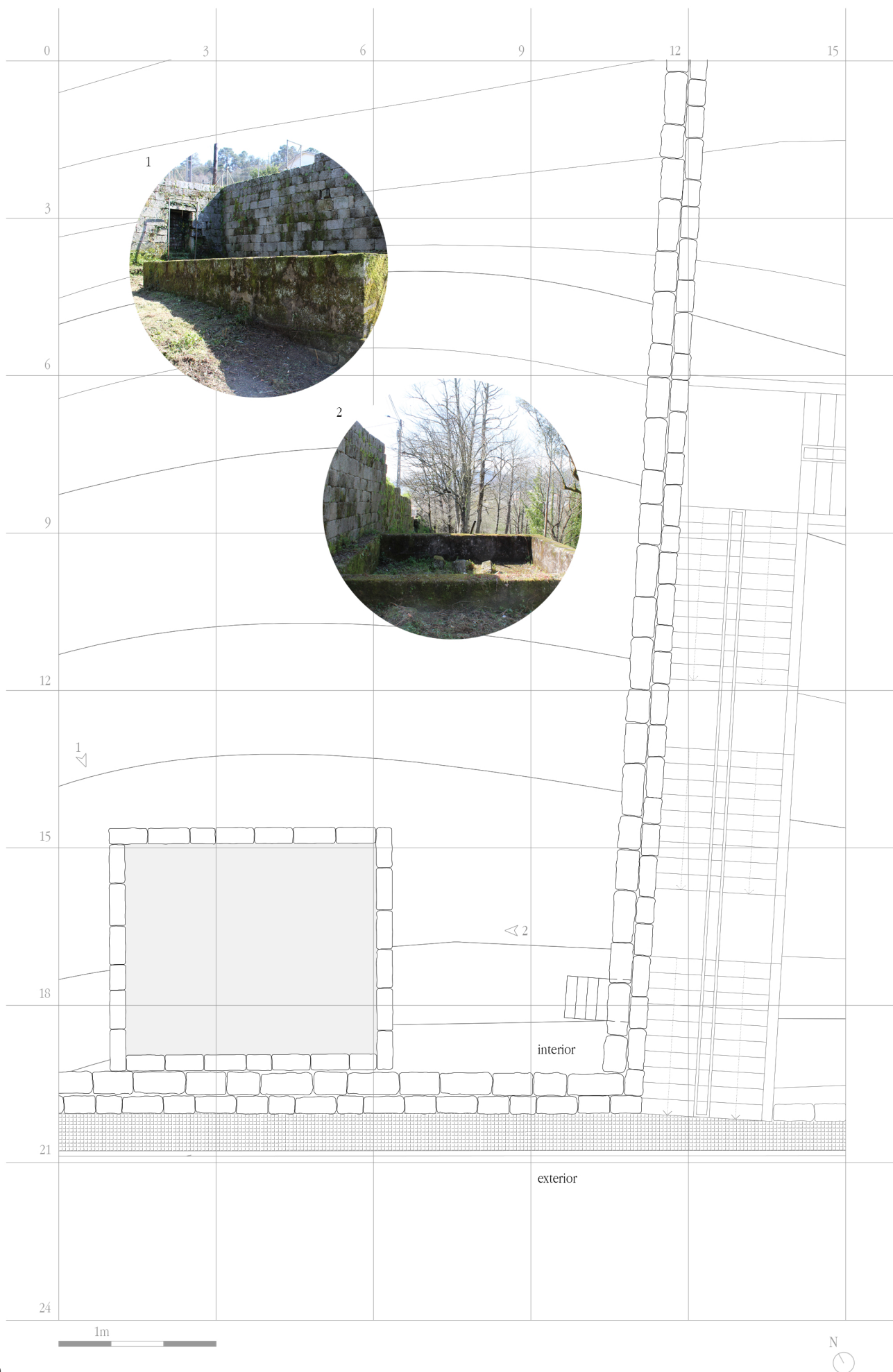
Figura 36 >
Planta e corte do tanque 1
Escala 1.70
JB.

Figura 37 >>
Planta do tanque 2
Escala 1.100
JB.



0,7m





Como já foi referido várias vezes, a Cerca sofreu diversas alterações ao longo da existência do cenóbio. Algumas marcas presentes no território permitem atingir esta conclusão, como diferentes testemunhos nos atuais muros que limitam os terrenos monásticos.

Depreende-se que, uma vez que existem passagens nos muros que denunciam a presença de um curso de água, este poderá ter sido deslocado numa determinada altura. Isto é, a localização da Ribeira de Silvares na Cerca pode ter sido modificada, por razões desconhecidas.

O facto dos limites da área exterior ao Mosteiro poderem ter sofrido transformações ao longo dos séculos, permitirá também reforçar a ideia que a linha de água pode ter sido conduzida e redesenhada consoante as alterações que se realizaram.

Sabe-se que no início do séc. XIX houve uma reorganização do sistema de distribuição de água no Mosteiro nas duas primeiras décadas, sobretudo entre 1804 e 1807³⁵. Por esta altura, constata-se que se rasgou uma nova captação de água nos terrenos adjacentes ao edifício e reconstruiu-se um sistema de encanamento, que levaria a água até às oficinas da instituição religiosa.

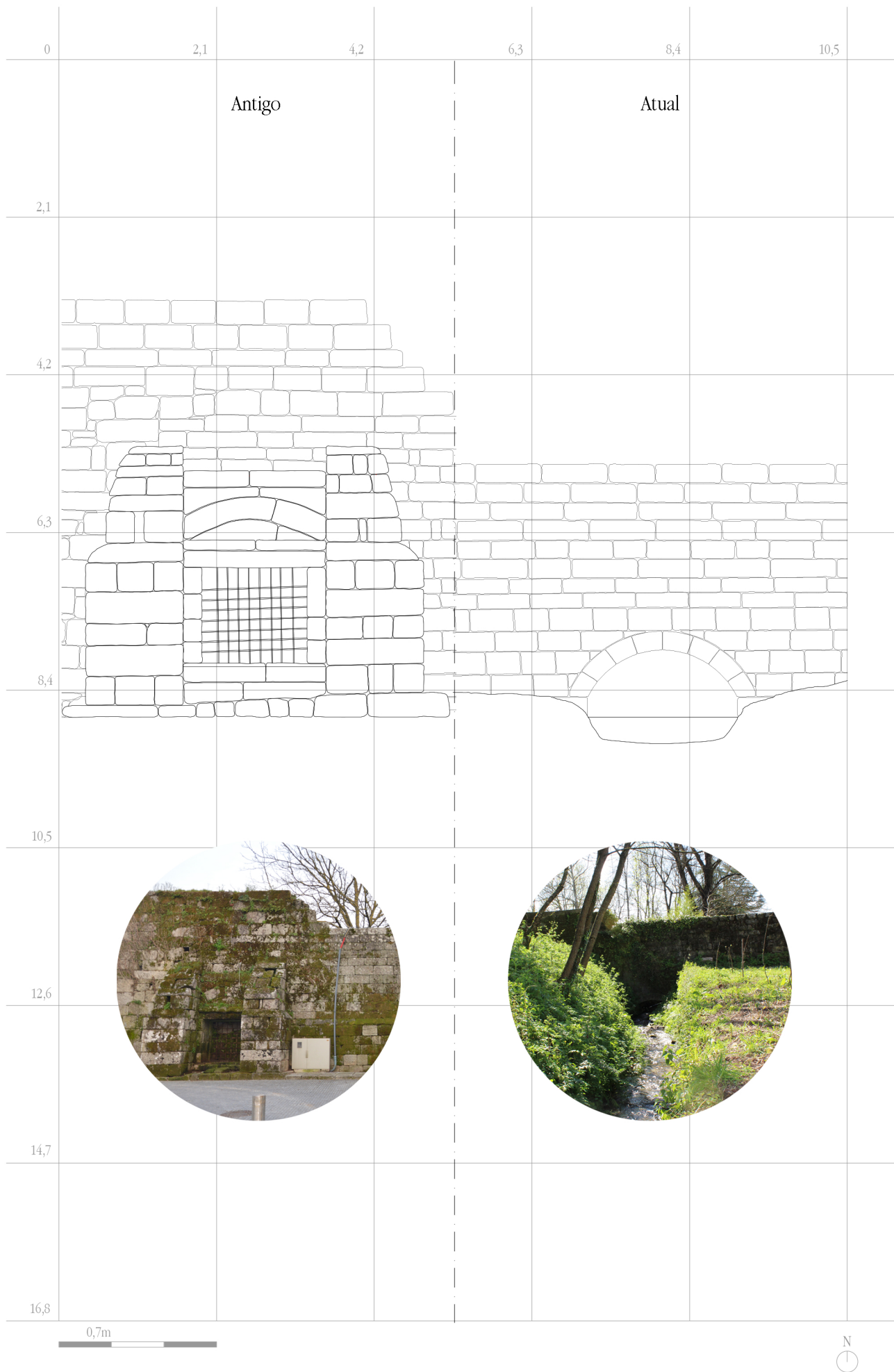
Na mesma altura em que foram feitas alterações a nível da rede hidrográfica, também a dimensão da Cerca parece ter sido alterada. Sabe-se que nesta época terá sido feito um novo recorte desta área exterior, modificando, provavelmente, os seus limites uma vez que há registo da construção de novos muros, que poderão ter estipulado o limite da Cerca atual. Ou, estes novos muros poderão corresponder a reforços dos que já existiam.

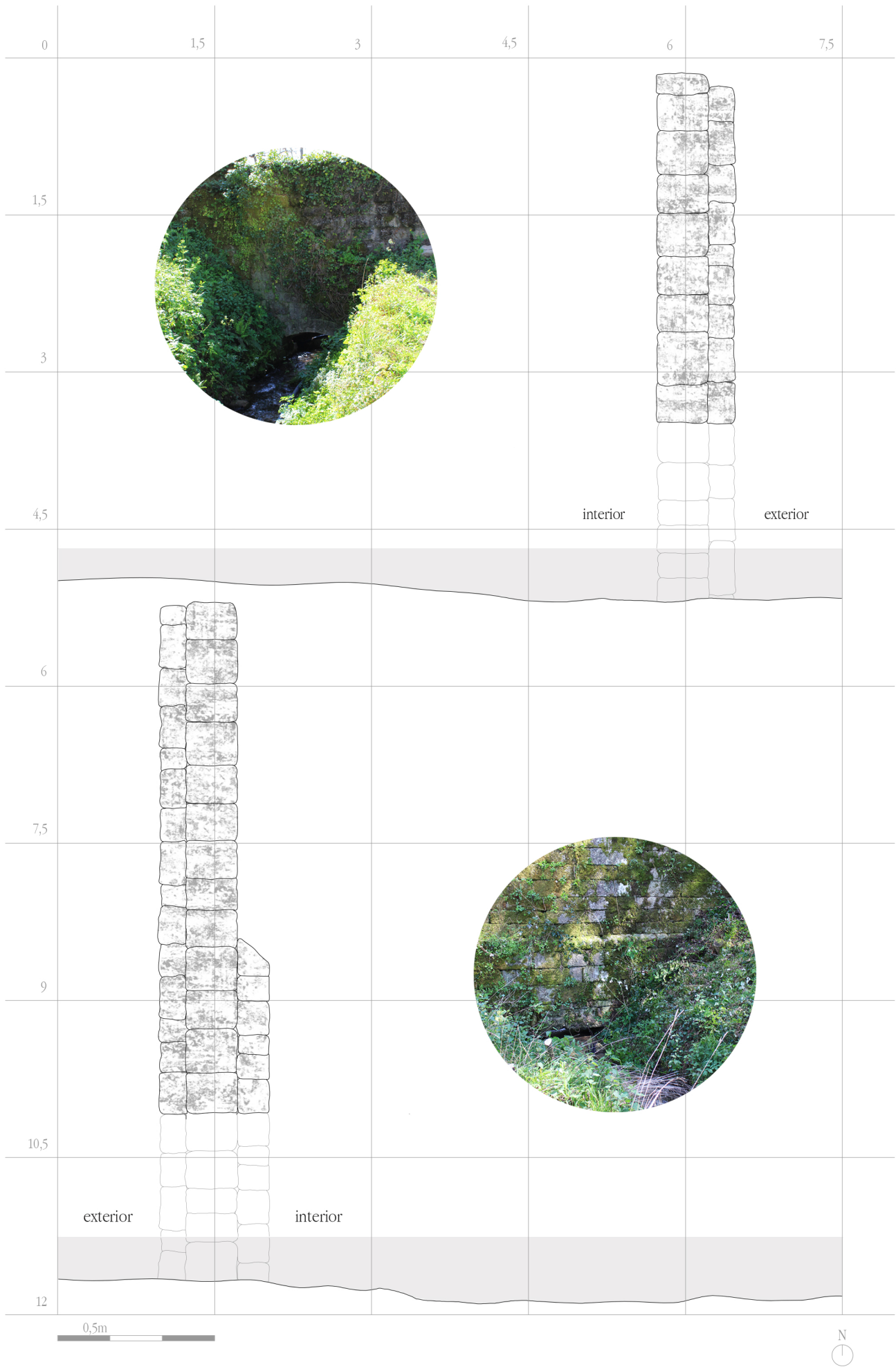
A seguir podem verificar-se as distintas passagens de água no muro poente da Cerca monástica e que denunciam não só a presença de uma linha de água com um caudal mais significativo, assim como a deslocação desta.

Figura 38 >>
Antiga e atual passagem do
curso de água nos muros
da Cerca
Alçados pelo exterior
Escala 1:70
JB.

Figura 39 >>
Cortes das passagens atuais
nos muros da Cerca
Escala 1:50
JB.

35 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.283





Fotografias antigas

< Figura 40

Conjunto de fotografias
antigas referentes ao sistema
hídrico da Cerca

Fontes:
Sistema de Informação para o
Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Contributo para o futuro
arquivo de Arouca



Levantamento fotográfico

Figura 41 >
Conjunto de fotografias
de levantamento referentes ao
sistema hídrico da Cerca
2016
JB.



3.3 | A vegetação e o sistema produtivo

A vida agrícola e pastoril era bastante ativa no território devido à fertilidade dos terrenos, como era normal nos Mosteiros cistercienses. Assim, o cenóbio retirava da própria Cerca produtos essenciais à subsistência da comunidade que aí reside, para além dos produtos que recebiam do exterior³⁶.

Deste modo, a Cerca monástica dispunha de quintas, de uma zona de horta e outra de pomar, assim como áreas reservadas à plantação de ervas aromáticas e plantas medicinais.

No entanto, muitos produtos da comunidade monástica advinham de rendas que o cenóbio possuía e não eram apenas produzidos nos campos da Cerca, como é o caso dos cereais que *“seriam cultivados em abundância nas herdades, casais, quintas e terreiros do mosteiro”*³⁷.

É de referir que os cereais eram um dos principais produtos utilizados no conjunto monástico, daí serem produzidos na Cerca e adquiridos também através de entidades exteriores. O mesmo acontecia com o vinho e afirma-se pela referência da presença de vinhas dos terrenos do Mosteiro. No entanto, quer os cereais quer as vinhas devem ter estado presentes na Cerca até há poucas décadas, uma vez que ainda se encontram em fotografias relativamente recentes. Atualmente não existe nenhuma das plantações.

Sobre as restantes produções destes terrenos, sabe-se que as árvores de fruto eram abundantes e ainda hoje se podem identificar algumas. No entanto, reconhece-se que o Mosteiro recebia alguns frutos de fora. Nogueiras, marmeleiros, salgueiros, castanheiros e oliveiras eram as principais árvores existentes na Cerca monástica e ainda hoje se podem encontrar algumas árvores deste género, mesmo entre a vegetação mais densa, na zona de maior declive, a sul.

Relativamente às pequenas plantações junto da Botica e próximas da cozinha do Mosteiro, atualmente ainda se podem encontrar algumas espécies nesta área, devidamente separadas e identificadas. Contudo, o sistema produtivo da Cerca entrou em abandono.

Figura 42 >
Planta do sistema produtivo e
vegetação da Cerca
Escala 1:2000
JB.

36 ROCHA, Manuel Moreira da, 2011, p. 180

37 COELHO, Maria Helena, 1988, p.132



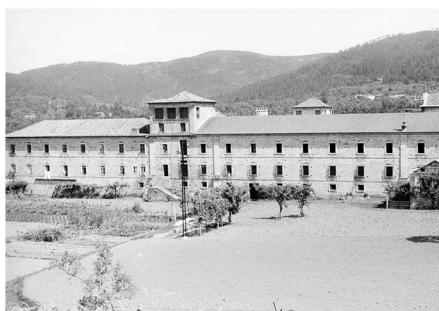
Fotografias antigas

< Figura 43

Conjunto de fotografias
antigas referentes ao sistema
produtivo e vegetação
da Cerca

Fontes:
Sistema de Informação para o
Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Contributo para o futuro
arquivo de Arouca



Levantamento fotográfico

Figura 44 >
Conjunto de fotografias
de levantamento referentes ao
sistema produtivo e vegetação
da Cerca
2016
JB.



3.4 | A acessibilidade e os percursos

A Cerca monástica correspondia a um espaço que as freiras deveriam percorrer com alguma frequência, não só pelos produtos que retiravam dos seus terrenos, mas pelos locais de meditação e oração implantados entre a vegetação. Assim, as religiosas percorriam esta área através de caminhos e ruas sinuosos, desenhados pelas plantações e vegetação mais densa.

Sabe-se que na zona mais plana da Cerca os caminhos eram delineados pelas ramadas das vinhas, uma vez que há presença desta plantação em fotografias do século passado. Atualmente são poucos os percursos marcados no território, sendo os principais em volta do Mosteiro e para aceder a algumas estruturas encontradas, devido ao abandono e desuso deste espaço exterior do cenóbio.

Na área de encosta, os caminhos eram mais tortuosos e acompanhados pela densa vegetação. Aqui ainda há a presença de uma escadaria junto à fonte que encaminhava as freiras para a zona de maior declive. Porém, na restante área de arvoredo não se encontram percursos marcados, com exceção de vestígios de uma outra escadaria a nascente, mas muito pouco perceptível.

Relativamente aos acessos da Cerca, foram detetados quatro portões nos muros que limitam esta área. Um deles encontra-se a norte, junto à Igreja e os restantes, nos muros nascente e poente. É importante salientar que um destes acessos destinava-se exclusivamente ao boticário (3), que vivia e trabalhava numa propriedade adjacente ao muro nascente do Mosteiro. Provavelmente, antes da extinção das Ordens não deveriam existir este tipo de acessos por causa da condição de clausura das freiras e para que se mantivessem em segurança.

Relativamente aos acessos provenientes do interior do Mosteiro, estes fazem-se a partir do Pátio Sul, através da Porta dos Carros (C) e de um outro acesso junto à cozinha (D). Neste pátio, que tem acesso pela portaria (B), que por sua vez se encontra conectada ao Terreiro de D. Mafalda, circulavam não só as freiras que se deslocavam para o exterior, como os criados e comunidade exterior ao Mosteiro responsável pela manutenção da Cerca e outros equipamentos presentes nela.

É de referir o alinhamento dos percursos com a Porta dos Carros, por exemplo, que orienta o transeunte para a fonte da Cerca de clausura, na margem sul da Ribeira de Silveiras, junto à qual se encontra a escadaria de acesso à mata.

Figura 45 >
Planta de acessibilidade e
percursos da Cerca
Escala 1:2000
JB.



- A. Portal do Terreiro
- B. Portaria
- C. Porta dos carros
- D. Acesso junto à cozinha

Fotografias antigas



< Figura 46

Conjunto de fotografias antigas referentes à acessibilidade e percursos da Cerca

Fontes:

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Contributo para o futuro
 arquivo de Arouca



Levantamento fotográfico

Figura 47 >
Conjunto de fotografias
de levantamento referentes
à acessibilidade e percursos
da Cerca
2016
JB.



3.5 | As marcas

Percorrendo a Cerca do Mosteiro de Arouca é possível encontrar marcas de diversas construções arruinadas, melhor ou pior reconhecíveis, mas sempre identificadoras do conjunto de elementos que se geriam no interior da Cerca.

Assim, junto ao alçado sul do cenóbio, localiza-se a enfermaria. Segundo Duarte Morgado³⁸, a Ordem de Cister trouxe algumas novidades para os Mosteiros e a enfermaria seria uma delas. Desta maneira, pode-se conjecturar que este equipamento deverá ter sido construído no cenóbio arouquense após o séc. XIII.

Desta forma, o Mosteiro passou a ter um espaço dedicado aos doentes e mais débeis dentro das próprias instalações, de modo a que as religiosas não saíssem do conjunto monástico. No entanto, como já foi mencionado anteriormente, alguns membros externos da área da saúde podiam aceder a este espaço, quando as freiras necessitavam de cuidados mais específicos.

Sabe-se que no final do século XVIII existia uma freira enfermeira e duas “goardas para medicos”³⁹. Assim, percebe-se que o cuidado médico no Mosteiro carecia não só de religiosas do cenóbio, como algumas entidades extrínsecas a este.

Relativamente aos vestígios encontrados, verifica-se que a nível de paredes exteriores a construção não se danificou muito com o abandono ressentido na instituição religiosa. Porém, parte do telhado desabou, assim como algumas paredes interiores. Organizada em dois pisos, a enfermaria possui ainda o seu acesso principal, através de uma escadaria localizada a poente. No entanto, verifica-se uma ligação do segundo piso desta estrutura para o Mosteiro. Provavelmente esta passagem não deveria existir nos primeiros séculos do cenóbio uma vez que o corpo sul deste só foi construído no século XVIII. Porém esta teoria só se confirma se a enfermaria tiver sido construída antes desta época.

É importante referir que, junto à construção da enfermaria, existem vestígios parcialmente subterrados de uma construção antiga, que não foi possível caracterizar e identificar.

Figura 48 >
Planta de localização
das marcas
Escala 1.2000
JB.

38 MORGADO, Duarte Nuno, 2013

39 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.151

Lista de religiosas que exerciam atividades nas oficinas do Mosteiro.



A nascente da enfermaria e intimamente relacionado com esta dependência do Mosteiro localiza-se um outro equipamento, a botica. Trata-se de uma construção igualmente em pedra e tipologia aparentemente semelhante. Desenvolve-se em dois pisos e liga-se ao cenóbio através de uma passagem no segundo piso, à semelhança da enfermaria.

Relativamente à data da sua construção, não se conhece ao certo em que altura se terá realizado a edificação da botica. No entanto, sabe-se que no séc. XVIII esta estrutura já existia na Cerca uma vez que foram encontrados registos de reparos neste espaço⁴⁰. Contudo, existem referências de uma construção junto da zona da Igreja que correspondia a uma antiga Botica⁴¹.

No que respeita as suas funções, compreende-se que este equipamento não deveria diferir muito do que conhecemos como uma farmácia.

“(...) Acha-se esta caza pelos lados ornada com suas estantes pintadas com seus repartimentos tudo de madeira, e servem as dittas estantes de ter vidros com os medicamentos (...)”.⁴²

Aqui, as freiras responsáveis dedicavam-se à produção de remédios e mezinhas usufruindo das plantas medicinais que recolhiam na horta das aromáticas da Cerca. Sabe-se que a botica para além de fazer estes produtos para acudir à comunidade religiosa, também os fornecia à população externa ou doava-os aos pobres⁴³.

Atualmente, este espaço encontra-se em boas condições, sendo possível visitar e circular com segurança. No piso superior encontram-se algumas estantes onde estariam dispostos os vários medicamentos produzidos pela freira boticária. Descendo uma escadaria no centro do edifício parcialmente quadrangular, atinge-se o piso inferior onde, provavelmente, deveriam ser produzidos os remédios⁴⁴.

Figura 49 >
Planta da enfermaria e botica
Piso 0
Escala 1:300
JB.

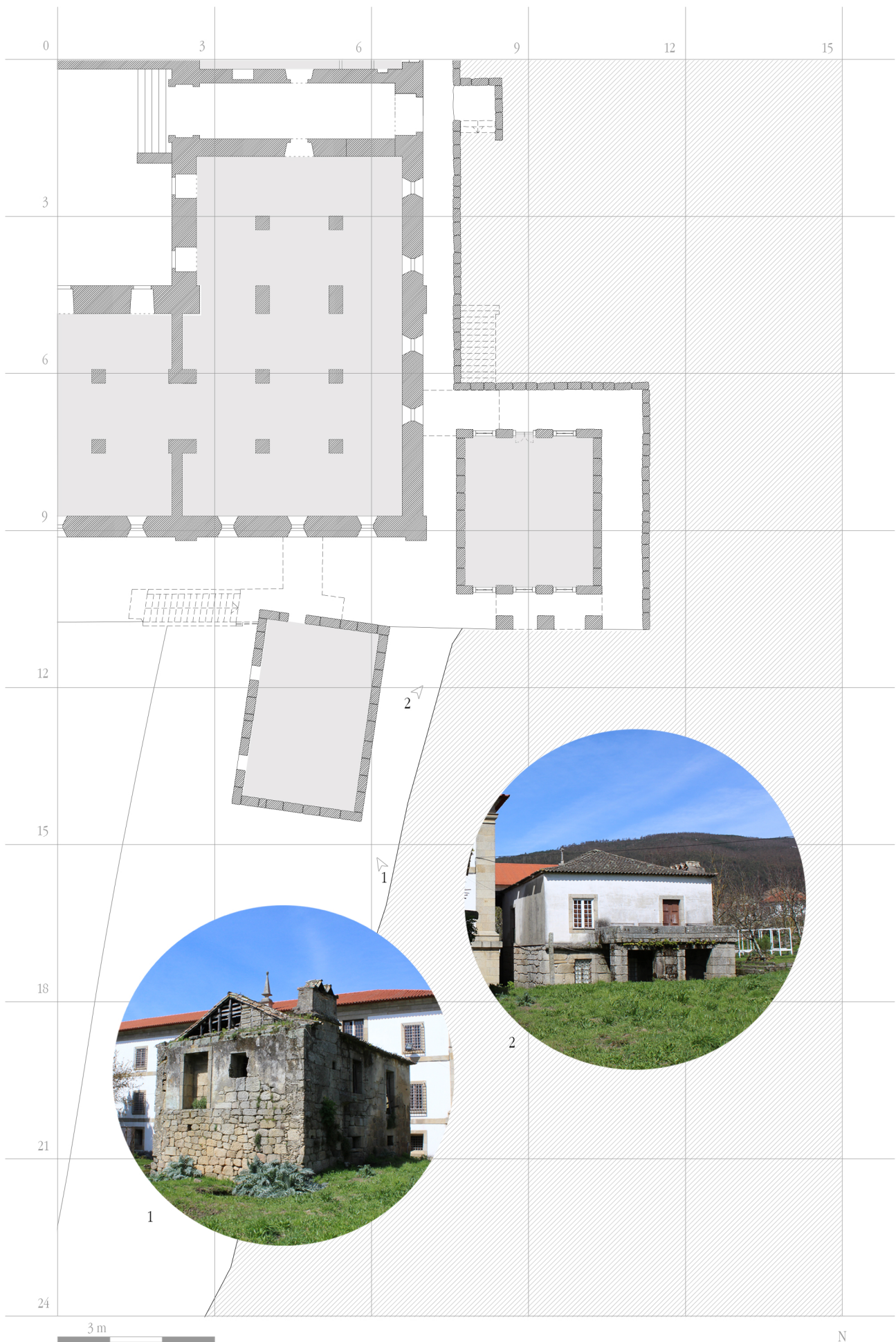
40 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.361

41 Idem, p. 261

42 A.R.I.R.S.M., *Trasumpto ou exemplo publico*, vol.2, fl.741 in ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.361

43 Idem, p.363

44 É de referir que nos últimos anos foi feita uma Recriação Histórica do Mosteiro, viajando até ao quotidiano do séc. XVIII. Assim, alguns espaços do cenóbio são abertos ao público e, através de figurinos que se apresentam com as roupas da época, é possível perceber alguns mecanismos do Mosteiro daquele tempo. Dos espaços da Cerca, a botica é o único que se posse visitar neste evento.



Também junto ao Mosteiro, no alçado nascente, localizava-se um outro equipamento indispensável ao funcionamento do cenóbio: a casa do forno. Encontram-se várias referências a este espaço mas atualmente esta construção não existe. Porém, verifica-se que esta oficina ainda se encontra representada em gravuras do início do séc. XX. Provavelmente foi demolida após a extinção das Ordens Religiosas ou acabou por se desmoronar com o tempo, devido ao abandono da instituição monástica.

Relativamente à sua fundação, apenas se sabe que já existia no início do séc. XVIII, uma vez que se encontrou uma referência a esta construção em 1701⁴⁵.

Pelas imagens encontradas pensa-se que esta construção estava completamente ligada ao corpo do Mosteiro e que deveria funcionar como um compartimento anexo à cozinha, uma vez que esta se localiza na ala nascente do edifício monástico.

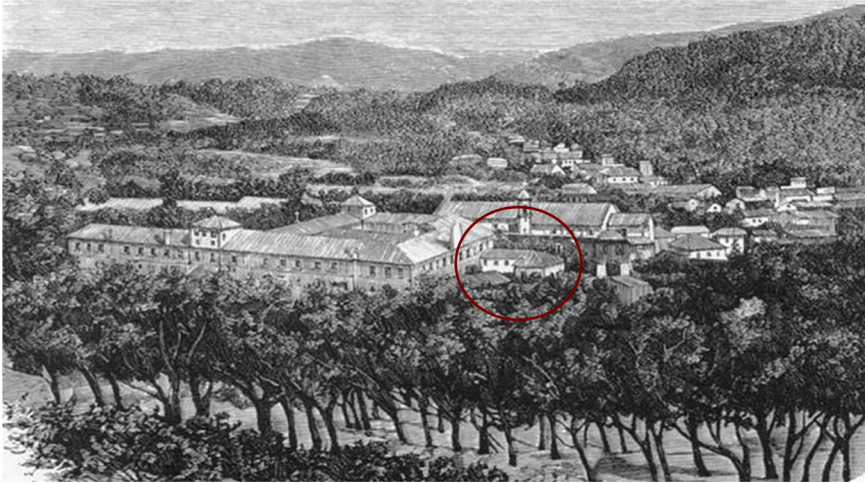
Realmente, percebe-se que esta dependência do Mosteiro seria muito importante uma vez que a madre forneira aparece em posição de destaque nas propinas anuais concedidas às freiras. Tal facto justifica-se pela importância que a produção de cereais apresentava na sobrevivência do Mosteiro. Assim, percebe-se que a madre forneira tinha a importante tarefa de produzir pão que alimentasse toda a comunidade monástica e também tinha a incumbência de gerir a produção dos cereais na Cerca e quintas pertencentes ao Mosteiro⁴⁶.

Figura 50 >
Gravura da vista sul do
Mosteiro publicada na revista
'o ocidente' - 1886
in Contributos para o futuro
arquivo de Arouca

Figura 51 >
Postal da vista geral da Vila
1913
in Contributos para o futuro
arquivo de Arouca

45 ROCHA, Manuel Moreira, 2011

46 Idem, p. 153-154



Na parte da encosta, onde se intensifica a vegetação mais alta, encontram-se vestígios de pequenas capelas. Segundo a documentação do Mosteiro, sabe-se que existiram várias capelas distribuídas pela área mais elevada da Cerca, contudo apenas foram localizadas duas, mas não se sabe identificar quais são e a data da sua construção.

A primeira capela da qual se possui informação terá sido construída em 1635 e dedicada a S. João Batista.

*“Esta Cappella mandou fazer a Senhora Dona Izabel de Tavora no anno de mil seiscentos e trinta e sinco”*⁴⁷.

Em 1700 existe a referência da capela mencionada e uma outra, de Nossa Senhora do Desterro. Porém, não existe mais informação acerca desta estrutura.

Já no início do séc. XIX, uma pouco antes da extinção das Ordens Religiosas, construiu-se a capela de S. Domingos. Relativamente a esta construção há registos de trabalhos de pedreiros para a sua edificação referentes a 1801/1802.

Por fim, sabe-se da existência de uma quarta capela na Cerca monástica, visto que foram encontradas referências de obras de reforma desta construção datadas de 1829⁴⁸. Contudo, embora seja possível perceber, em alguns casos, quando foram construídas e a que figura religiosa foram dedicadas, não se sabe localizar estas capelas nos terrenos que pertenciam ao Mosteiro. E ainda, é possível que algumas delas existissem fora dos limites da Cerca que se conhecem atualmente.

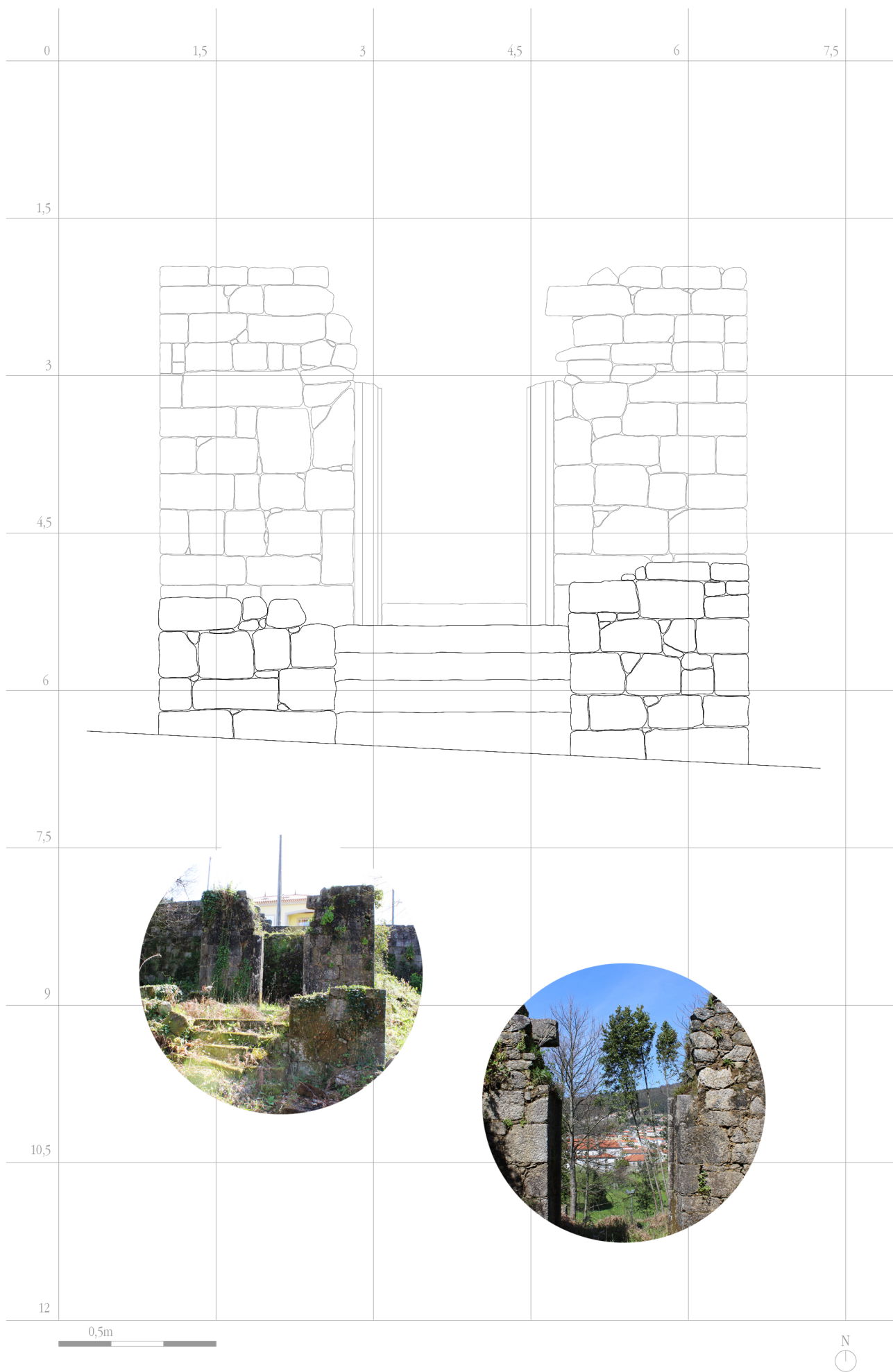
É de referir que estas capelas podiam ser mandadas construir por entidades particulares, mas a sua manutenção fazia parte das tarefas das freiras.

Relativamente aos vestígios encontrados na visita *in situ*, só foi possível fazer o registo de uma delas, visto que ainda possui algumas paredes erguidas. Trata-se uma capela localizada junto do muro sul da Cerca, de planta retangular. A entrada faz-se a norte através de uma pequena escadaria. Nos alçados nascente e poente verifica-se a existência de pequenos rasgos nas espessas paredes de pedra, por onde entraria alguma luz natural. A cobertura já não existe nesta estrutura.

Importa salientar que também foram encontrados vestígios de uma possível capela relativamente perto da fonte. No entanto, esta estrutura apenas apresenta algumas marcas do que foi a sua base.

⁴⁷ A.R.I.R.S.M., *Trasumpto ou exemplo publico in* ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p. 307

⁴⁸ I.A.N./T.T., *Mosteiro de Santa Maria de Arouca in* ROCHA, Manuel Moreira da, 2011, p.308



A nível de construções, foi ainda detetada uma outra na Cerca monástica que deveria corresponder ao curral e palheiro. Localiza-se a nascente, na parte mais plana da Cerca, por causa do sentido da Ribeira. Junto a ela encontram-se algumas colunas de pedra que deviam delinear um caminho existente outrora, marcado pela presença das ramadas das vinhas. Trata-se de uma construção de pedra, desenvolvida em dois pisos num planta parcialmente quadrangular. Provavelmente aqui seria criado algum gado do Mosteiro e guardada a palha necessária à sua criação.

Contudo, esta construção poderá ter sido erguida em 1740, visto existir a referência de um novo edifício na Cerca, junto ao *pomar de dentro*.⁴⁹

Por fim, embora não existam marcas da sua existência na Cerca, sabe-se que as freiras arouquenses possuíam casas particulares que se localizavam nos terrenos adjacentes ao Mosteiro.

*“A cerca era por igual vastissima e no interior d’ella erguia-se uma grande porção de edificios, hoje demolidos, em numero superior aos da villa, e que, todos reunidos occupariam talvez maior área que o próprio mosteiro: eram as moradas das servas das freiras, e o seu conjuncto formava uma grande povoação (...)”*⁵⁰

Nestas casas viviam as criadas particulares das freiras e era aqui que estas se resguardavam um pouco do voto de clausura, o que invoca alguma estranheza na existência deste tipo de construções num Mosteiro feminino. No entanto, sabe-se que também há registos de casas particulares de religiosas noutros conjuntos monásticos, como o de Lorvão.

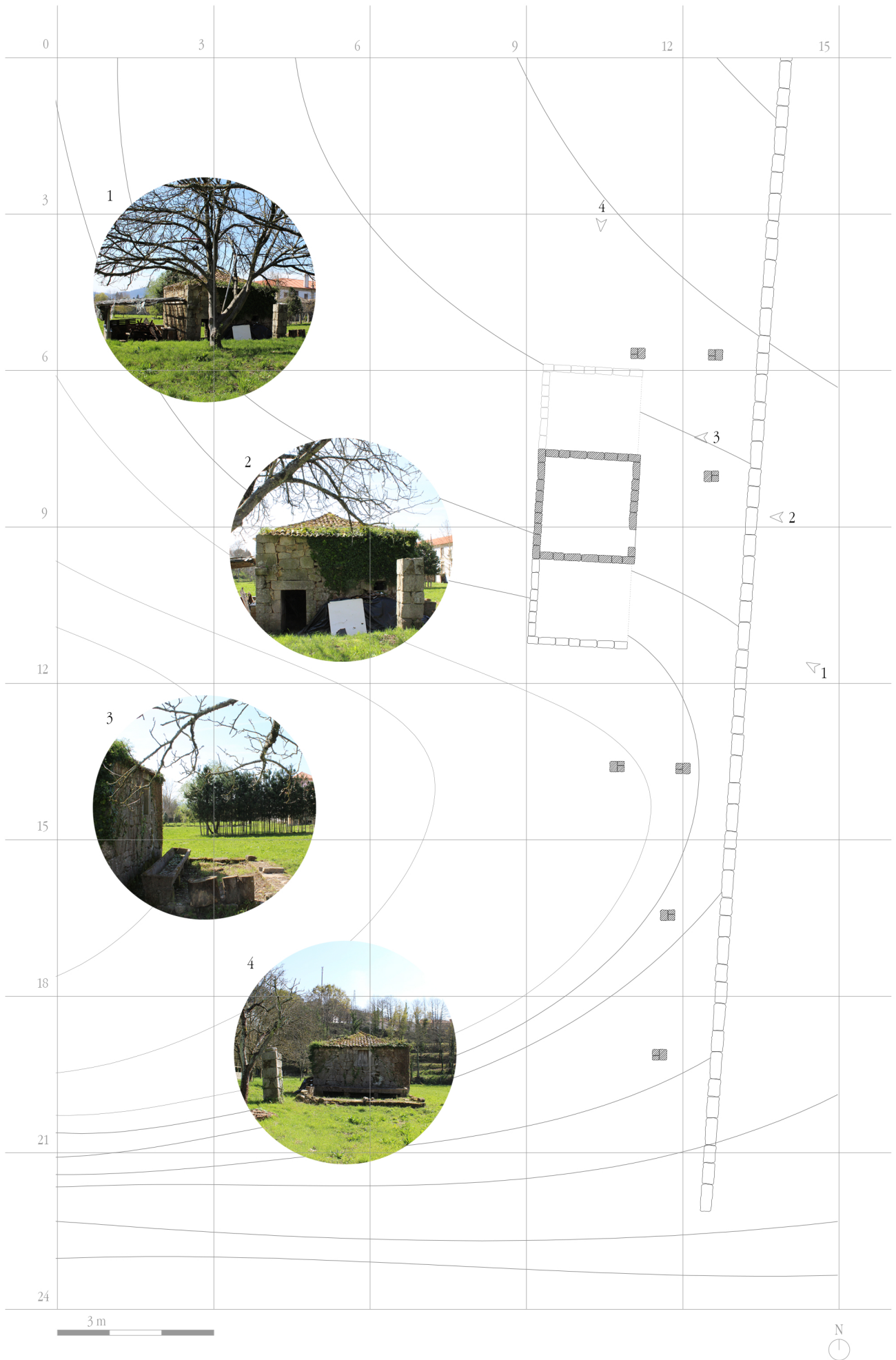
Em 1886, aquando da morte da última freira do Convento, ainda se encontravam mencionadas algumas destas casas particulares das religiosas, mas a maior parte delas já teria entrado em ruína.

*“A Cerca junto ao mesmo edificio do Convento, que se compõe de terra lavradia e d’horta, com ramadas, algumas árvores de vinbo e fruta, água de rega e tanques, algumas casas de pedra já muito arruinadas e duas capelas (...)”*⁵¹

49 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.273

50 ACCACIO, Abel, *O Mosteiro de Arouca*, IV, p.54 in ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p. 309

51 I.A.N./T.T., *Fundo do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Instituições Religiosas - Convento de Santa Maria de Arouca* in ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p. 309



Fotografias antigas



< Figura 54
Conjunto de fotografias
antigas referentes às marcas
da Cerca

Fontes:
Sistema de Informação para o
Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Contributo para o futuro
arquivo de Arouca



Levantamento fotográfico

Figura 55 >
Conjunto de fotografias
de levantamento referentes às
marcas da Cerca
2016
JB.



3.6 | Os limites da Cerca

Como referido várias vezes ao longo da presente dissertação, o voto de clausura que as freiras realizavam interferia não só com os rituais do seu quotidiano, como com a própria organização do Mosteiro. Deste modo, percebe-se os muros que definiam este tipo de Cerca deveriam ter uma especial atenção, para que as religiosas não contactassem com o mundo exterior.

No entanto, ao longo dos séculos a Cerca deverá ter sofrido algumas transformações, sendo que nos primórdios o cenóbio deveria abranger uma área maior à que se identifica nos dias de hoje.

Contudo, sabe-se que ocorreram algumas obras no séc. XIX, uma vez que por esta altura *“a cerca conventual foi recortada com novos muros (...)”*⁵².

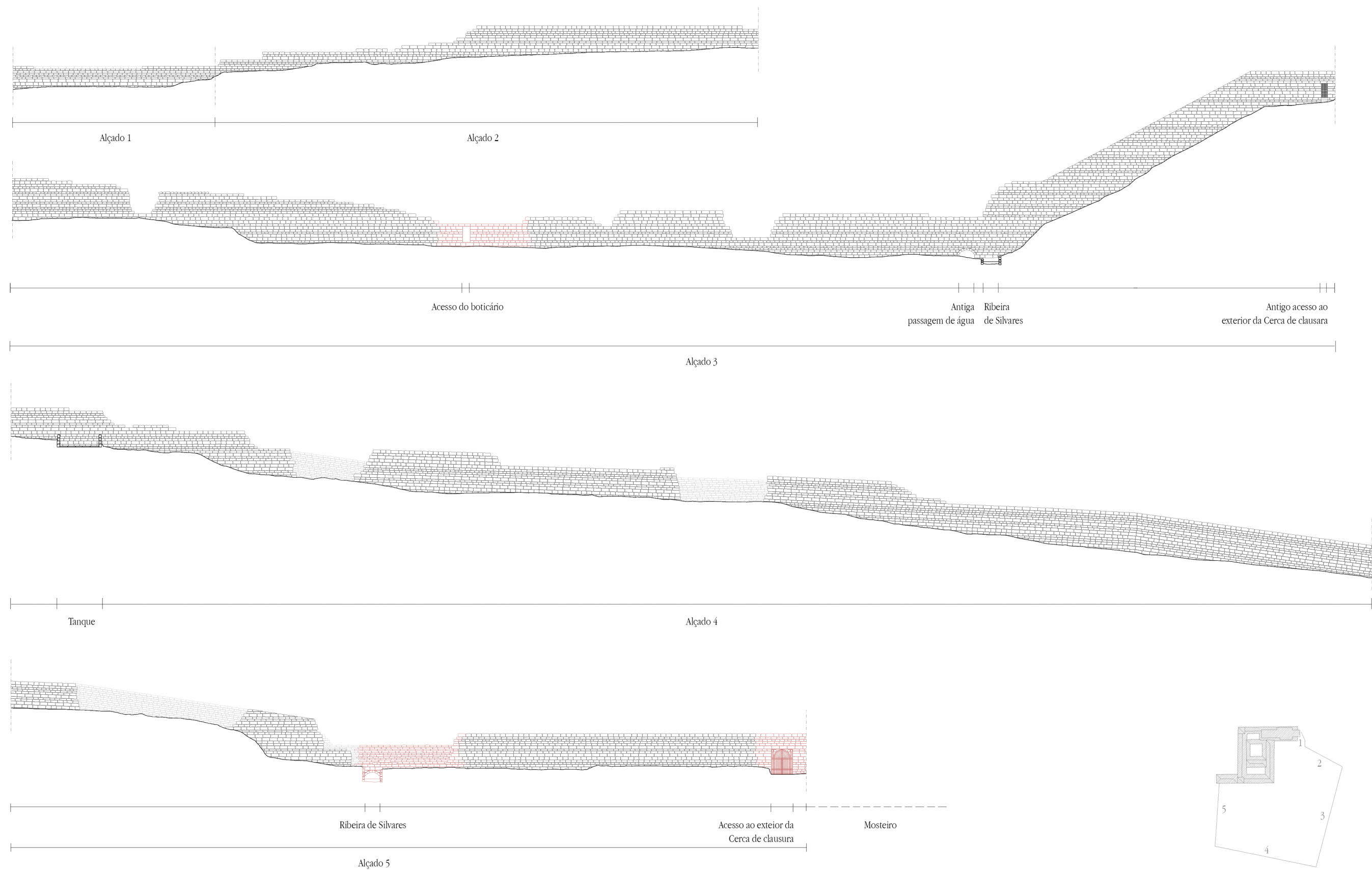
Deste modo, no que respeita os limites deste espaço exterior do cenóbio, verifica-se que a norte a Cerca de clausura é limitada pelo próprio Mosteiro, que contacta com a Vila ; a nascente, algumas casas marcam o limite desta área, assim como alguns terrenos agrícolas que acompanham a Ribeira de Silves; a sul, é limitada maioritariamente por uma rua à qual se agrega um aglomerado habitacional; e a poente, o limite é feito por algumas propriedades privadas e por um parque e campo de jogos. Contudo, através da observação de fotos antigas percebe-se que antigamente junto os muros da Cerca existiam quintas que pertenciam ao Mosteiro. com exceção do limite norte, no qual se desenvolve a Vila.

Relativamente à construção dos muros, percebe-se que, em todo o perímetro da Cerca, existe uma dupla camada de pedra. Provavelmente não foram feitas na mesma altura porque o formato e dimensão das pedras é diferente, mas a sua fragilidade poderá ter revelado a necessidade de construir um segundo muro, visto que em determinados sítios partes do muro interior caíram.

Por fim, o contacto visual entre o mundo exterior e interior da Cerca é quase nulo, não só pelos seus altos muros que a isolam, mas também porque esta parte do Mosteiro não costuma receber visitas, ao contrário do que acontece no complexo edificado. Assim, o isolamento e abandono deste espaço ao longo dos anos, provoca o esquecimento desta área.

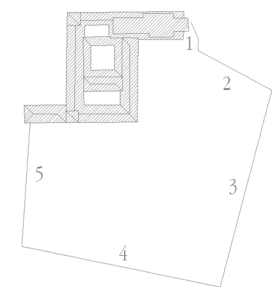
Figura 56 >
Alçados dos muros da
Cerca atual (vista interior)
Escala 1:500
JB.

52 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p. 283



5 m

● Renovações/reconstituições feitas no séc. XX



Fotografias antigas



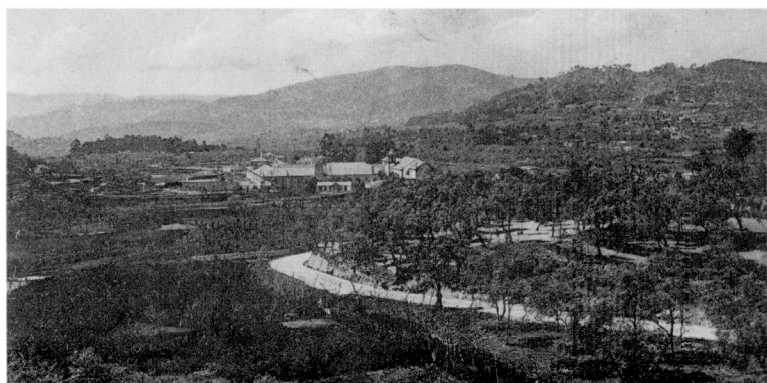
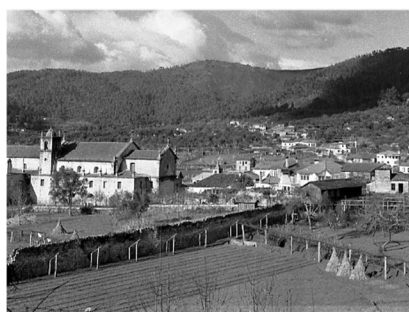
< Figura 57

Conjunto de fotografias
antigas referentes aos limites
da Cerca

Fontes:

Sistema de Informação para o
Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Contributo para o futuro
arquivo de Arouca



Levantamento fotográfico

Figura 58 >
Conjunto de fotografias
de levantamento referentes
aos limites da Cerca
2016
JB.



Figura 59 >

Fotografia da Cerca. 1967
in Sistema de Informação para
o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

CAPÍTULO IV | A Cerca



4.1 | Interpretação

Seguindo os objetivos propostos para a dissertação em causa, o presente capítulo tem como orientação o conhecimento da Cerca, com o intuito de perceber a sua forma original e a sua evolução. Para tal, torna-se relevante compreender alguns desenvolvimentos, sobretudo a nível de organização e expansão da Vila. Assim, através de algumas indicações é possível apontar diversas ilações acerca da evolução desta dependência do Mosteiro.

A nível documental e gráfico não existem registos precisos sobre a Cerca ou transformações que esta sofreu ao longo dos séculos. Torna-se, portanto, indispensável recorrer a fotografias antigas, assim como outro tipo de vestígios que contribuam para uma melhor perceção desta estrutura e interpretação da sua morfologia e dimensão. Desta forma, será necessário fazer uma desmontagem cronológica das principais transformações no Mosteiro e na Vila, prezando uma aproximação à Cerca primária.

Assim, voltando à época da fundação do conjunto monástico e como já foi mencionado em capítulos anteriores, sabe-se que a primeira construção datada do séc. X terá apresentado a forma de uma ermida. No entanto, pensa-se que existiram diversas construções até ser erguido o Mosteiro atual. Prova disto são as várias teorias de uma localização diferente da ermida primitiva, assim como vestígios encontrados na Cerca, junto à enfermaria, que apontam para uma antiga construção.

A existência de uma possível inscrição no Pátio Norte do atual Mosteiro, onde está gravado *ERO* +⁵³, também denuncia uma construção anterior que data, segundo Nogueira Gonçalves, do século X.

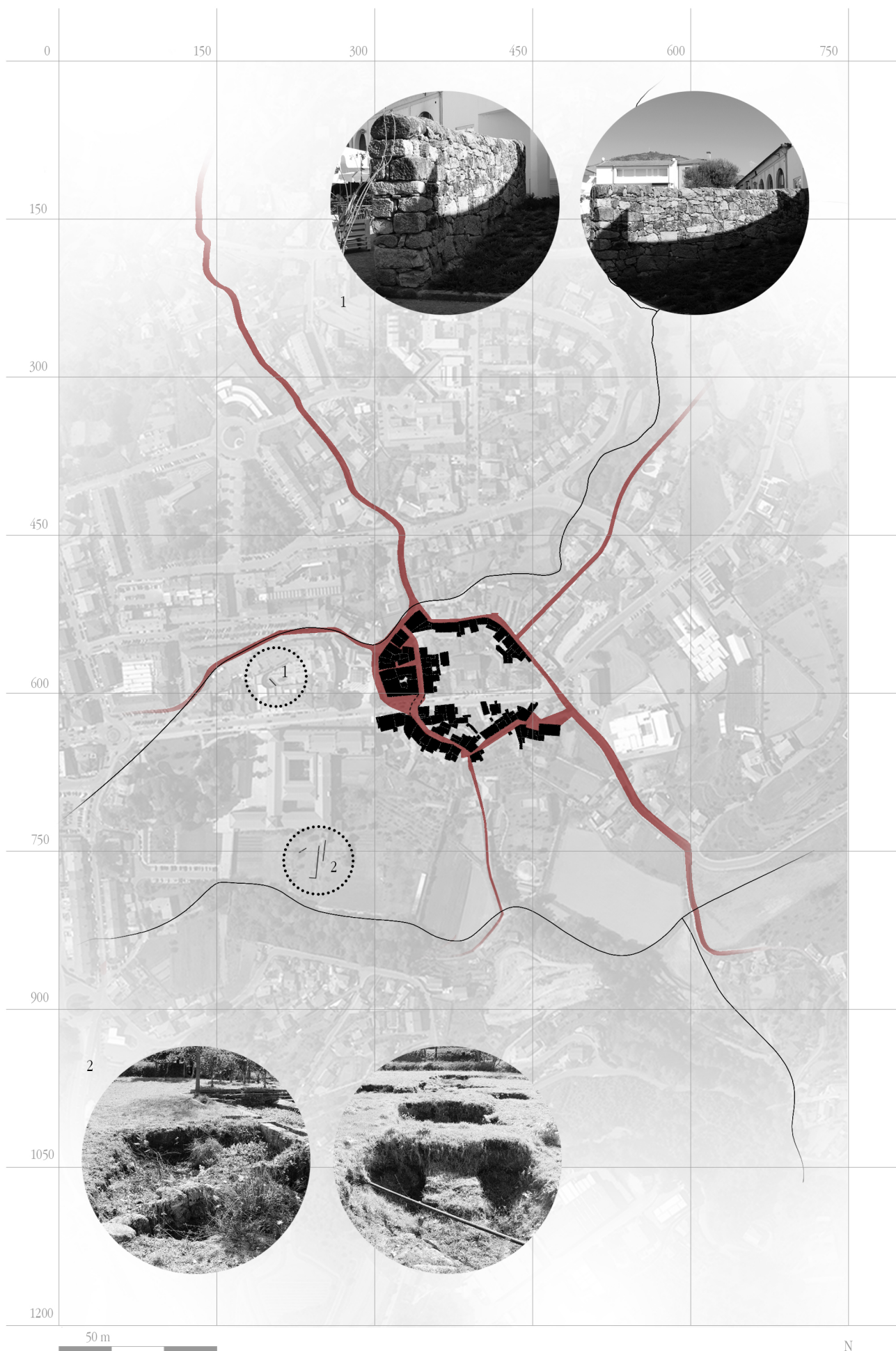
Segundo Frei Fortunato de S. Boaventura, o Mosteiro de Arouca “*sofreu as maiores alternativas e mudanças*”⁵⁴ entre 1091 e 1094. Pensa-se que terá sido feita uma nova construção durante estes anos, uma vez que se menciona num documento de 1092 a edificação de um novo Mosteiro⁵⁵. Assim, os vestígios encontrados nos terrenos monásticos poderão corresponder a esta construção.

Figura 60 >
Planta de localização de vestígios e Vila do séc. X/XI
Escala 1.5000
JB.

53 DIAS, Pedro, 1980, p.13

54 BOAVENTURA, Fr. Fortunato de, 1814

55 SILVA, Filomeno Amaro Soares da, 1993, p.8



Provavelmente, aqui terá sido considerada a delimitação de uma Cerca, visto tratar-se já de uma construção de maior escala e que apresentava alguma notoriedade nacional, estando associada desde os primórdios à alta nobreza. Tal facto também se pode apoiar na referência à existência de muros que delimitavam os terrenos do Mosteiro nos primeiros séculos da sua existência, registada por Filomeno Silva, quando menciona que “*o crescimento do Mosteiro acabará por ter reflexos extra-muros (...)*”⁵⁶.

Deste modo, pensa-se que o vestígio de uma porção de muro encontrado *in situ* junto ao núcleo gerador da Vila poderá ser referente a um possível limite da Cerca do séc. XI/XII, dada a localização a norte do Mosteiro para onde, nos séculos seguintes, se expandiram as habitações da Vila.

Assim, pensa-se que a Cerca deste período se expandia por uma vantajosa área do território arouquense, na qual a fertilidade dos terrenos e a abundância de água permitia que a agricultura fosse uma das principais atividades do cenóbio.

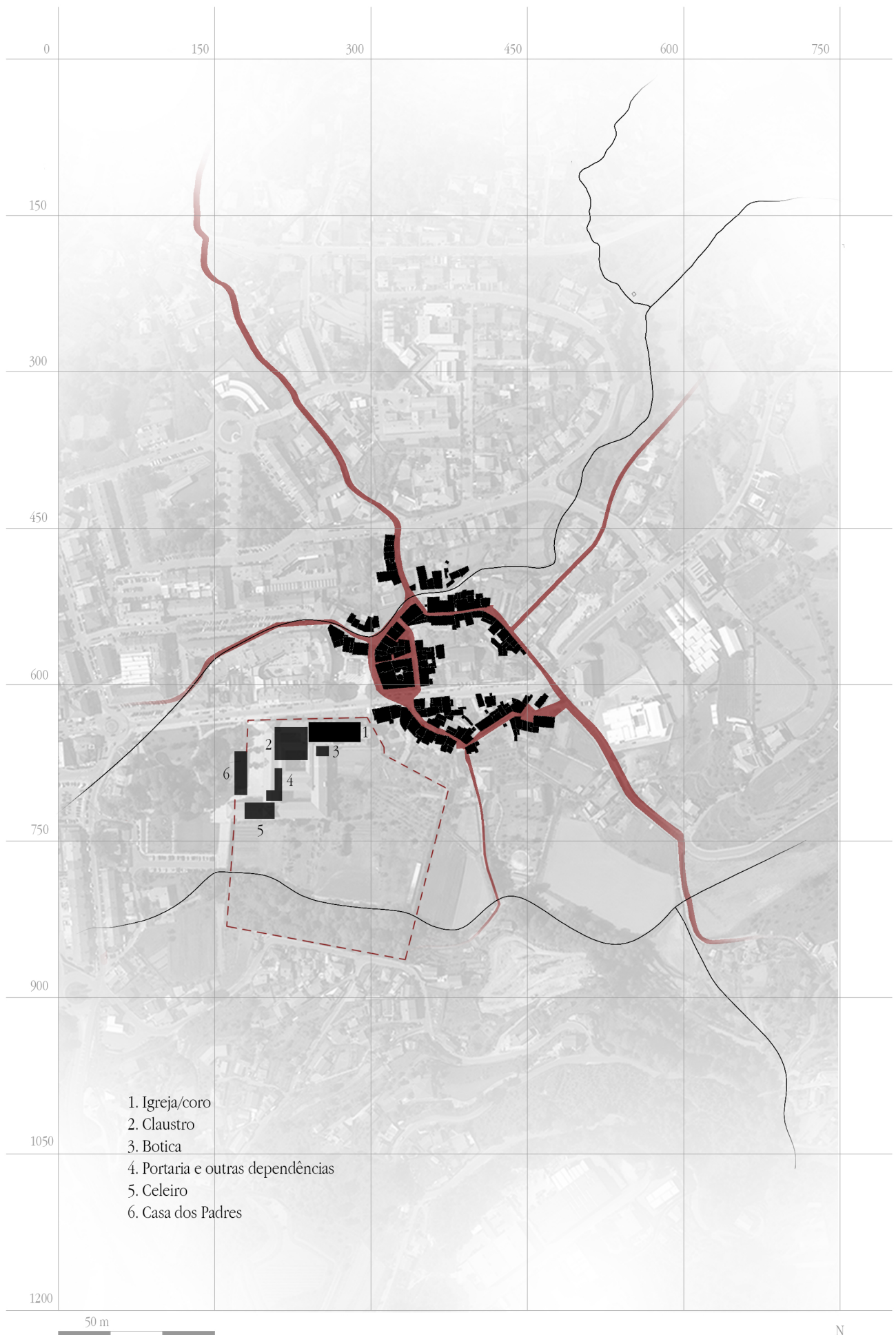
Contudo, com a transição de um Mosteiro dúplice para exclusivamente feminino, em 1154, poderá ter sido feita uma Cerca de clausura inserida nos terrenos monásticos, de menores dimensões onde as monjas pudessem circular livremente sem contactarem com o mundo exterior ou com a comunidade de trabalhadores e outros artífices que circulavam na Cerca geral.

Inevitavelmente, um dos períodos de maiores transformações a nível construtivo e de organização do Mosteiro refere-se ao séc. XIII, aquando da permanência de D. Mafalda no conjunto monástico (1218-1256). Com a implementação da Ordem de Cister no cenóbio, a ideia de existir uma Cerca de clausura torna-se ainda mais plausível visto que uma das premissas que orientava esta Regra restringe qualquer tipo de interferência do mundo exterior, como mencionado em capítulos anteriores. Também a referência a uma *Cerca conventual*⁵⁷ poderá relacionar-se com a teoria apresentada.

Figura 61 >
Planta da Cerca e Vila
do séc. XV/XVI
Escala 1:5000
JB.

56 SILVA, Filomeno Amaro Soares da, 1993

57 ROCHA, Manuel Moreira da, 2011. p.283



Posteriormente, impulsionado pelas transformações de D. Mafalda, nos séculos XV e XVI houve um período de prosperidade da comunidade, no qual se realizaram imensas obras de construção no complexo monástico⁵⁸. Acredita-se que até ao séc. XV o terreiro do Mosteiro podia ainda não estar conformado, visto que só neste período se construiu a antiga Hospedaria dos Padres a poente do cenóbio e na qual se instalou o Hospital da Misericórdia mais tarde. Assim, se por esta altura foi definido um terreiro com um possível pórtico de entrada, os muros da Cerca poderão ter sofrido algumas alterações.

Nos séculos XVII e XVIII, o crescimento da Vila para norte do núcleo inicial, onde foi construído o Calvário, terá definido a Rua Darca. Por sua vez, este período marca uma fase de grandes transformações no edifício monástico, aproximando-o do que se se conhece atualmente. Assim, sabe-se que em 1635 terá sido construída a primeira capela nos terrenos conventuais (ou pelo menos a primeira de que há referências), havendo também referência a uma outra capela, em 1700. Estas deveriam localizar-se na Cerca de clausura, visto ser nesta zona que se encontraram vestígios de algumas estruturas religiosas da mesma escala, como se regista na análise feita.

Se havia alguma incerteza da existência de uma Cerca de clausura, no séc. XVIII não restam dúvidas desta área. Pela interpretação de Manuel Moreira da Rocha, existia nesta época uma *Cerca de dentro* e uma *Cerca de fora*⁵⁹. Esta ilação pode retirar-se também através de uma referência relativa a 1701, na qual se menciona a existência de um *muro de clausura*⁶⁰. Deste modo, conclui-se que os muros que delimitam a Cerca atual deveriam corresponder à área de clausura mencionada nestes séculos.

O ciclo de renovações continuou e em 1703 foi iniciada a construção da nova Igreja, desenhada por Carlos Gimac e inaugurada em 1718. Note-se que este edifício terá contribuído para uma nova organização do alçado norte do Mosteiro, o qual comunica diretamente com a Vila. Assim, pensa-se que por esta altura já deveria existir parte da avenida principal de Arouca, que ligava o núcleo de habitações do séc. X/XI ao Mosteiro, a norte.

Figura 62 >
Planta da Cerca e Vila
do séc. XVIII
Escala 1.5000
JB.

58 DIAS, Pedro, 1980

59 ROCHA, Manuel Moreira da Rocha, 2011, p.59

60 Idem, p.306



- 1. Estrada Real - 1860
- 2. Cerca de clausura
- 3. Cerca do hospital

50 m



Neste tempo deveriam construir-se os primeiros edifícios em frente ao terreiro de D. Mafalda e que conformavam um novo núcleo de habitações. Desta forma, pensa-se que os terrenos monásticos começavam a concentrar-se a sul da avenida referida.

Contudo, as transformações no Mosteiro prosseguiram e, posteriormente à construção da Igreja, ergueu-se o chamado corredor; demoliu-se o claustro antigo e construiu-se um novo, assim como uma nova sala do capítulo.

Desta forma, as maiores renovações no edifício religioso concluem-se e o Mosteiro adota uma forma muito próxima à que se conhece atualmente.

Relativamente à Cerca, sabe-se que entre 1804 e 1807 ocorreu uma reorganização do sistema de distribuição de água nos terrenos conventuais e foram feitos novos muros. Pensa-se que estas alterações dizem respeito à área de clausura visto que se faz referência, uma vez mais, a uma Cerca conventual.

“a cerca conventual foi recortada com novos muros ou paredões para passar a dita agoa”⁶¹

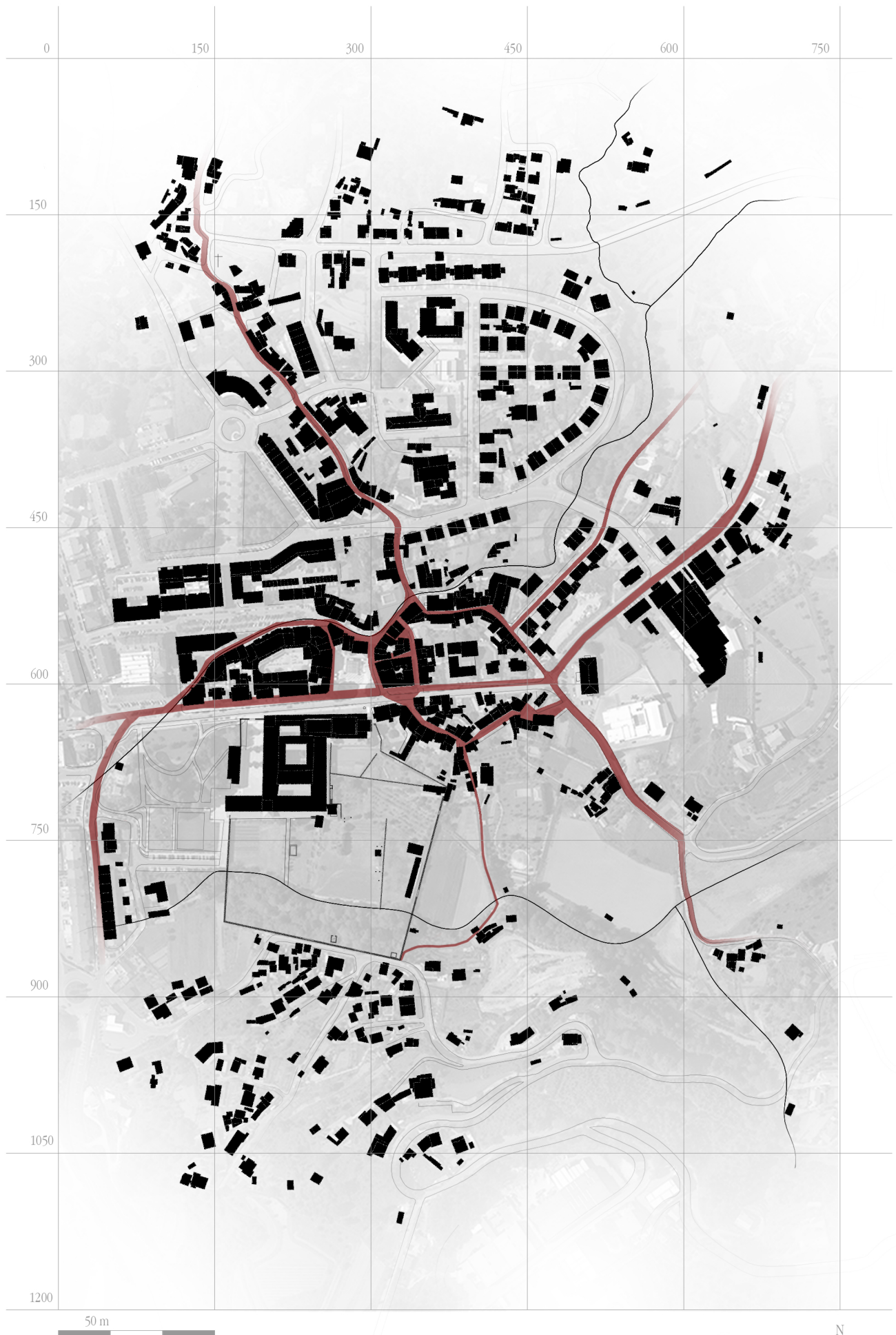
Com efeito, estas transformações poderão justificar a dupla camada encontrada nos muros que definem a Cerca atual, assim como a mudanças das passagens do curso de água por estes elementos, como se encontra registado na análise do objeto de estudo.

Assim, percebe-se que a Cerca foi alvo de um grande processo de transformações, visto estar estreitamente ligada ao desenvolvimento da Vila. Desta maneira, pensa-se que os terrenos conventuais se moldariam às modificações provenientes do crescimento urbano e os seus limites seriam constantemente alterados.

No entanto, note-se que a Cerca do Mosteiro seria composta por muitas quintas e terrenos que, apesar de apresentarem muros, estes não simbolizavam uma separação física do mundo exterior, como acontecia na Cerca de clausura.

Também é importante saliente que até 1945 o Rio Marialva encontrava-se a céu aberto, percorrendo o centro da Vila. Assim, entende-se que seriam necessárias pontes e outras estruturas que permitissem atravessar o curso de água. Desta maneira, foram encontradas referências à existência de quatro pontes, sendo que a mais recente foi criada em 1860, aquando da construção da Estrada Real que ligava Arouca a Oliveira de Azeméis.

⁶¹ B. P. M. P., *Livro de Folha do Real Mosteiro de Arouca 1786-1826*, fl. 72 cit ROCHA, Manuel Moreira da, 2011, p.283



A conceção desta estrada terá tido forte impacto na organização da Vila, mas sobretudo nos terrenos do Mosteiro, visto que representou mais uma rutura nas quintas monásticas, a poente do cenóbio.

No entanto, fica a dúvida da data de construção da entrada a poente do terreiro, também marcada por um portal que ainda hoje se encontra no local. Este acesso poderá ter sido criado aquando da implantação da Estrada Real ou já poderia existir, servindo de acesso das quintas monásticas ao terreiro.

Contudo, o crescimento da Vila progredia, mesmo com o encerramento da estrutura monástica, consequente da extinção das Ordens Religiosas em 1834. As freiras que foram autorizadas a permanecer no edifício até à sua morte, atravessaram uma época de grande decadência, no qual poderão ter cedido ou vendido parte dos terrenos do cenóbio para sua própria subsistência, contribuindo para a alteração ou desaparecimento dos limites dos terrenos monásticos.

Também as constantes renovações do séc. XX em volta do cenóbio terão contribuído para a modificação gradual do território do Mosteiro. Das várias construções destacam-se as obras da atual Avenida 25 de Abril. Assim, sabe-se que em 1920 foram realizadas obras de renovação na porção da avenida em frente ao Mosteiro, construindo um novo muro na *Cerca do hospital*⁶² em 1925.

Em 1924 terá sido retirado o portal principal do terreiro de D. Mafalda, atribuindo um carácter público a este espaço.

Assim, por esta altura a área da Cerca monástica deveria estar muito próxima da que se regista atualmente, restringindo-se à dita Cerca de clausura. Terão sido feitas apenas algumas obras de renovação nos terrenos a poente do Mosteiro, conformando um espaço aberto, contemplando uma zona de jardim, parque infantil e campo de jogos junto da atual Biblioteca Municipal.

Por fim, terão sido feitos alguns acessos na Cerca atual que não deveriam existir quando o Mosteiro se encontrava em funcionamento, tratando-se de um portão no muro poente e outro junto à Igreja, a norte. O único acesso que poderia existir no tempo de clausura seria o portão do boticário, a nascente, uma vez que este vivia e cuidava dos terrenos adjacente a este muro.

62 SIIVA, Filomeno Amaro Soares da, 1993, p.35



4.2 | Comparação com outras estruturas monásticas

Como mencionado em capítulos anteriores, três das filhas de D. Sancho I tiveram uma posição impulsionadora na implantação da Ordem de Cister em comunidades femininas no séc. XIII. Assim, D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda foram as responsáveis pelas primeiras abadias femininas cistercienses em Portugal: o Mosteiro de Lorvão, o Mosteiro de Celas e o Mosteiro de Arouca, respetivamente⁶³.

Contudo, as rainhas adotaram uma posição de patronas ou benfeitoras das instituições monásticas que fundaram ou reformaram, optando por se acolherem nos próprios Mosteiros, mantendo-se muito próximas da comunidade religiosa e organizando, de perto, grandes transformações nestas casas monásticas.

Assim, torna-se pertinente perceber quais as características transversais aos três cenóbios mencionados, com o intuito de obter uma melhor perceção do Mosteiro de Arouca e da sua Cerca. Para tal, seguidamente será feita uma breve aproximação às instituições monásticas referidas.

4.2.1 | Mosteiro de Lorvão

Na sequência da Reconquista Cristã de Coimbra, em 878, terá sido fundado o Mosteiro de Lorvão, por volta do séc. X. Originalmente masculino, o cenóbio revela especial destaque logo nos seus primórdios e adota a Ordem Beneditina no séc. XI. Com efeito, durante o reinado de D. Afonso Henriques (1139 - 1185), o conjunto monástico sofreu importantes remodelações e adotou a especial função de produzir os manuscritos iluminados do reino, assim como o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Contudo, grandes transformações foram feitas no séc. XIII quando a Infanta D. Teresa de Portugal, irmã de D. Mafalda, se dedicou ao Mosteiro de Lorvão, no qual viveu até à sua morte (1250). Assim, em 1206 instala-se a Ordem de Cister no cenóbio e, simultaneamente, esta instituição monástica passa a ser exclusivamente feminina. É de referir que Lorvão destaca-se por ser a casa feminina cisterciense mais antiga em Portugal⁶⁴.

Figura 65 >
Planta de implantação do Mosteiro de Lorvão do séc. XIX
in BORGES, Nelson Correia,
Arte Monástica em Lorvão,
v. 2, 2002

⁶³ RÊPAS, Luís Miguel, 2005, p.64

⁶⁴ BORGES, Nelson Correia, 2002, p.116 v.1

A nível construtivo, D. Teresa implementou novas remodelações no Mosteiro mas, como também se verificou no caso de Arouca, os vestígios desta época são escassos, devido às transformações realizadas entre os séculos XVII e XVIII que conferiram ao conjunto monástico o aspeto atual.

No entanto, percebe-se que esta instituição religiosa apresenta uma disposição irregular, contrariamente ao que acontece nos Mosteiros cistercienses, os quais prezam, por norma, uma ocupação organizada. Porém, o cenóbio apresenta algumas características transversais ao Mosteiro de Arouca, nomeadamente no que respeita à implantação e Cerca.

Assim, instala-se num vale estreito e abundante em vegetação, aproveitando as características do terreno. Tal como em Arouca, a zona da Cerca localiza-se a sul do Mosteiro, usufruindo das zonas de encosta e da abundância de cursos de água nestes espaços.

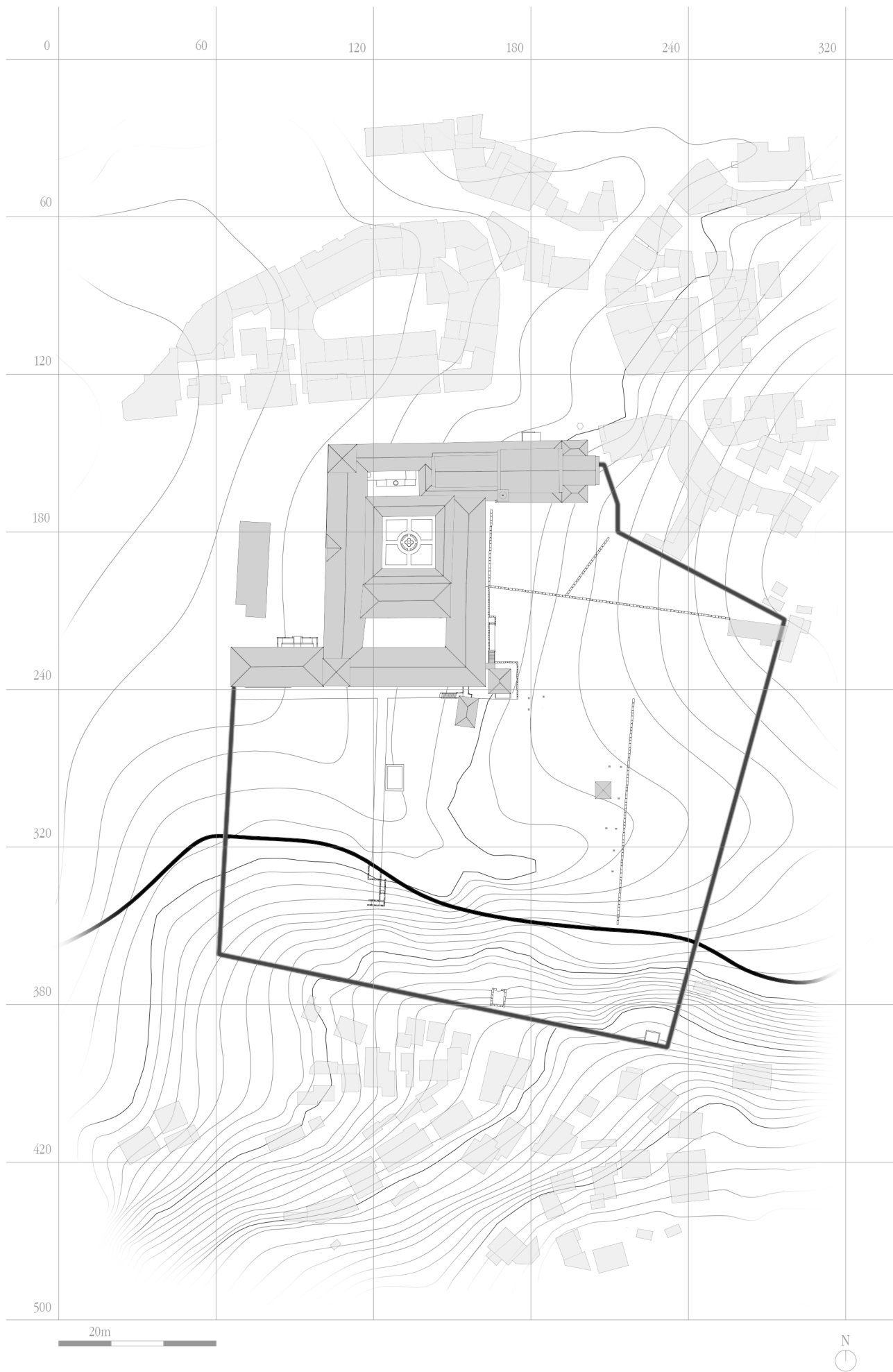
Segundo Nelson Correia Borges, o Mosteiro de Lorvão possuía 3 Cercas: Cerca de clausura, Cerca de noviciaria e Cerca do Vale de Fora. Deste modo, tal como em Arouca, verifica-se a existência de um espaço rigorosamente isolado onde as monjas circulavam livremente. Assim, sabe-se que o muro de clausura terá sido construído em 1623⁶⁵ e que a área deste espaço deverá ser coincidente com a do Mosteiro arouquense.

Por sua vez, a Cerca de noviciaria foi erguida em 1734, aquando de renovações na parte poente do Mosteiro. Este espaço corresponde a uma área relativamente pequena, rodeada de muros, dos quais atualmente resta apenas um pequeno trecho. Contudo, sabe-se que no Mosteiro de Arouca não existia uma noviciaria (um espaço exclusivo às noviças que iniciavam a sua vida religiosa) e, consequentemente, uma Cerca de noviciaria.⁶⁶

É de referir que o cenóbio de Lorvão possui um espaço semelhante ao terreiro de D. Mafalda, conhecido neste caso como pátio do Mosteiro. Em semelhança ao conjunto monástico de Arouca, este espaço encontra-se conformado a poente pela Casa dos Padres e acede-se a norte, através de um portal. A Cerca do Vale de Fora, terá sido construída quando foi feita a Casa dos Padres, provavelmente com o intuito de resguardar os utilizadores deste espaço ou delimitar terrenos que poderiam ser trabalhados pelos próprios padres.

65 BORGES, Nelson Correia, 2002, p.337 v1

66 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.278



Relativamente à Cerca de clausura, sabe-se que o acentuado declive desta era suportado por pequenos socacos e o acesso a este espaço seria feito através de “*caminhos pitorescos e ruelas de traçado sinuoso*” ⁶⁷.

No entanto, são várias as características e elementos transversais aos Mosteiros de Lorvão e Arouca, como a existência de fontes e tanques na Cerca de clausura, devido à abundância de linhas de água. Os canais que provinham do exterior atravessavam os muros através de aberturas gradeadas, como se verificou existir outrora na Cerca arouquense, e a água armazenava-se num grande tanque, a partir do qual se ramificava para diversas partes dos terrenos e estruturas conventuais. A abundância deste elemento na Cerca apoiava o crescimento da vasta vegetação, composta essencialmente por castanheiros, carvalhos, loureiros e medronheiros, assim como árvores de fruto e produtos hortícolas.

Simultaneamente à Cerca de Arouca, a encosta do Mosteiro de Lorvão possuía algumas “*capelas devocionais*” ⁶⁸, havendo referência à existência de cinco neste espaço exterior do conjunto monástico.

A norte, o cenóbio separa-se do núcleo da Vila através de uma pequena ribeira, a qual delimita a Cerca de clausura. Atualmente, nesta zona não existe vestígio de muros e é neste espaço que se conforma o largo principal da Vila.

Com a extinção das Ordens Religiosas e como se declarou para todas as instituições femininas, foi permitida a permanência das freiras até à morte da última, a qual faleceu em 1887. Consequentemente, as épocas seguintes proporcionaram a degradação do cenóbio, como se veio a verificar em muitos outros casos e os limites do Mosteiro terão sofrido alterações. No entanto, pensa-se que os limites da Cerca de clausura permanecem intactos, a sul do cenóbio.

Por fim, durante o Estado Novo (1933 - 1974), o Mosteiro de Lorvão sofreu algumas requalificações, assim como a sua envolvente, com o intuito de ser transformado num Hospital Psiquiátrico.

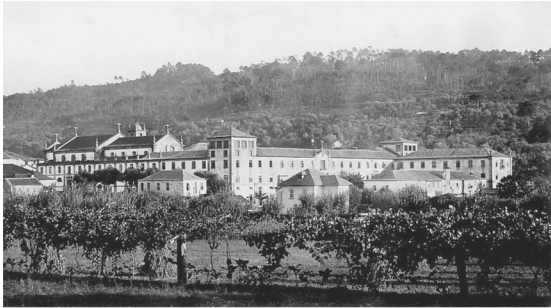
Figura 67 >
Conjunto de fotografias dos
Mosteiros de Cercas,
Arouca e Lorvão
in Sistema de Informação para
o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>
JB. (algumas fotografias de
Arouca)

Temas das fotografias:
Linha 1- Implantação dos
Mosteiros
Linha 2 - Muros das Cercas
Linha 3 - Estruturas
associadas à água
Linha 4 - Portais de entrada
dos Terreiros

⁶⁷ BORGES, Nelson Correia, 2002, p. 343 v.1

⁶⁸ Idem, p.348 v.1

Mosteiro de Arouca



Mosteiro de Lorvão



4.2.2. | Mosteiro de Celas

Apesar de não existirem elementos gráficos que sirvam de comparação das Cercas dos Mosteiros de Celas e Arouca torna-se relevante fazer referência a esta instituição religiosa.

Assim, impulsionada pelo exemplo das irmãs, a D. Sancha de Portugal fundou o Mosteiro de Celas no séc. XIII, por volta de 1221, no vale de *Vimaranes*⁶⁹. Atualmente, o cenóbio revela-se parte integrante da atual cidade de Coimbra, localizando-se perto das suas antigas muralhas. A implantação do Mosteiro deve-se não só pela posse desta propriedade por parte de D. Sancha, mas também pelo facto de representar um local propício à criação e manutenção de uma instituição religiosa, devido à fertilidade dos terrenos e boa irrigação dos mesmos.

Desta maneira, o cenóbio albergava uma comunidade feminina e adotava a Ordem de Cister desde os seus primórdios, conotando-se como a primeira instituição feminina cisterciense construída de raiz, sendo que as de Lorvão e Arouca foram adaptadas.

Relativamente às suas características morfológicas primárias, não se podem retirar muitas conclusões, visto serem pouco perceptíveis. O próprio edifício monástico fundiu-se na cidade de Coimbra, com o avanço da urbanização envolvente, e perderam-se vestígios que poderiam denunciar construções anteriores.

Deste modo, do património monástico primitivo apenas se observa a parte do campanário, o arco da entrada da Sala do Capítulo e os capitéis do Claustro. Os restantes elementos que caracterizam o Mosteiro resultam de intervenções posteriores à construção primitiva.

No entanto, segundo Maria do Rosário Morujão, o Mosteiro de Celas apresentaria uma escala diferente dos Mosteiros de Arouca e Lorvão, representando uma pequena casa religiosa feminina. As dimensões inferiores do cenóbio de Celas poderá justificar-se pela proximidade com centros urbanos, o que condicionaria a sua expansão.

Figura 68 >

Fotografia da fachada principal do Mosteiro de Celas - 1942
in Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

Figura 69 >

Fotografia da entrada para o quintal do Mosteiro de Celas
in Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
<http://www.monumentos.pt/>

69 MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, 2001, p.31



*“(...) o número inicial das monjas não ultrapassaria as três dezenas (...)” e para “(...) albergar uma comunidade desta amplitude não era necessário um edifício muito grande;”*⁷⁰.

Porém, esta instituição monástica apresentava algumas características transversais aos cenóbios mencionados, nomeadamente a presença de diversos cursos de água e fontes nos terrenos monásticos. Este elemento era, uma vez mais, crucial à produção agrícola, vegetação e manutenção do Mosteiro. No entanto, o crescimento urbanístico destruiu qualquer vestígio da presença de estruturas deste género.

Da produção agrícola existente nos terrenos monásticos sabe-se que as oliveiras eram uma espécie presente em grande quantidade, assim como vinhas. Note-se que a produção de vinho era uma atividade muito comum nos Mosteiros e casas particulares, uma vez que este produto era um elemento muito presente na alimentação medieval⁷¹. Também os pomares e as hortas estavam presentes no Mosteiro de Celas, visto que contribuíam para a subsistência desta casa religiosa.

Contudo e como se verificou nos dois casos apresentados anteriormente, para além da Cerca monástica, existiam muitas quintas e terrenos pertencentes aos Mosteiros e que lhes garantiam os produtos necessários ao seu quotidiano.

Porém, as informações sobre uma possível Cerca de clausura são muito escassas devido às drásticas transformações que ocorreram no conjunto monástico de Celas e o crescimento da cidade. Desta forma, não é possível fazer uma comparação das dimensões e fisionomia das Cercas do Mosteiro de Celas e Arouca, como realizado com o caso de Lorvão.

Por fim, é de referir que mesmo com as várias alterações que ocorreram no Mosteiro e com a extinção das Ordens Religiosas, as freiras permaneceram no cenóbio até à morte da última, em 1883.

70 MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, 2001, p.33

71 Idem, 2001, p.74

Figura 70 >
Fotografia de Arouca
Fonte anónima

CAPÍTULO V | Conclusão



O Mosteiro de Arouca e a sua Cerca refletem um conjunto de opções organizativas e simbólicas. Todas as transformações que sofreu contribuíram para a construção de uma casa religiosa complexa e que se apresenta, ainda hoje, imponente no Vale de Arouca.

Tirando proveito do local onde se insere, o cenóbio arouquense fundiu-se e relacionou-se com o território que o envolvia. Apropriou-se e recebeu como fruto de doações várias quintas e terrenos de Arouca, assim como de algumas localidades exteriores, os quais eram trabalhados por servos ou colonos que pagavam a sua renda e exploravam as terras monásticas, revelando um sistema profícuo para o cenóbio e comunidade. Desta forma, esta instituição tornou-se num dos mais ricos Mosteiros de Portugal. Contudo, *“a comunidade vai progredindo de acordo com a evolução dos acontecimentos político-militares.”*⁷²

Desde os seus primórdios, esta instituição monástica atraía a alta nobreza portuguesa. Muitas das famílias que compunham esta classe procuravam o Mosteiro de Arouca, com o intuito de acolherem alguns dos seus elementos femininos junto de uma comunidade religiosa.

Assim, torna-se necessário fazer referência uma vez mais a D. Mafalda, que sendo neta de D. Afonso Henriques, herdara o espírito de conquista do avô, desenvolvendo o cenóbio arouquense.

*“O seu prestígio atraía legados; com o seu dinamismo efetuaram-se compras; a sua carismática estirpe real, dobrada da sua grandeza de santa, encaminham até Arouca as mulheres dos mais altos estratos da nobreza.”*⁷³

Provavelmente, sem a influência da Infanta de Portugal, o Mosteiro de Arouca não alcançaria tamanha notoriedade e escala. Assim, implementou a Ordem de Cister no cenóbio. Esta e outras transformações impostas por D. Mafalda permitiram que o Mosteiro se tornasse num dos pioneiros entre as comunidades femininas cistercienses, alcançando uma grande expansão e crescimento nesta época.

72 COELHO, Maria Helena da Cruz, 1988, p.165

73 COELHO, Maria Helena da Cruz, MARTINS, Rui Cunha, o.c., p.485 in ROCHA, Manuel Moreira da, 2011, p.83

O conjunto monástico funcionava em simbiose com o espaço que o envolvia, sobretudo com a **Cerca de clausura**. Concebida para usufruto das freiras, este espaço simbolizava apenas uma pequena parte dos terrenos monásticos e *“funcionava como uma autêntica cidadela (...) cercada e, por isso, protegida do exterior (...)”*⁷⁴, como era comum nos restantes cenóbios cistercienses.

Como se verificou na análise realizada, neste espaço concentravam-se os equipamentos necessários à subsistência da comunidade monástica, assim como alguns lugares de recreação e devoção. Contudo, contrariando o voto de clausura e vida simples, despojada de luxos, algumas das freiras arouquenses possuíam casas particulares nos terrenos monásticos, que desapareceram ao longo do tempo. No entanto, concluiu-se que algumas destas casas poderão ser sido demolidas por causa das obras de ampliação do Mosteiro, nomeadamente na zona do Pátio Sul.⁷⁵

Desta forma, percebeu-se que a Cerca de clausura era um espaço usado frequentemente pela comunidade religiosa, caracterizando-se pelos diversos mecanismos de obtenção, reserva e encaminhamento de água para as diversas áreas de cultivo e produção. Também as pequenas construções religiosas e edifícios de apoio ao Mosteiro, como a enfermaria e a botica, enriqueceram esta área exterior do cenóbio.

No entanto, veio a verificar-se que atualmente não existe conhecimento sobre a maior parte destes elementos, construções e mecanismos da Cerca, tornando-a num espaço oculto do Mosteiro. Assim, este tornou-se um dos objetivos primários da presente dissertação.

Para aprofundar o conhecimento deste espaço foi necessário efetuar várias visitas ao local de modo a que fosse possível realizar o levantamento dos elementos que caracterizam a Cerca, assim como entender os vestígios de construções e transformações aqui presentes.

Desta forma, realizou-se o registo gráfico dos vários objetos encontrados *in situ*, apresentados na análise. Aqui fez-se uma aproximação e caracterização do espaço exterior cercado, compreendendo várias questões como a implantação do Mosteiro, o sistema hídrico e mecanismos encontrados nesta área, as produções e cultivos existentes, a acessibilidade ao local e percursos marcados no terreno, assim como as estruturas religiosas que enriqueciam este espaço.

⁷⁴ MORGADO, Duarte Nuno, 2013, p.51

⁷⁵ ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.274

Assim, com o registo e sintetização de informação sobre a Cerca de clausura pretendia-se compreender este espaço e a sua organização.

Desta maneira, percebeu-se que a nível do **sistema hídrico**, o principal curso de água presente no objeto de estudo é a Ribeira de Silvaes, da qual era captada água para a fonte e tanques encontrados, a partir dos quais se supõe existirem ligações subterrâneas que encaminham a água para algumas construções da Cerca e interior do Mosteiro.

A nível de **sistema produtivo e vegetação** foi possível registar e localizar diferentes culturas, como a produção de ervas aromáticas e plantas medicinais, zonas de pomares e vinha e uma área de mata, com vegetação mais alta e densa. Através de fontes bibliográficas registou-se também algumas produções e espécies que existiram neste espaço quando o Mosteiro se encontrava em funcionamento, assim como as que se realizavam fora da Cerca de clausura.

Relativamente à **acessibilidade e percursos**, detetou-se a existência de uma espécie de circuito, o qual antigamente não contemplaria acessos através dos muros da Cerca de clausura. Deste modo, percebeu-se que este espaço exterior seria exclusivamente acessível pelo interior do Mosteiro, através do Pátio Sul, utilizando a Porta dos Carros.

Assim, conclui-se que este pátio era o único espaço do Mosteiro onde havia contacto, ainda que muito controlado e limitado através da portaria, de pessoas exteriores ao cenóbio e comunidade religiosa, tornando-se um elemento central dos percursos identificados e uma espécie de praça fechada (figura 71). Talvez por esta razão lhe seja também atribuído o nome de *Terreiro dos Comuns*⁷⁶.

Contudo, detetou-se a existência de um outro acesso a partir do Pátio Sul, junto à cozinha (a nascente do pátio), mas pensa-se que antigamente este só deveria ser utilizado pelas freiras responsáveis pela cozinha, uma vez que a partir daqui estas tinham acesso direto às plantações de ervas aromáticas.

Sobre as **marcas** encontradas concluiu-se que existiam muitas construções na Cerca de clausura, nomeadamente capelas, das quais apenas se encontraram referências bibliográficas, tornando-se impossível fazer um registo gráfico destas estruturas. Contudo, a única que foi possível desenhar não contém nenhum vestígio que permita identificar e datar a sua construção.

Figura 71 >
Planta síntese do Mosteiro e
Cerca de Arouca
Escala 1:2000
JB.

76 ROCHA, Manuel Moreira, 2011, p.66



Porém, tornou-se imprescindível cruzar a informação encontrada com outras casas monásticas semelhantes. Desta forma, percebeu-se que os Mosteiros de Lorvão e de Celas poderiam auxiliar o processo de busca de informação sobre a Cerca de Arouca, visto terem pertencido à mesma Ordem Religiosa, Ordem de Cister, e terem sido fundadas ou orientadas por três filhas de D. Sancho I. Assim sendo, foi feita uma pesquisa sobre estas duas instituições religiosas, tentando compreender como funcionavam as suas Cercas.

Como mencionado anteriormente, sobre a Cerca de Celas pouco se sabe, devido às modificações ocorridas, consequentes da implantação urbana do Mosteiro. Por isso, tornou-se impossível comparar ou justificar qualquer tipo de informação com esta casa monástica. Porém, a aproximação ao Mosteiro de Lorvão permitiu alcançar algumas conclusões e ilações sobre a Cerca de Arouca, sobretudo sobre a **implantação e limites** desta.

Efetivamente, percebeu-se que a Cerca de clausura do Mosteiro arouquense não deverá ter apresentado dimensões diferentes das atuais, uma vez que ao sobrepor graficamente este elemento com o de Lorvão compreendeu-se que apresentavam áreas muito semelhantes. Possivelmente também terão sido construídas na mesma época, visto que em Lorvão se identificou a construção dos muros de clausura no séc. XVII e por sua vez, em Arouca há referência à existência deste elemento no início do séc. XVIII. Assim, pensa-se que a dimensão e morfologia da Cerca de clausura de Arouca não deverá ter sofrido alterações.

Contudo, fica a incerteza da existência de uma possível área de clausura no Mosteiro dos séculos anteriores, nomeadamente, na época de D. Mafalda, quando foram feitas diversas transformações na instituição monástica.

É de referir que, segundo Manuel Moreira da Rocha, as Cercas dos Mosteiros femininos não deveriam apresentar dimensões muito grandes para que os perigos exteriores à vida religiosa não interferissem com a comunidade do cenóbio. Assim, a área deste elemento dos Mosteiros deveria ser proporcional ao número de pessoas que viviam segundo o voto de clausura⁷⁷.

Deste modo, os Mosteiros de Arouca e de Lorvão apresentavam uma Cerca de clausura de dimensões propícias à vida isolada das freiras. No entanto, os terrenos que os envolviam eram propriedade sua, apesar destes não serem delimitados por muralhas ou, pelos menos, não apresentarem uma separação da Vila tão signi-

77 ROCHA, Manuel Moreira da, 2011, p.305 - 306

ficativa. Pensa-se que poderiam ter muros de suporte ou de divisão de quintas, mas não muito altos.

Assim, estes terrenos adjacentes aos Mosteiros eram conotados por *Cerca de fora*⁷⁸, no caso de Arouca e *Cerca do Vale de Fora*⁷⁹, no conjunto monástico de Lorvão. Apesar de se compreender que a palavra Cerca se refere a um espaço delimitado por muros, pensa-se que a atribuição deste nome ao vasto território monástico não depreende que este contactasse diretamente com o interior do Mosteiro e fosse isolado do mundo exterior, como acontecia nas Cercas de clausura.

Desta forma, compreende-se que as transformações das Vilas e as várias construções e alterações no Mosteiro estavam relacionadas com as modificações dos terrenos monásticos, no que respeita os seus limites.

Contudo, apesar de ter sido feita alguma investigação sobre a *Cerca de fora* de Arouca, com o intuito de se fazer uma aproximação à morfologia e funcionalidade dos terrenos que circunscrevem a Cerca de clausura, não foi possível chegar a conclusões concretas e fundamentadas, visto que a falta de informação e o crescimento da Vila contribuíram para a anulação desta Cerca.

Relativamente à Cerca de clausura do Mosteiro de Arouca, concluiu-se que esta não deverá ter sofrido muitas transformações, exceto no seu interior e muros que a limitavam. Ao longo dos séculos a comunidade terá desenhado e construído o interior da Cerca e apresentado a preocupação de realizar pequenos arranjos de manutenção neste espaço e nas estruturas que o cercavam. Contudo, foram feitas algumas alterações nestes muros, nomeadamente a criação de novas aberturas para passagem do curso de água e a inserção de portões de acesso a este espaço.

Por fim, a presente dissertação pretendeu aprofundar o conhecimento sobre o Mosteiro e a sua Cerca, através de uma rigorosa análise e interpretação dos elementos que caracterizam o conjunto monástico. Pretende-se que este trabalho se estenda pela comunidade e contribua para o reconhecimento e valorização do património histórico de Portugal.

É de salientar que a investigação de um tema de natureza histórica e cultural não é um processo contínuo e finito. São várias as etapas necessárias para a compreensão de um conjunto monástico e as transformações sofridas ao longo dos séculos, sobretudo quando a investigação se centra nas Cercas. Compreendeu-se

78 ROCHA, Manuel Moreira da, 2011, p.59

79 BORGES, Nelson Correia, v. II, 2002, p.55

que estes elementos constituintes dos Mosteiros sofrem mais alterações devido ao crescimento das cidades e vilas onde os cenóbios estão inseridos e, por isso, apresentam um caráter mais ténue e frágil no território.

Relativamente à Cerca de clausura de Arouca, esta não foi invadida pela mancha urbana como ocorrido na Cerca de Celas, mas o abandono deste espaço contribuiu para que atualmente se manifeste alguma degradação e perda de informação, que permitiria aprofundar mais o conhecimento sobre esta estrutura.

Desta forma, concluiu-se que o presente trabalho contribuiu para uma aproximação e maior conhecimento da Cerca de Arouca, mas que este tema tem ainda muito por investigar, uma vez que existem elementos que se encontravam fora do alcance desta dissertação, visto serem necessários estudos arqueológicos no local, com o intuito de encontrar vestígios e testemunhos de construções de outros séculos, que ajudariam a caracterizar melhor a Cerca de clausura.

Contudo, apesar deste processo já se ter iniciado com umas pequenas escavações arqueológicas junto à enfermaria, é ainda o começo de um longo trabalho de conhecimento e busca da história da Cerca e Mosteiro de Arouca.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Tânia Sofia Lopes - *Lorvão: um mosteiro e um lugar: análise e reconstituição*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. 2013

BOAVENTURA, Fr. Fortunato de S. - *Memorias para a vida da Beata Mafalda*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade de Coimbra, 1814.

BORGES, Nelson Correia – *Arte monástica em Lorvão*. Volume I. Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002. 972-31-0885-2

BORGES, Nelson Correia – *Arte monástica em Lorvão*. Volume II. Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002. 972-31-0885-2

BRANDÃO, D. Domingos de Pinho, LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha - *Arouca: Notas monográficas*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1991.

BRANDÃO, D. Domingos de Pinho - *Carlos Gimac: Arquiteto de Igreja e Coro de Arouca*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 1998. 972-96860-8-4

CIDADE, Hernâni – *História de Portugal: Implantação do Regime Liberal: da revolução de 1820 à queda da monarquia*. Coordenação José Hermano Saraiva Volume VII. Matosinhos: Quidnovi, 2004. 989-554-112-0

COELHO, Denise Isabel Pinto – *(Re) Interpretar o Mosteiro de Santa Clara em Vila do Conde: do estudo à representação*. Guimarães: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, 2014.

COELHO, Maria Helena da Cruz – *O Mosteiro de Arouca: do séc. X ao séc. XIII*. Arouca: Câmara Municipal de Arouca, 1988.

COELHO, Maria Helena da Cruz – *Arouca: uma terra, um mosteiro, uma santa*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 2005. 972-98111-4-8

CORREIA, Vergílio, NOGUEIRA, Gonçalves - *Inventário Artístico de Portugal: Cidade de Coimbra*. Volume II. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947.

COSTA, João Manuel Martins – *O contributo da Comunicação na dinamização do Mosteiro de Tibães*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2014.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho [et al] - *Actas do Ciclo de Conferências*. Porto: Arquivo Distrital do Porto e Mosteiro de S. Bento da Vitória, 1997. 972-95798-7-3

DIAS, Pedro - *Mosteiro de Arouca*. Coimbra: EPARTUR - Edições Portuguesas de Arte e Turismo, 1980.

FARIA, Fábio André de Oliveira – *Potencial da Cerca de S. Martinho de Tibães para a valorização do património natural do Minho*. Braga: Escola de Ciências da Universidade do Minho, 2014.

FERNANDES, A. de Almeida - *Arouca na Idade Média Pré-Nacional*. Aveiro: [s.n.] , 1965.

GUERREIRO, Rui – *Guia de Turismo de Natureza do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal de Arouca. 972-97867-4-7

MARQUES, Maria Alegria - *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 1998. 972-772-019-6

MENDONÇA, Maria - *Beata Mafalda*. Lisboa: [s.n.], 1931.

MIRANDA, Maria Adelaide - *O Mosteiro de Arouca: pergaminhos*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 1995.

MORGADO, Duarte Nuno – *Arquitetura Cisterciense: espiritualidade, estética, teologia*. Lisboa: Paulus Editora, 2013. 978-972-30-1554-6

MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa - *Um mosteiro cisterciense feminino: Santa Maria de Celas: séc. XIII a XV*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001. 972-616-219

OLIVEIRA, José Miguel Pereira dos Santos de - *A contabilidade do Mosteiro de Arouca: 1786 - 1825*. RIRSMA, 2005. 97298111-5-6

PINHO, Arnaldo [et al] – *O Mosteiro de S.Pedro e S.Paulo de Arouca: História e Arte*. Lisboa: Medialivros S.A., 2003. 972-797-070-2

RIBEIRO, Ângela – *História de Portugal: A Formação do Território – Da Lusitânia ao alargamento do país*. Coordenação José Hermano Saraiva. Volume I. Matosinhos: Quidnovi, 2004. 989-554-106-6

ROCHA, Manuel Moreira da – *A Memória de um Mosteiro, Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX): Das Construções e das Reconstruções*. Porto: Edições Afrontamento, 2011. 987-972-36-1134-2

SÁ, Artur Abreu [et al] – *Geopark Arouca: Geologia e Património Geológico*. Arouca: AGA Associação Geoparque Arouca. 978-989-96055-3-4

SILVA, António Manuel S.P. [et al] – *Memórias da Terra: Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal de Arouca, 2004. 972-97867-7-1

SILVA, Filomeno Amaro Soares da - *Os Forais do Burgo e de Arouca: as cartas de couto do Mosteiro de Arouca*. Arouca: Associação para a defesa da cultura arouquense, 1994. 972-9474-08-7

SILVA, Filomeno Amaro Soares da – *Arouca d'ontem: estudo toponímico e álbum fotográfico*. Arouca: Associação para a defesa da cultura arouquense, 1993.

TEIXEIRA, Francisco Manuel de Almeida Correia - *A arquitetura monástica e conventual feminina em Portugal, nos séculos XIII e XIV*. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2007.

VEIGA, Afonso Santos - *Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda de Arouca*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 2005. 972-98111-6-4

Publicações periódicas:

TOMÉ, Miguel Jorge - *A intervenção dos “Mosteiros Nacionais” dos extintos Mosteiros de Arouca, Lorvão e S.Bento de Cástris*. Revista Ciências e Técnicas do Património. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 1ª Série: volume 2 (2003) p.703 -734

RÊPAS, Luís Miguel - *As abadessas cistercienses na Idade Média: identificação, caracterização e estudo das trajetórias individuais ou familiares*. Revista Lusitana Sacra. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. 2ª série: 17 (2005) p. 63-91

RÊPAS, Luís Miguel - *O Mosteiro de Arouca: os documentos escritos como fonte de conhecimento (1286-1299)*. Revista HVMANTAS. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. volume 50 (1998) p. 539-586

Documentos eletrónicos:

<http://www.patrimoniocultural.pt/>

<http://www.monumentos.pt/>

<http://antt.dglab.gov.pt/>

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Ortofotomapa de Arouca	1
Figura 2 -Fotografia da Cerca. 1967	3
Figura 3 - Quadro de registo do levantamento	8
Figura 4 - Fotografia da Cerca. 1959	13
Figura 5 - Mapa da Reconquista Cristã da Península Ibérica	15
Figura 6 - O primitivo couto do Mosteiro de Arouca	17
Figura 7 - Planta do desenvolvimento da Vila do séc. X/XI	19
Figura 8 - Planta do desenvolvimento da Vila do séc. XVII/XVIII	21
Figura 9 - Planta do desenvolvimento da Vila do séc. XXI	23
Figura 10 - Projeto do Plano Regulador em meados do séc. XX	22
Figura 11 - Rainha D. Mafalda	25
Figura 12 - Instituições monásticas cistercienses femininas	27
Figura 13 - Fotografia do Mosteiro de Lorvão	31
Figura 14 - Fotografia do Mosteiro de Celas	31
Figura 15 - Fotografia do Mosteiro de Arouca	31
Figura 16 - Planta de localização de edifícios anteriores sobre a planta atual	33
Figura 17 - Fotografia do Terreiro de D. Mafalda	33
Figura 18 - Fotografia do Terreiro de D. Mafalda	35
Figura 19 - Planta de localização dos locutórios e galerias do Mosteiro	35
Figura 20 - Fotografia do lado norte e poente do Convento (início do séc. XX)	37
Figura 21 - Fotografia do lado sul e nascente do Convento (início do séc. XX)	39
Figura 22 - Fotografia do Mosteiro de Arouca: vista parceal	41
Figura 23 - Fotografia do Mosteiro de Arouca: pormenor das coberturas	41
Figura 24 - Cronologia do Mosteiro e Cerca de Arouca	42
Figura 25 - Fotografia da Cerca: porta do boticário	45

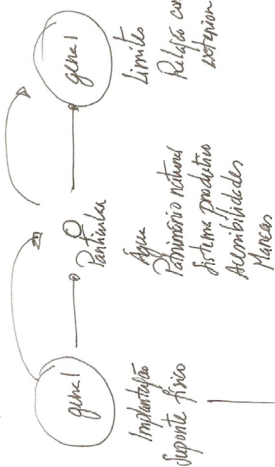
Figura 26 - Planta de implantação do Mosteiro	47
Figura 27 - Fotografia da vista geral de Arouca	47
Figura 28 - Altimetria do Concelho de Arouca	46
Figura 29 - Conjunto de fotografias antigas referentes à implantação do Mosteiro	48
Figura 30 - Conjunto de fotografias de levantamento referentes à implantação do Mosteiro	49
Figura 31 - Planta do sistema hídrico da Vila	51
Figura 32 - Rede Hidrográfica do Concelho Altimetria do Concelho de Arouca	50
Figura 33 - Planta do sistema hídrico do Mosteiro	53
Figura 34 - Cortes da Ribeira de Silvaes	55
Figura 35 - Planta, alçado e corte da fonte	57
Figura 36 - Planta e corte do tanque 1	59
Figura 37 - Planta do taque 2	60
Figura 38 - Antiga e atual passagem do curso de água nos muros da Cerca	62
Figura 39 - Cortes das passagens atuais nos muros da Cerca	63
Figura 40 - Conjunto de fotografias antigas referentes ao sistema hídrico da Cerca	64
Figura 41 - Conjunto de fotografias de levantamento referentes ao sistema hídrico da Cerca	65
Figura 42 - Planta do sistema produtivo e vegetação da Cerca	67
Figura 43 - Conjunto de fotografias antigas referentes ao sistema produtivo e vegetação da Cerca	68
Figura 44 - Conjunto de fotografias de levantamento referentes ao sistema produtivo e vegetação da Cerca	69
Figura 45 - Planta da acessibilidade e percursos da Cerca	71
Figura 46 - Conjunto de fotografias antigas referentes à acessibilidade e percursos da Cerca	72
Figura 47 - Conjunto de fotografias de levantamento referentes à acessibilidade e percursos da Cerca	73
Figura 48 - Planta de localização das marcas	75
Figura 49 - Planta da enfermaria e botica	77

Figura 50 - Gravura da vista sul do Mosteiro	79
Figura 51 - Postal da vista geral da Vila	79
Figura 52 - Alçado da capela	81
Figura 53 - Planta do palheiro	83
Figura 54 - Conjunto de fotografias antigas referentes às marcas da Cerca	84
Figura 55 - Conjunto de fotografias de levantamento referentes às marcas da Cerca	85
Figura 56 - Alçados dos muros da Cerca atual	87
Figura 57 - Conjunto de fotografias antigas referentes aos limites da Cerca	88
Figura 58 - Conjunto de fotografias de levantamento referentes aos limites da Cerca	89
Figura 59 - Fotografia da Cerca. 1967	91
Figura 60 - Planta de localização de vestígios e Vila do séc. X	93
Figura 61 - Planta da Cerca e Vila do séc. XV/XVI	95
Figura 62 - Planta da Cerca e Vila do séc. XVIII	97
Figura 63 - Planta atual da Cerca e Vila	99
Figura 64 - Esquema da evolução da Vila - Mosteiro - Cerca	101
Figura 65 - Planta de implantação do Mosteiro de Lorvão do séc. XIX	103
Figura 66 - Comparação das cercas de Lorvão e Arouca	105
Figura 67 - Conjunto de fotografias dos Mosteiros e Cercas de Arouca e Lorvão	107
Figura 68 - Fotografia da fachada principal do Mosteiro de Celas	109
Figura 69 - Fotografia da entrada para o quintal do Mosteiro de Celas	109
Figura 70 - Fotografia de Arouca	113
Figura 71 - Planta síntese do Mosteiro e Cerca de Arouca	117

ANEXOS

Anexo I

Processo de trabalho

[illegible]

Penchen a evolução da vila (geral) → muito de fazer uma análise mais particular do morfológico

Divine de la Cour
de la Cour

Vallée de la Somme

Nickel urbans sé. XVIII - 170 pgs

pro parecerio n.º
golicano do monedoro
(onde as mulheres lavavam trapos)

↑
conu a céu aberto de 1945 (análises provocaram o seu encarceramento)

Q. Do we have any...

- delimitar as áreas principais

LIBELA DE
STI ANTONIO

mobility

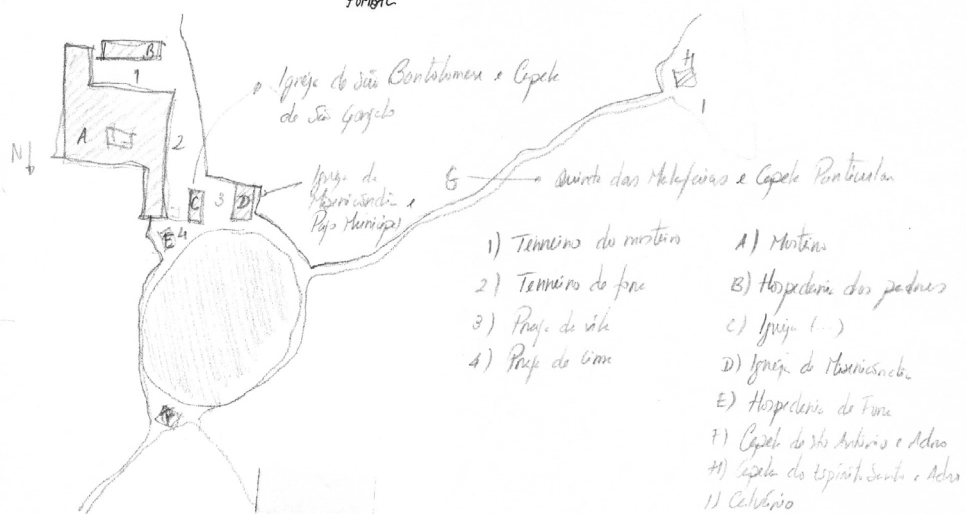
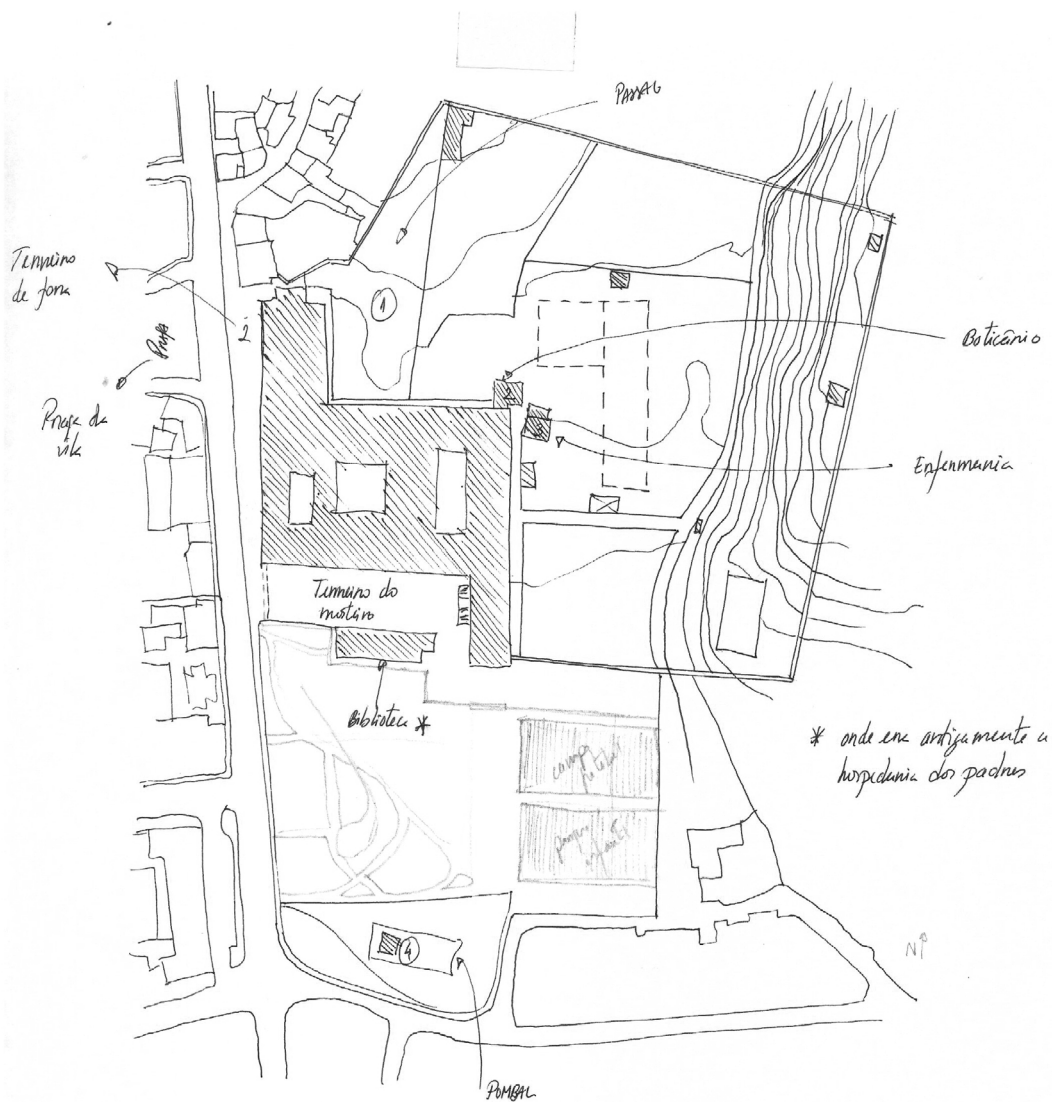
o núcleo também desenvolve-se
a partir dos caminhos pré-definidos
que ligam o Hoxter ao extensor

o gendreau da vila
de Amora

Amos
Curtis Paine

Parasitism

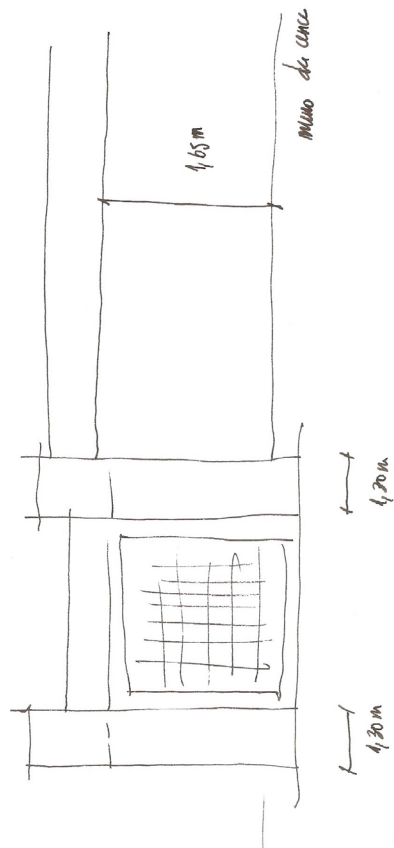
Conto de Pava



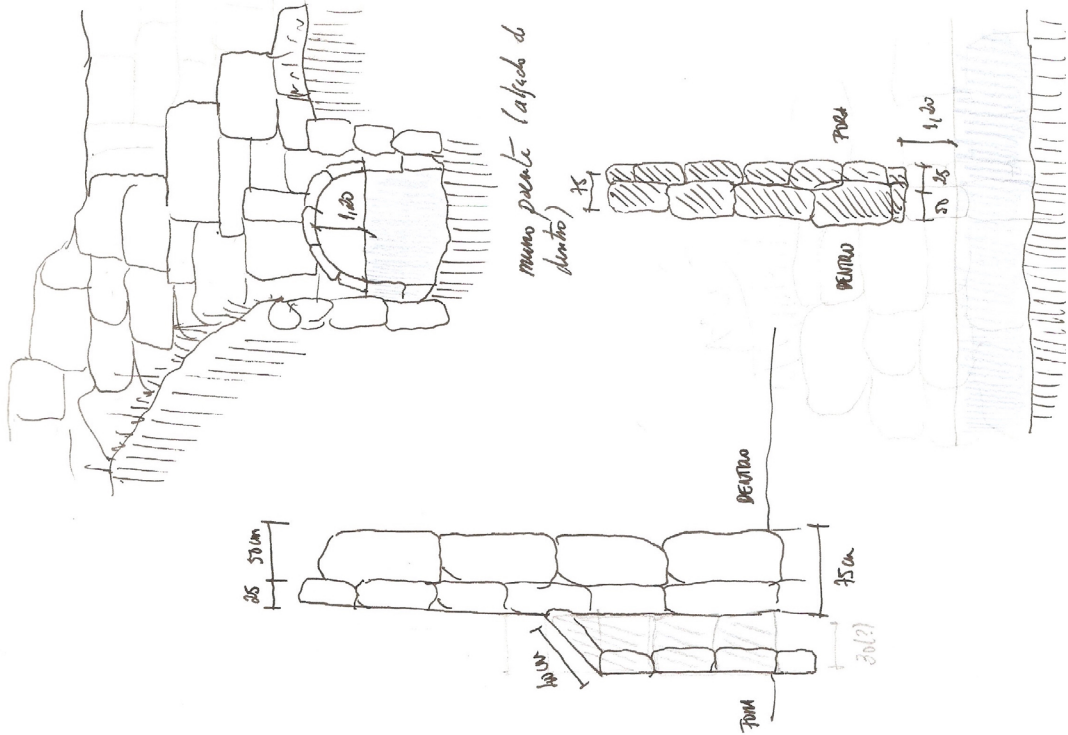
levantamento:



↑
antigo passeio da Ribeira
↓

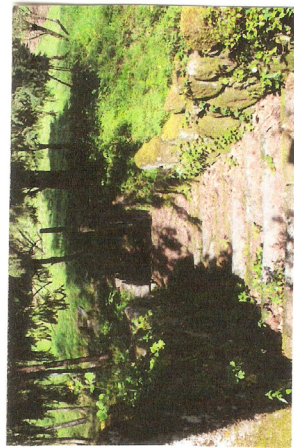


alçada / muro ponte

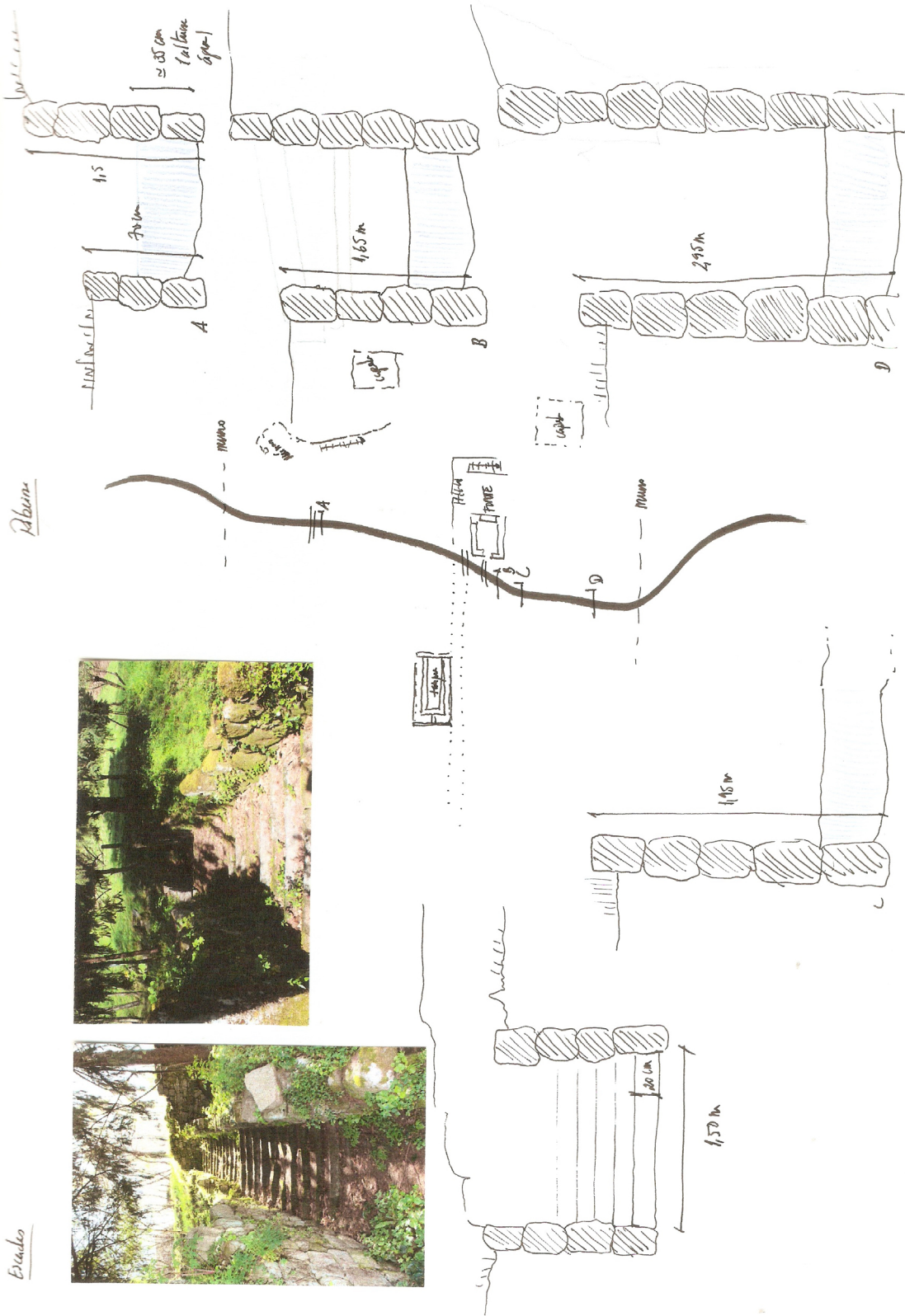




Bracko



Rebun

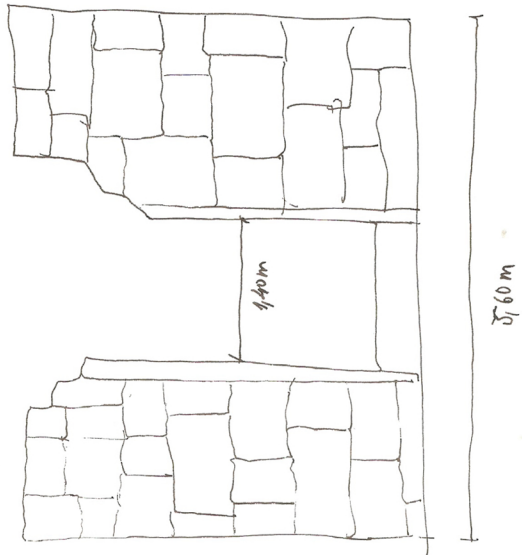
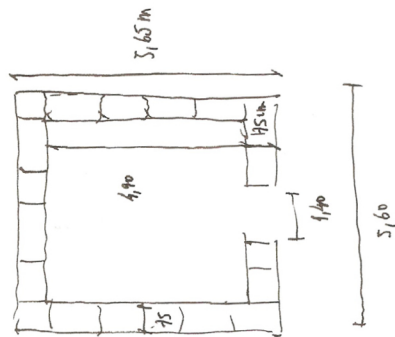


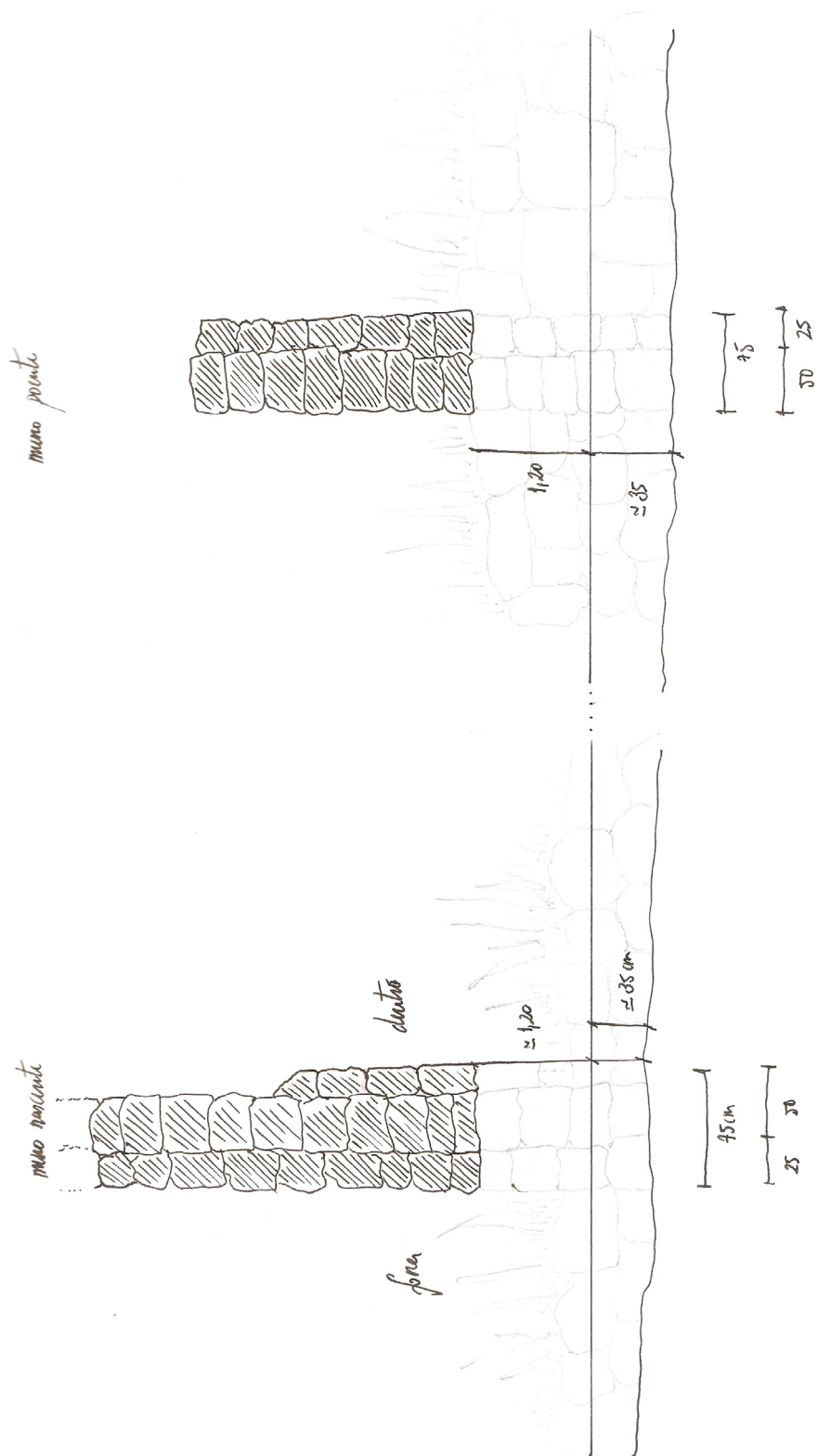
Cyprus

1.

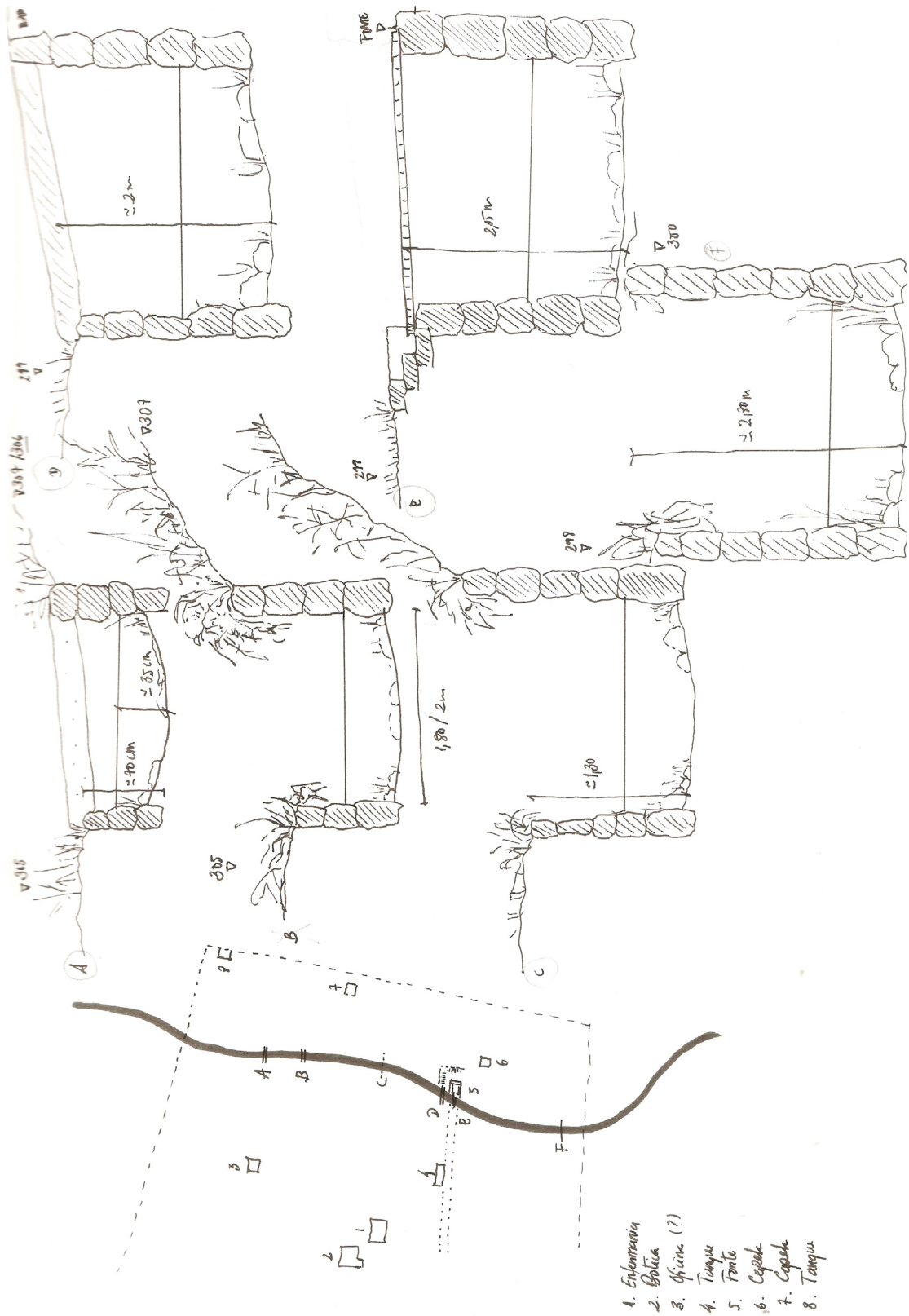


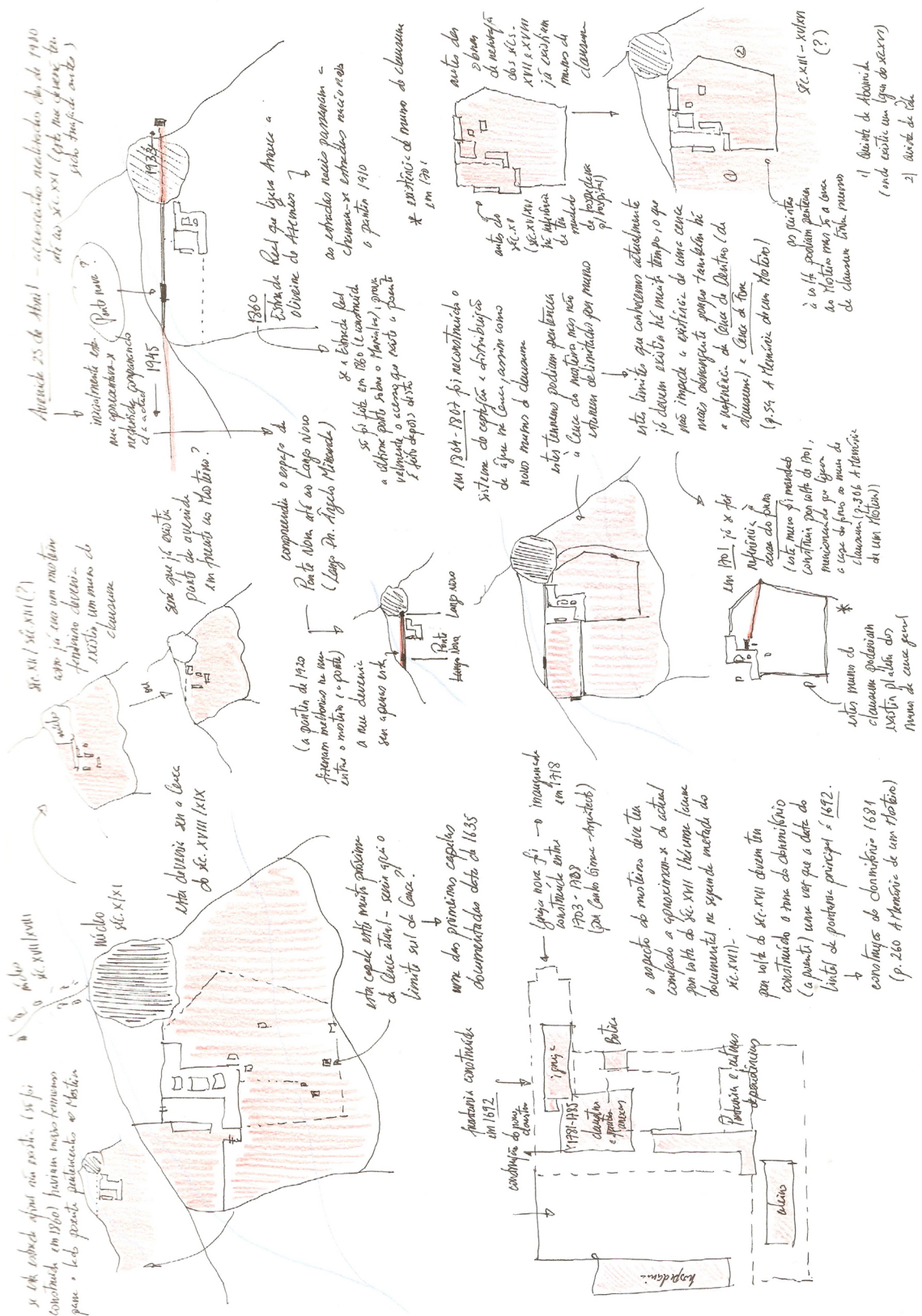
2.

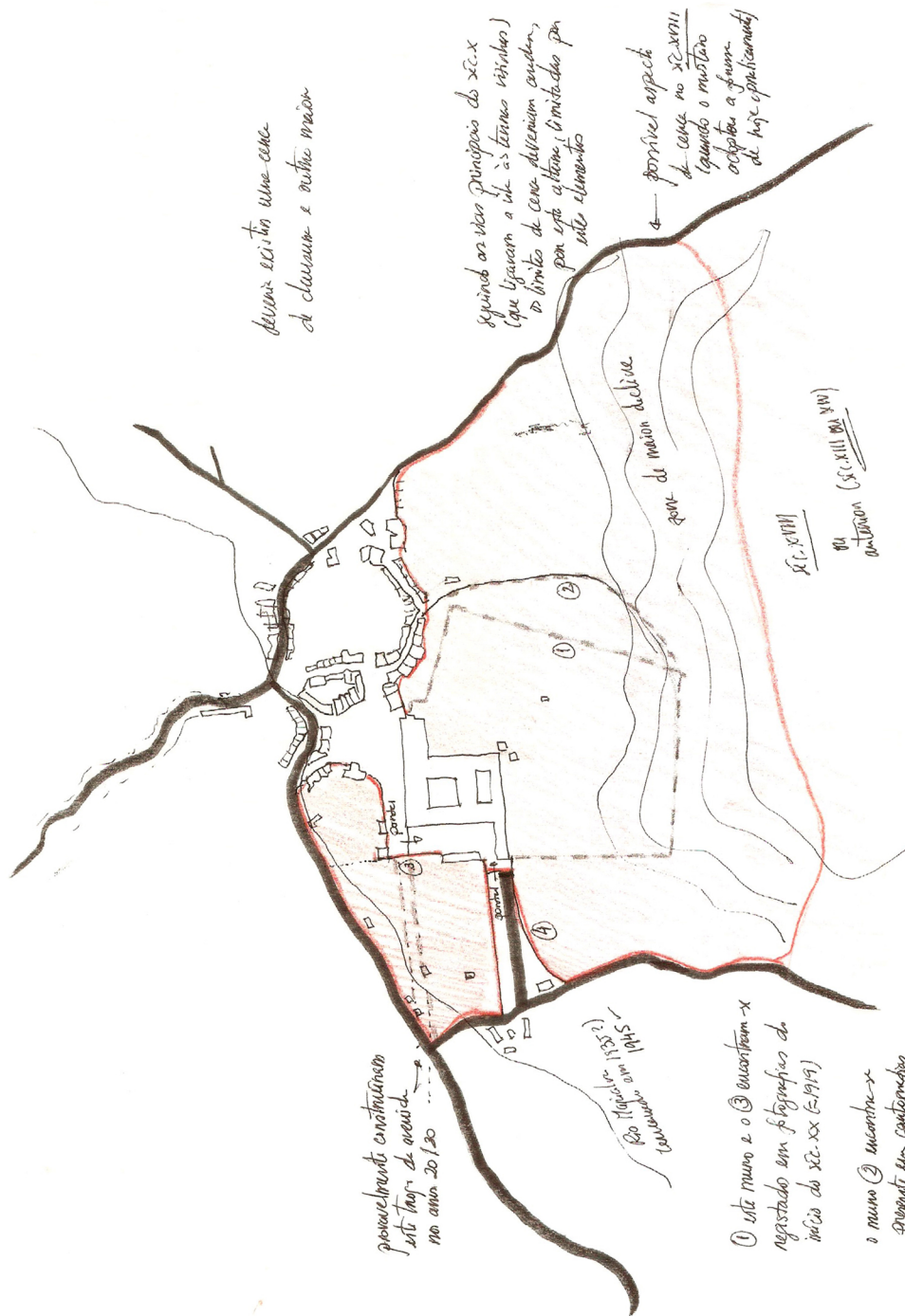




<p>1154 - o Mosteiro passou a ser exclusivamente feminino</p> <p>sé. IX - Poucas fundações de uma ordem - construções primitivas do mosteiro</p>	<p>1218 - 1236 - Rainha D. Matilde</p> <p>1236 - Monte de D. Matilde</p>	<p>* 1692 - data do início da primeira principal</p> <p>sé. XVI - Foi instalado o Hospital de Misericórdia na antiga Hospedaria dos Padres</p> <p>1636 - obra na capela</p> <p>1693 - intervenções no templo no interior (capela, altar e sala do capítulo)</p>	<p>1725 (?) - Início o que constitui o ponto do Mosteiro</p> <p>sé. XVIII - obra de renovação que definiram o aspecto actual</p> <p>1.ª Fase: conclusão da Igreja</p> <p>2.ª Fase: construções do "capítulo" u.º de Matilde</p> <p>3.ª Fase: inicia-se o claustro e uma nova sala do capítulo (1738)</p>	<p>1910 - Classificação como Monumento Nacional</p> <p>1933 - Fundação do Museu da Arte Sacra</p> <p>1960 - Finais do claustro</p> <p>1960-1975 - A antiga Hospedaria dos Padres passa a ser Centro Paroquial</p> <p>1991 - actual do Centro Paroquial, a antiga Hospedaria passa a ser a Biblioteca Municipal</p>
<p>sé. X</p>	<p>sé. XIII</p>	<p>sé. XVI / XVII *</p>	<p>sé. XVIII</p>	<p>sé. XIX</p>
<p>1226 - Filiação da Ordem de Cister no Mosteiro</p>	<p>1635 - Primeira capela a ser construída na Igreja: Capela de São João Baptista (primeira capela que se encontra documentada)</p>	<p>1804-1807 - Construção de um novo sistema de água e muros de cerca</p> <p>sé. XIX (início) - construções da Capela de S. Domingos - 1801/1802</p>	<p>sé. XX</p>	<p>sé. XX</p>







deveria existir uma cerca
de madeira e outra maior

segundo as vistas principais do século X
(que ligavam a ilha às terras vizinhas)
o limite de cerca deveria ser definido,
por esta razão, limitando-se por
este elemento

possível aspecto
de cerca no século XVIII
quando o mosteiro
ocultou a forma
de hoje (aplicando)

século XVIII
ou
antecedente (século XIII ou XIV)

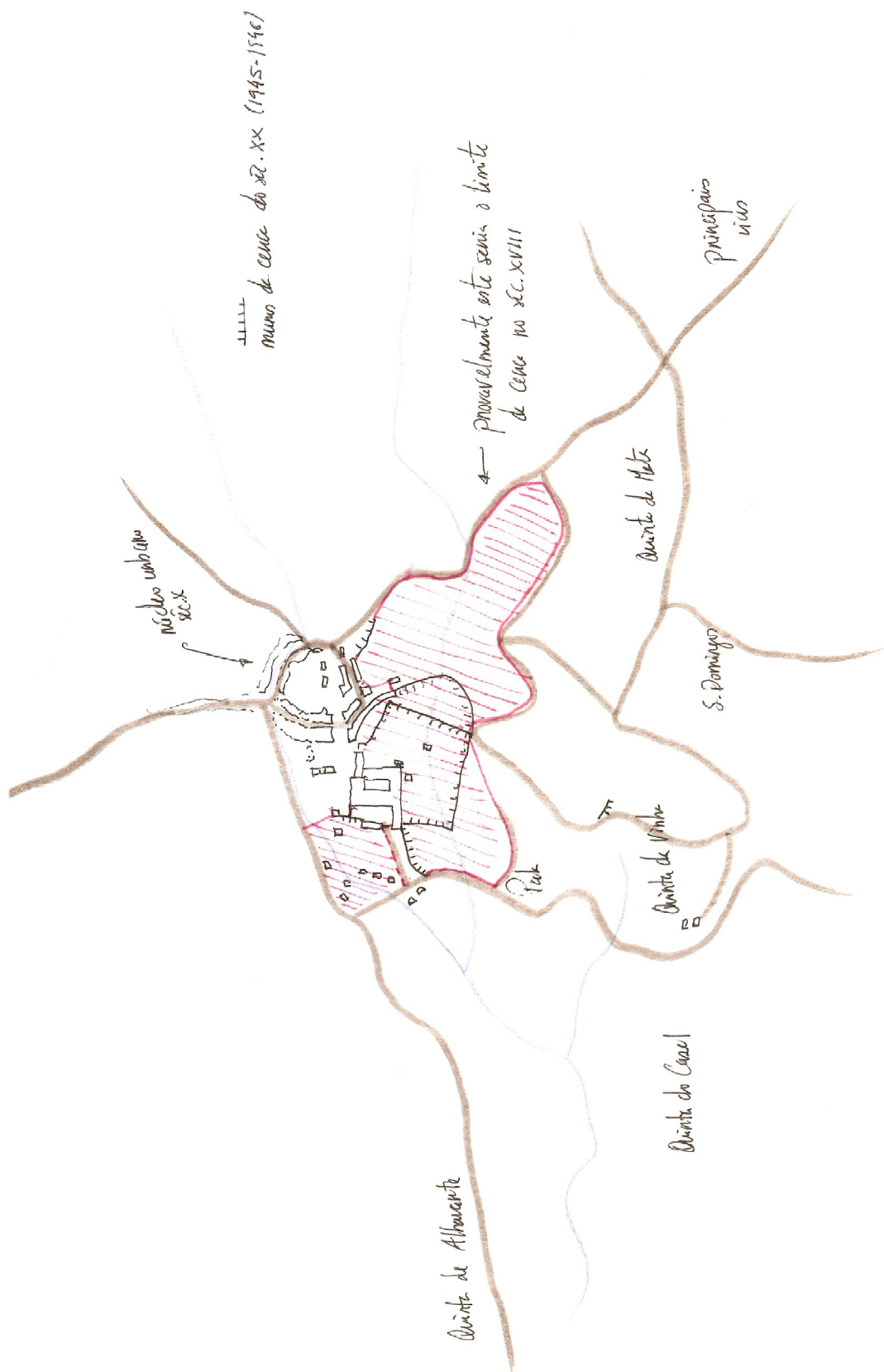
possivelmente construído
este tipo de cerca
no ano de 1200

Por Tágua no ano 1135?

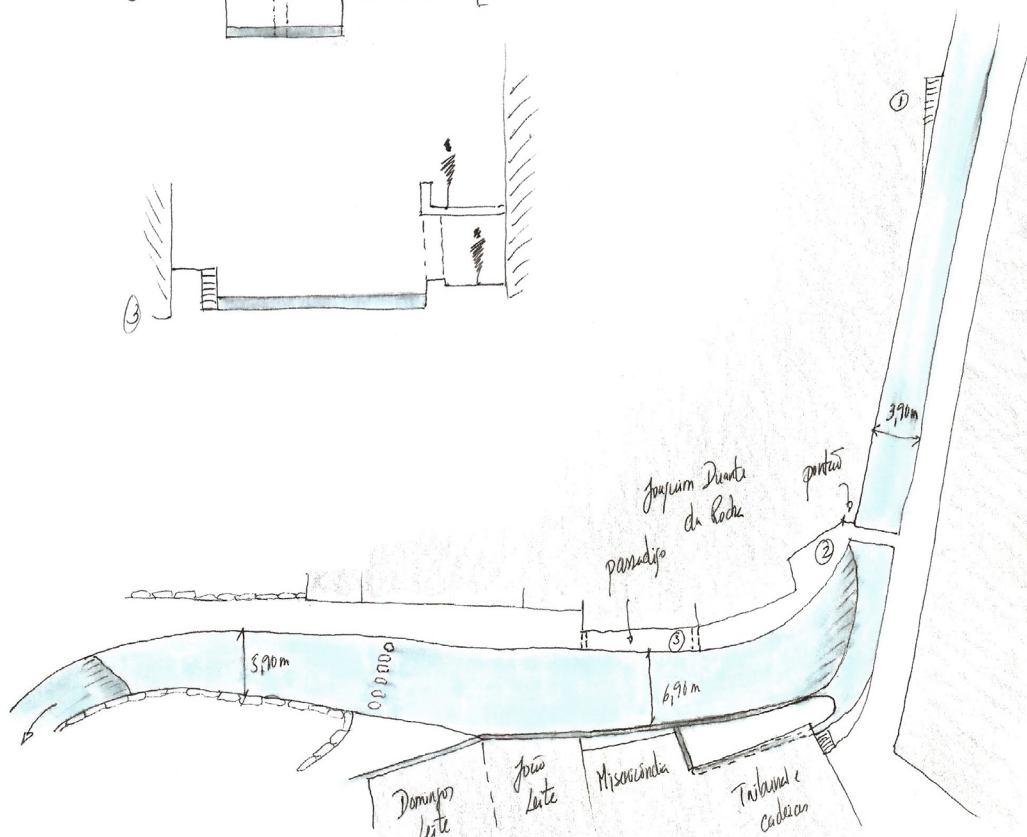
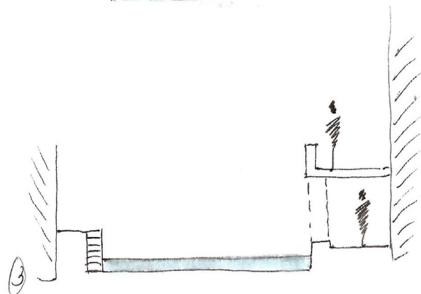
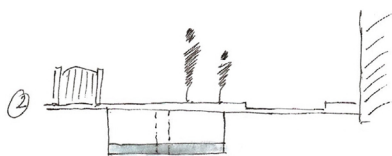
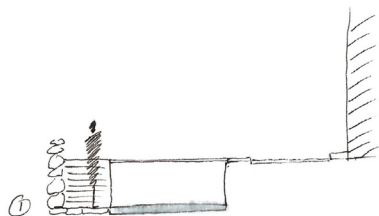
① este muro e o ③ encontram-se
registrado em fotografias do
início do século XX (1919)

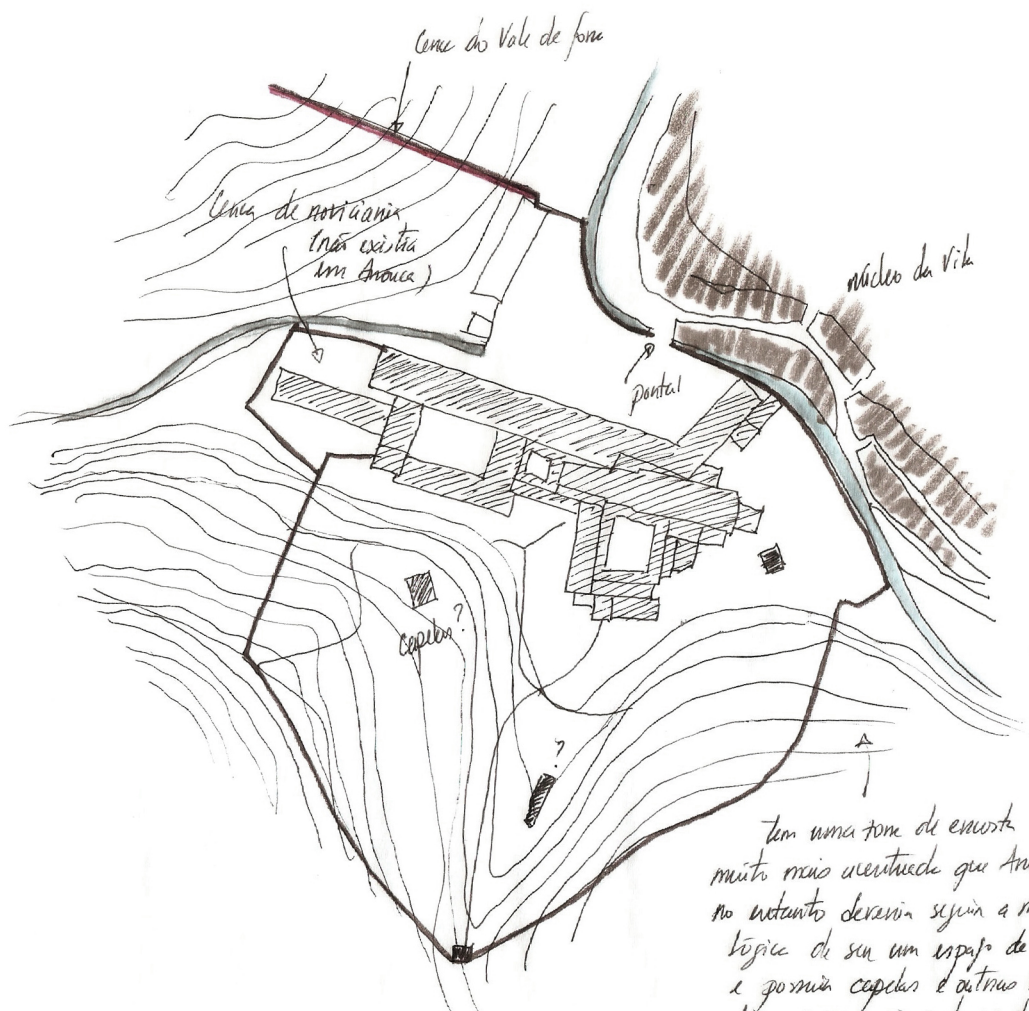
o muro ② encontra-se
presente em fotografias
de 1945

o muro ④ encontra-se registrado
em fotografias de 1945









tem uma forma de emenda
muito mais aventureira que Anaua,
no entanto deveria seguir a mesma
lógica de ser um espaço de oração
e possuir capelas e outras estruturas
de reclusão e por onde as freiras
poderiam 'passar'

Como dar a conocer sus productos a los socios

Facilita el trabajo

Como dar a conocer sus productos a los socios

1941

Montagem do novo ônibus

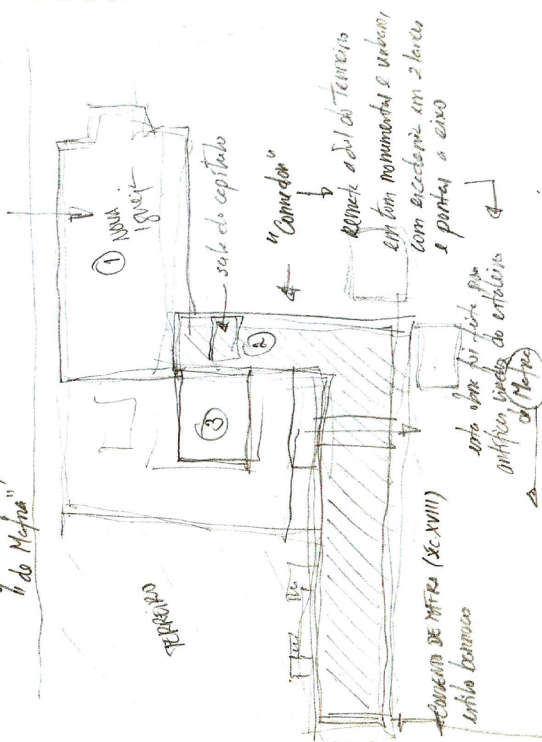
1.º - concluir-se a nova frota (14) →

2.ª - para o plano de obras de renovação do Hósterio

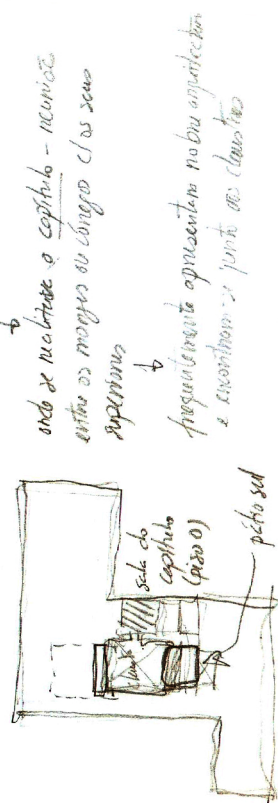
3.ª - companhia pela concessão do chamado "convênio" do Alk

"do Mergulho"

4.ª -



foi demolido o claustrum antigo (onde era?)
e iniciou-se um claustrum novo e novo Sede do capitulo



no início do séc XIX quando as guerras liberais interromperam todos os maiores feitos das classes de clero, ordenando capelas, refectórios e oratórios.

(1886) → monte de última frente; o Mosteiro foi extinto e todos os seus bens transferiram para o Estado Público. incluiu-se a Real Fazenda do Rio São João de 1801
↓
passou ao custo e sofreu muitos despesas nos anos seguintes devido à situação do governo

* conjunto edifico

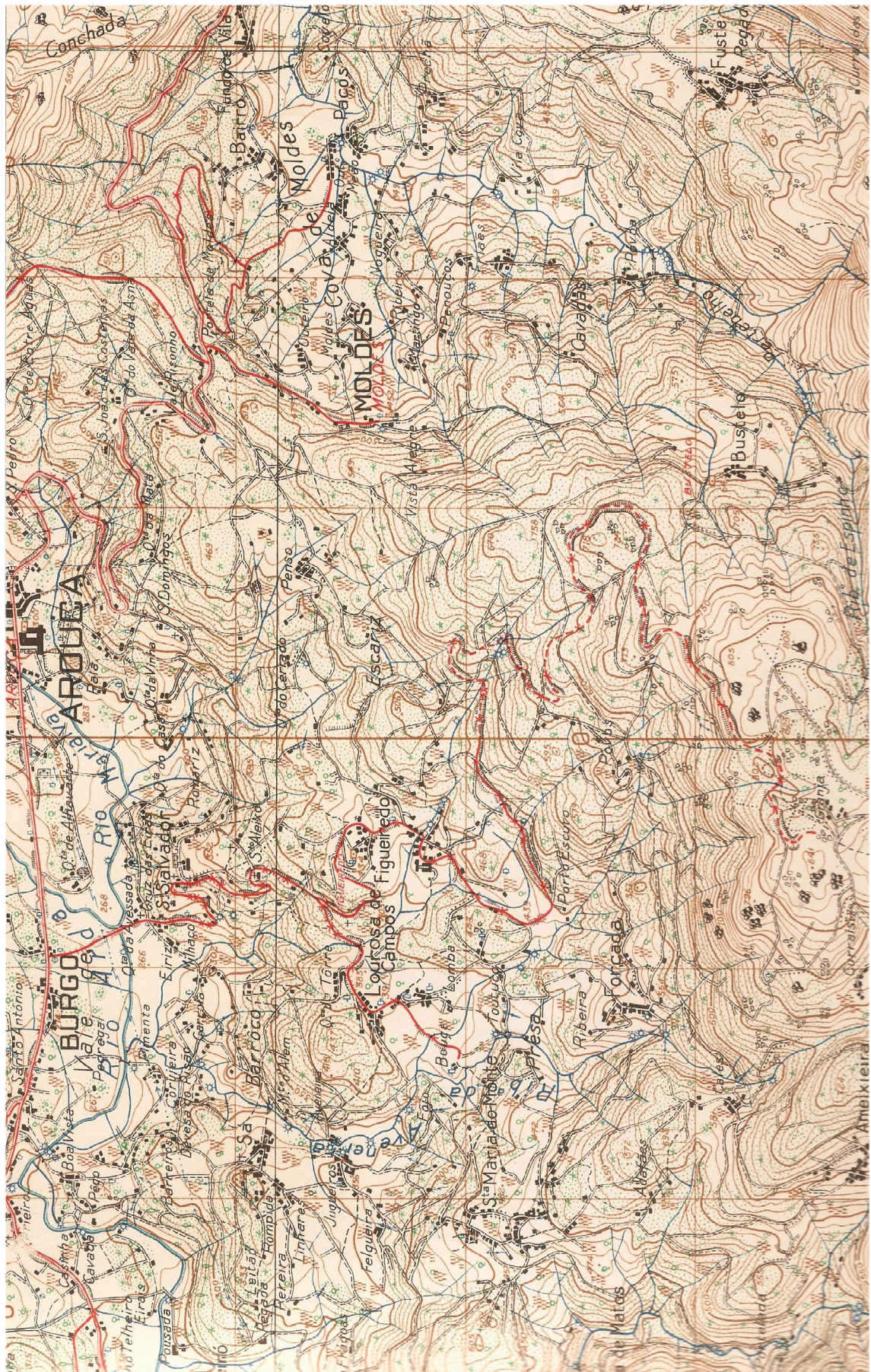
1960 → duas das (continua), em linguagem antropológica, de bônus e clausuras e nação em o caso, de modo a dizer ao elemento "pêlo novo"

1933 → Fundação do Museu de Arte Sacra

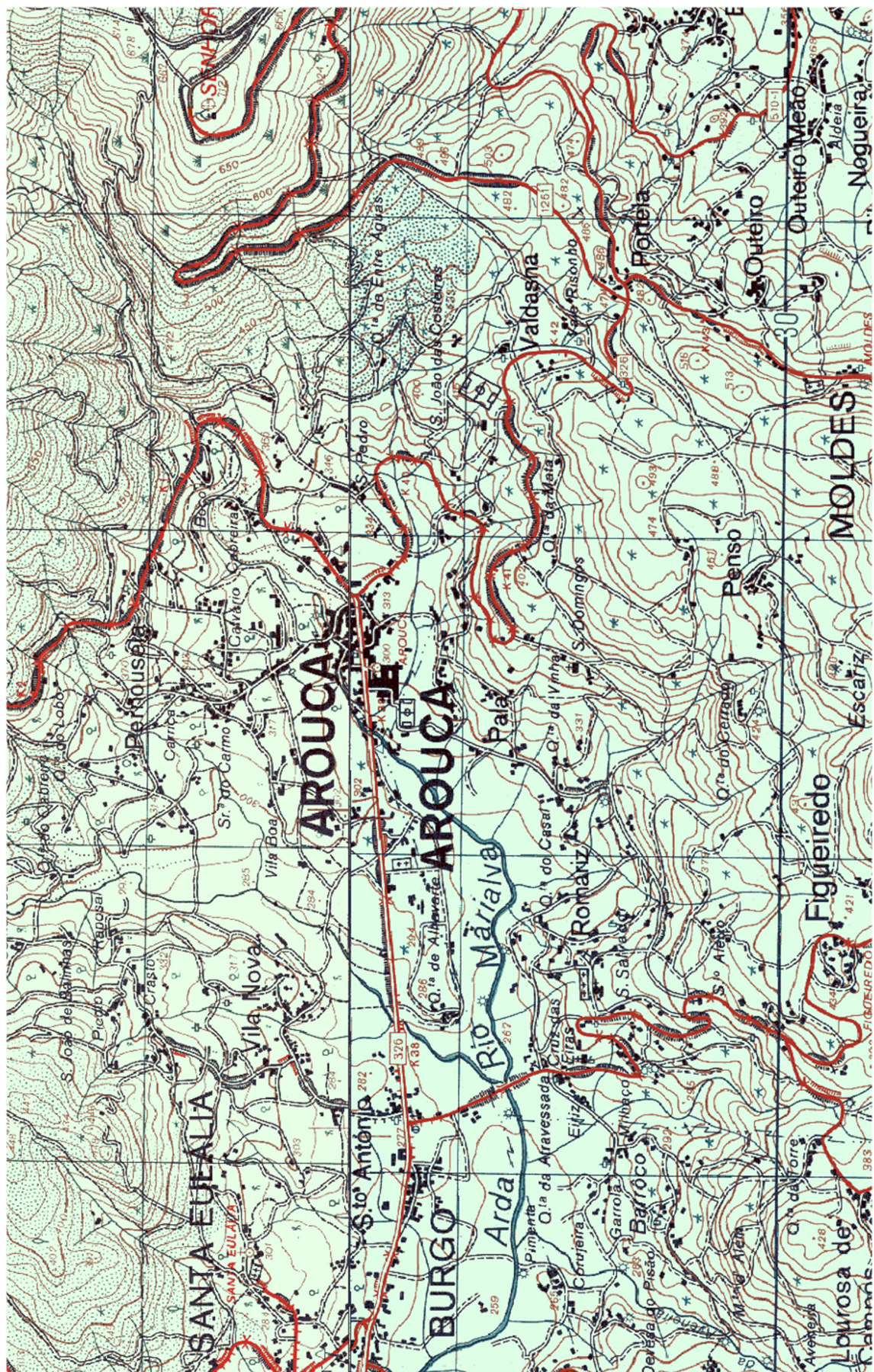
Anexo II

Cartografias e documentos históricos

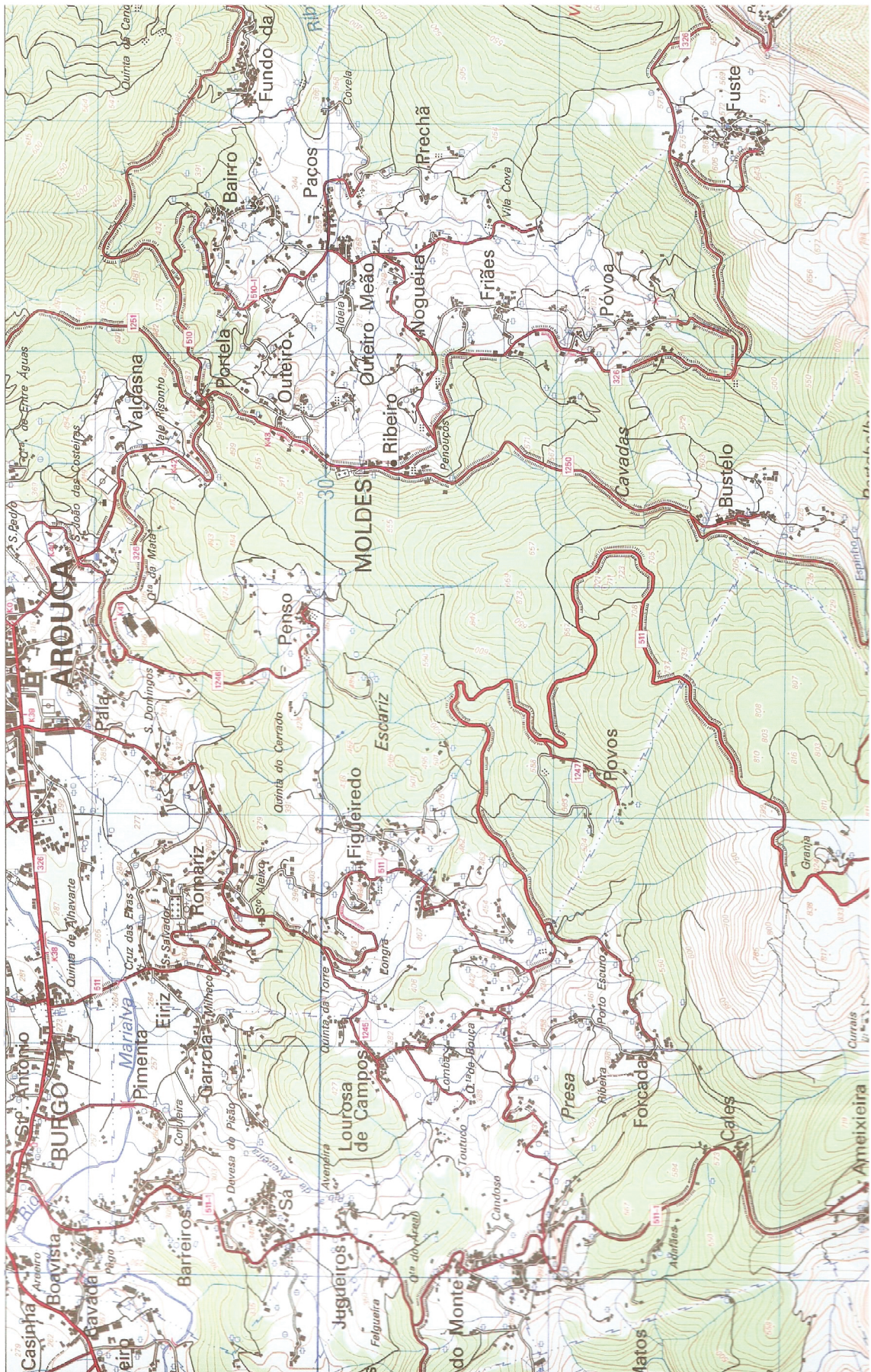
Carta Militar de Portugal >
Instituto Geográfico
do Exército
1946
Escala 1.25 000



Carta Militar de Portugal >
Instituto Geográfico
do Exército
(sem data)
Escala 1:25 000



Carta Militar de Portugal >
Instituto Geográfico
do Exército
2000
Escala 1:25 000

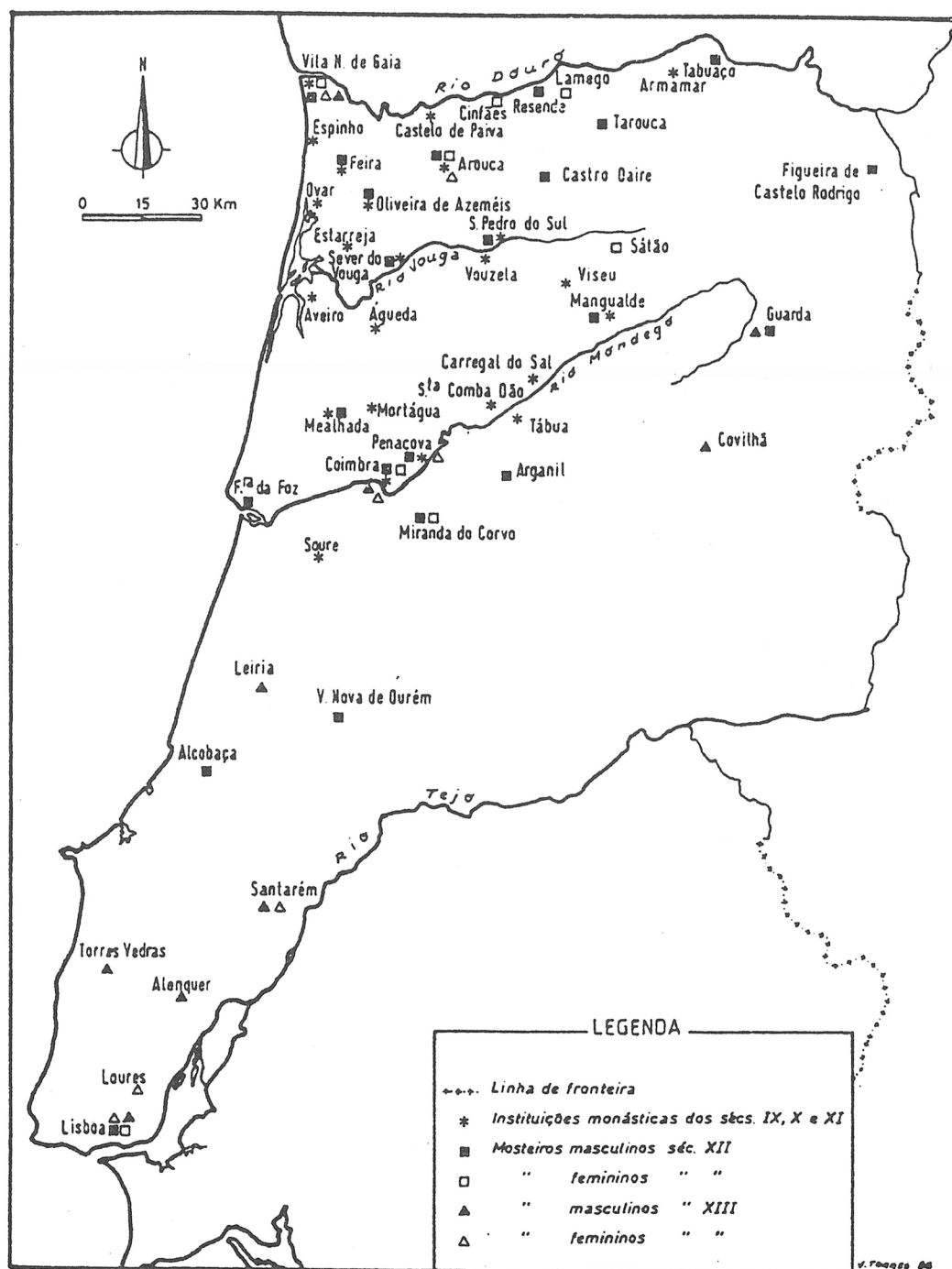


Instituições monásticas >
(séculos IX - XIII)
in MARQUES, Maria Alegria,
Estudos sobre a Ordem de
Cister em Portugal, 1998.

Mosteiros Beneditinos >>
Portugueses (século XII)
in MARQUES, Maria Alegria,
Estudos sobre a Ordem de
Cister em Portugal, 1998.

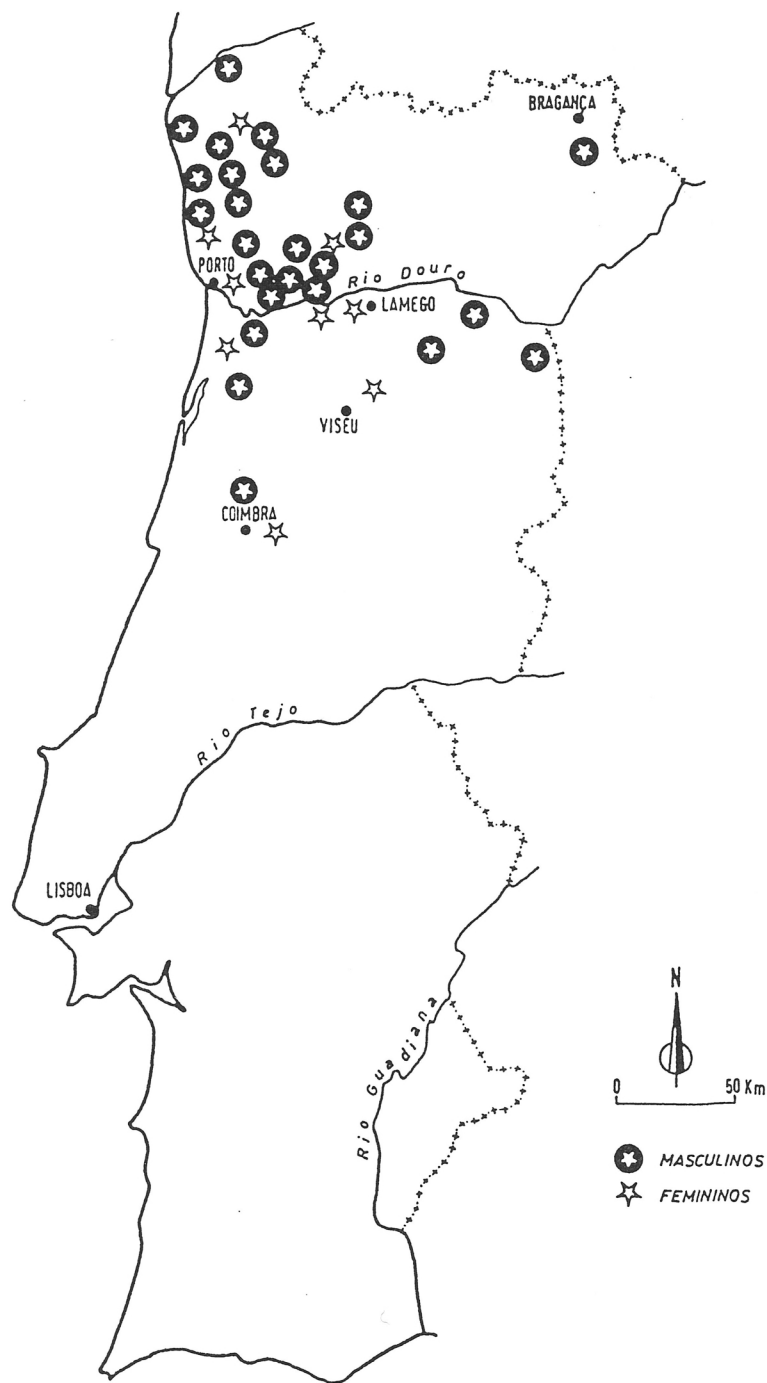
Mosteiros Cistercienses >>
Portugueses (Idade Média)
in MARQUES, Maria Alegria,
Estudos sobre a Ordem de
Cister em Portugal, 1998.

Instituições Monásticas entre Douro e Tejo (séculos IX-XIII)



Mosteiros Beneditinos Portugueses

(séc. XII)



Mosteiros Cistercienses Portugueses
(idade média)

